

Universidade Federal de Ouro Preto
Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação

**O SENTIDO DA HISTÓRIA
PARA HANS FREYER: UMA
INTERPRETAÇÃO A PARTIR
DAS FORMAÇÕES SOCIAIS.**

Henrique Dutra de Oliveira

Mariana
2021



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HENRIQUE DUTRA DE OLIVEIRA

**O SENTIDO DA HISTÓRIA PARA HANS FREYER: UMA INTERPRETAÇÃO
A PARTIR DAS FORMAÇÕES SOCIAIS**

MARIANA
2021

HENRIQUE DUTRA DE OLIVEIRA

**O SENTIDO DA HISTÓRIA PARA HANS FREYER: UMA INTERPRETAÇÃO
A PARTIR DAS FORMAÇÕES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em História.

Área de Concentração: História

Linha de Pesquisa: Ideias, Linguagens e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O482s Oliveira, Henrique Dutra de.
O sentido da história para Hans Freyer [manuscrito]: uma interpretação a partir das formações sociais. / Henrique Dutra de Oliveira. - 2021.
97 f.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. História - Filosofia. 2. Sociologia. 3. Cultura. 4. Historicismo. I. Mata, Sérgio Ricardo da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 930.1

Bibliotecário(a) Responsável: Sione Galvão Rodrigues - CRB6 / 2526



FOLHA DE APROVAÇÃO

HENRIQUE DUTRA DE OLIVEIRA

O sentido da História para Hans Freyer: uma interpretação a partir das formações sociais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História

Aprovada em 01 de dezembro de 2021

Membros da banca

Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Sabrina Magalhães Rocha - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. João Rodolfo Munhoz Ohara - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sérgio Ricardo da Mata, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 06/08/2022



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Ricardo da Mata, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/08/2022, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0375384** e o código CRC **91255614**.

Para Ligia e o Prof. Gedir

Agradecimentos

Agradeço sinceramente aqueles que contribuíram para a elaboração desta pesquisa. Ao professor Sérgio da Mata, que desde a graduação acolheu este projeto referente a importância do pensamento de Hans Freyer para o campo da História e soube, da melhor maneira possível, lidar com as minhas dificuldades à medida que eram produzidos cada um dos capítulos que compõem o presente trabalho. Aos professores da banca de qualificação: André de Melo Araújo e Giulie Vieira e da banca de defesa: João Ohara e Sabrina Magalhães, pela leitura e observações pertinentes. Sou grato também aos demais professores da UFOP, Celso Taveira, Crisoston Tertio Villas Boas e Francisco Eduardo de Andrade, que propuseram refletir a relação entre a história e a sociologia como duas disciplinas que se complementam.

Gostaria ainda, de registrar meus agradecimentos a todos os membros da minha família, em especial a minha mãe, sempre dedicada na condução da educação de seus filhos e ao meu pai, o professor, aquele que ao ingressar na vida universitária ainda nos anos de 1960 na cidade de São Paulo, demonstrou durante toda a sua vida a seus filhos e netos a sua real paixão pelo conhecimento.

Resumo

Essa dissertação buscou compreender a visão de Hans Freyer acerca da chamada “nova sociologia”, uma análise das formações sociais a partir de seu contexto histórico, presente em seus estudos iniciais na década de 1930 em sua obra *A Sociologia Ciência da Realidade*. Para alcançar o nosso objetivo, submetemos as obras publicadas por Freyer entre os anos de 1930-1965 à análise, afim de entender a realidade dos fatos sociais de uma época a partir de sua historicização, com vistas a captar as constelações histórico-concretas da vida social para uma subsequente orientação nas questões existenciais no presente. Também analisamos o entendimento que Freyer tem do conceito de “herança histórica” e com que extensão e profundidade a herança imputa nos homens a responsabilidade e autonomia por sua situação atual, na medida em que o legado é aceito e interiorizado em suas vivências. Para Freyer o passado que nos obriga e, portanto, pertence a nós, é aquele que traz para a nossa existência uma preocupação, sendo nesse sentido um reflexo da crise que é convertida em um lugar de decisões oportunas para marchar adiante.

Palavras-Chave: Filosofia da História; Sociologia, Cultura, Historicismo; Época Atual.

Abstract

This dissertation sought to understand Hans Freyer's view about the so-called "new sociology", an analysis of social formations from their historical context, present in his initial studies in the 1930s in his work *The Sociology Science of Reality*. To achieve our goal, we submitted the works published by Freyer between the years 1930-1965 for analysis, in order to understand the reality of the social facts of a time from its historicization, with a view to capturing the concrete historical constellations of life for a subsequent orientation in the existential questions in the present. We also analyze Freyer's understanding of the concept of "historical heritage" and to what extent and depth the heritage imputes responsibility and autonomy to men from their current season, as the legacy is accepted and internalized in their experiences. I could also see that the past that obliges us and, therefore, belongs to us, is the one that brings a concern to our existence, being in this sense a reflection of the crisis that is converted into a place of opportune decisions to move forward.

Key words: Philosophy of History; Sociology; Culture; Historicism; Current Season.

Sumário

Introdução	8
1 Do Movimento de Juventude às Trincheiras	10
1.1 Teórico Conservador Radical na República de Weimar	21
1.2 Freyer na Universidade de Leipzig - ideologia e ciências sociais	28
1.3 Freyer – evidências de uma desilusão	35
2 O Tema da História	40
2.1 Consciência Histórica	46
2.2 História Monumental	51
2.3 História Antiquária	57
2.4 As Formações Sociais e sua Força de Resistência	60
3 A Herança e o Presente	65
3.1 Os Sistemas Secundários e a Herança	70
3.2 A Herança e o valor de começar de novo	77
3.3 O Quiliasmo como uma aureola da realidade	84
Conclusão	89
Referências Bibliográficas	93

Introdução

Os antigos mestres, diziam eles construir seus violinos com madeira de cabeça de sino, que há muito tempo absorveu o bom som do toque. Assim faz também a história. Forma o novo com madeira velha. Cada uma de suas realidades estão bem encharcadas de passado, e em sua ressonância são perceptíveis vozes muito antes silenciadas (FREYER, 1958:130)

Ao deparar com alguns estudos representativos do pensamento histórico alemão concernente as visões da modernidade surgidas ao longo do século XX, a partir de um seminário de historiografia oferecido pelo professor Sérgio da Mata que tinha por tema “História e pensamento histórico na Alemanha contemporânea”, despertou-me o interesse por compreender os diferentes diagnósticos elaborados sobre essa época, abrindo caminho para as ideias iniciais dessa dissertação. Nesta oportunidade foram discutidos vários expoentes do pensamento alemão em torno das políticas da memória, cultura e educação, dentre os quais estavam Hans Freyer e uma antiga geração de pensadores procedentes de distintas áreas do conhecimento (história, filosofia, sociologia), como Arnold Gehlen e Helmut Schelsky.

Esse movimento atraiu a minha atenção conforme tive um maior contato com os textos e as obras de Hans Freyer e pude perceber em seus escritos a importância oferecida em conciliar as áreas da história e da sociologia, tendo por base o fato de que no plano da realidade, sociedade e história constituem dimensões indissociáveis da vida humana.

Este trabalho se insere no âmbito dos estudos desenvolvidos na Teoria da História, estabelecendo um diálogo com o pensamento histórico alemão da primeira metade do século XX. Tem como objetivo principal compreender a realidade do tempo presente gerados a partir das formações sociais e do momento histórico de uma época atual nas teorias de Hans Freyer. Busca reconhecer com plena consciência: que para além de um passado que existiu em si e por si, também o passado é o espelho do presente, e que é no presente que se consome o passado, ampliando formas distintas de se pensar a história e a história do tempo presente.

Essa dissertação, portanto, trata em primeira instância de apresentar o pensamento de Freyer com a intenção de trazê-lo para as discussões no Brasil e, em seguida mostrar como seus argumentos são pertinentes para o aprofundamento dos estudos no campo da história da historiografia e da teoria da história, além de promover a investigação de uma tradição praticamente desconhecida entre nós, não pela novidade em si, mas pelo fato de o trabalho contribuir para a complexidade da realidade, no caso, a relação entre a história e a sociologia,

sobretudo em um momento no qual somos demandados a refletir de maneira mais responsável e consequente sobre o que vem a ser a interdisciplinaridade real e seu valor na equação amplamente discutida tanto na história quanto na sociologia entre pluralismo e reflexividade.

A organização deste texto seguirá da seguinte forma: a primeiro momento faremos uma apresentação biográfica de Freyer, destacando como se deu a sua trajetória acadêmica junto a seus mentores na Universidade de Leipzig¹ e na Universidade de Berlim, uma vez que o quase desconhecimento a seu respeito deve nos conduzir a contextualizá-lo historicamente em sua vida social, política e profissional na sociedade alemã. Em seguida, faremos, de forma organizada, a exposição de sua teoria concernente ao que denominou “ciência da razão”, (*Logoswissenschaften*), um estudo que tem por finalidade apreender a realidade dos fatos sociais a partir de sua historicização, com vistas a captar as constelações histórico-concretas da vida social através das formações sociais e suas forças de resistência, ou seja, manifestações do passado que permanecem como forma de orientação no presente. No terceiro momento, o objetivo é tentar relacionar o conceito de herança com o conjunto de valores que está contido na vida dos indivíduos a partir de sua tradição e cultura de modo a identificar as autênticas estruturas do mundo histórico moderno enquanto herança verdadeiramente atuante, compreendendo os seus efeitos totalizantes e as reais possibilidades de superação através da ação humana e seus processos decisórios. Por fim, a proposta é trazer uma breve discussão a respeito da filosofia da história e a sua incongruência com a realidade, onde seus pensamentos e práticas se voltam para objetos inexistentes da vida real, a semelhança do pensamento quiliástico descrito por Hans Freyer, em que a partir do futuro interpreta o presente e o passado através de uma profecia retrospectiva, buscando nesse sentido retomar alguns dos argumentos desenvolvidos e, reforçar mais uma vez a relevância do seu pensamento.

¹ Chamada por seus alunos de Alma Mater Lipsiensis (AML), conta com 600 anos ininterruptos de ensino e pesquisa sendo uma das mais antigas universidades da Alemanha. Oficialmente fundada em 2 de dezembro de 1409.

1 Do Movimento de Juventude às Trincheiras

Ele foi um dos pensadores mais engajado e um dos intelectuais de maior prestígio, associado ao movimento por uma “revolução conservadora” nos anos de 1920 na Alemanha. Não é o apoio ao Nacional-Socialismo, mas a natureza de suas ideias concernentes à busca por uma análise das formações sociais a partir de seu contexto histórico, que fez de Hans Freyer importante para o campo historiográfico, assim como predecessor da chamada “nova sociologia”.

Em suas pesquisas Freyer destaca uma significativa relação entre as áreas da sociologia e da história a partir de um estudo realizado nos anos de 1930, ao analisar o surgimento das culturas em suas condições distintas provenientes de leis e ritmos diversos, sendo nesse sentido um fenômeno singular e, portanto, irrepetível. Se para a sociologia formal as formações sociais são concebidas dentro do tempo de uma história geral para pensar as suas realidades, para Freyer, a sociologia é de natureza histórica em seu conteúdo e forma, devendo dar atenção a sua historicidade e suas reais necessidades de mudança.

Nesse sentido, em decorrência desta e outras reflexões, Freyer reconhece a necessidade de unificar o suprimimento ideológico dos fundadores da sociologia, os românticos, aqueles que eram contrários a qualquer ideal racional de sociedade, aos seus reais objetivos quanto à compreensão de uma época atual a partir do que denominou de “sociologia da realidade”, em que todos os conceitos sociológicos deveriam incorporar uma porção de historicidade.

Diante dos desafios de sua época, concernente às incertezas políticas e econômicas em que se encontrava, desenvolveu um estudo capaz de apreender a complexa estrutura de uma vida social que se via transformar de maneira rápida e profunda em meio a uma crescente urbanização industrial. Para ele, os conceitos como povo, Estado e sociedade seriam compreendidos à luz de uma perspectiva histórica, de modo a classificar os padrões sociais como saudáveis ou decadentes, para em seguida tomar uma decisão quanto ao estabelecimento das bases para a sua reconstrução.

Freyer obteve reconhecimento posterior pelos seus trabalhos, em especial por uma geração de historiadores alemães que se formou nos anos de 1950 (à qual pertenceu Reinhart Koselleck, por exemplo), vinculado ao grupo de sociólogos alemães, junto a “Karl Mannheim, Max Scheler, Alfred Weber, Georg Simmel, Helmut Schelsky” (SCHELKY, 1971:17) dentre outros que integraram a descendência alemã mais sacrificada pela Segunda Guerra Mundial.

O homem que mereceu tal reconhecimento nasceu em Plagwitz, subúrbio de Leipzig em julho de 1887, passou a infância no seio de sua família, economicamente capaz de suprir suas

necessidades, mas não rica, onde seu pai, Ludwig Israel Freyer, pertencido ao corpo de funcionários da burocracia no serviço público alemão na pequena cidade de Burgstadt. Ao analisarmos a trajetória familiar e acadêmica de Curt Johannes Freyer, a partir do hábito confiado a ele desde criança na prática da religiosidade protestante, verificamos que o seu interesse em se tornar um teólogo, desejo também de sua mãe Helen Broesel, foi um crescente que foi tomando vulto até o momento em que se inscreve na Faculdade de Teologia da Universidade de Greifswald como aluno universitário.

Em meio a essa longa e atuante caminhada em busca de uma carreira em perspectiva teológica, um semestre depois, em outubro de 1907, transferiu-se para a Universidade de Leipzig, matriculando-se novamente na Faculdade de Teologia. No entanto, alguns elementos influenciaram na consolidação da inadequação de uma cultura religiosa herdada a partir do fundamento da fé protestante, e agora verificamos Hans Freyer a frequentar regularmente os cursos de filosofia, história e literatura.

O fato, é que ao construir em seu imaginário a possibilidade de se tornar um teólogo luterano, mediante a inserção em um novo espaço social para além de uma cultura cristã, Freyer não esperava que a defrontação com novas áreas do saber, sobretudo no campo das ciências humanas, lhe provocaria uma mudança drástica na maneira de encarar a vida a partir de novas perspectivas ideológicas para a existência humana.

Freyer, nesse momento, a medida em que compara e relaciona os novos conhecimentos adquiridos a respeito das orientações filosóficas e culturais fundamentadas e justificadas na ação humana, frente aos princípios do cristianismo, gradativamente promove a dessacralização dos valores éticos-religiosos.

Para ele, quando o pensamento concernente aos princípios de uma fé transcendental no que tange ao juízo final, ao reino futuro da salvação e ao eterno, se volta para o futuro, ou com vistas a ele encara o passado e o presente em busca de um sentido de indicação para o que está por vir, de certa maneira, lança-se uma luz ilusória e irreal sobre o passado, produzindo o que denominou de “profecia retrospectiva”, aquela capaz de se apoderar da consciência de tal forma a interpretar o passado mediante ao que se anuncia e espera de um futuro vindouro.

Nesse sentido, Freyer caracteriza as ideologias de sua época como uma espécie de religião deformada, pois observa que todos os símbolos da vontade de Deus, relativo à salvação dos homens, são trocados por uma história da civilização humana, em que uma é projetada sobre a outra e a transcendência é recolhida ao plano terrestre. Verifica-se que mesmo tendo realizado uma renúncia aos dogmas cristãos, o esquema escatológico é apropriado pela história

profana, fazendo com que o futuro se torne superestimado e transformado em critério para toda a história, onde o ethos por uma crença progressista será capaz de interpretar toda uma época pregressa com vistas a um futuro idealizado.

Portanto esta herança do pensamento religioso transvestida na crença no progresso, o que lhe confere a sua enorme força propulsora e a possibilidade de consumação da história, foi capaz de ofuscar, volatizar ou mesmo destruir toda uma compreensão em relação à historicidade do homem. Assim sendo, o presente perde o caráter de um estado no qual se apresentam possibilidades, decisões e tarefas próprias, em consequência de um olhar enviesado no que se refere as práticas das ações dos homens na realidade da vida.

Observamos até aqui que a universidade, para Freyer e para a sua geração que compartilhava do mesmo contexto social e cultural, se tornou um verdadeiro fundamento na busca de um novo preceito capaz de substituir a fé de seus pais. Contudo, apesar de ter rejeitado a religião de seus antepassados, as doutrinas filosóficas e o poder das ideologias que se fez ouvir em todas as oportunidades possíveis e de forma iniludível, chegando a quase todos seus amigos de sua época, não se apresentaram como um substituto secular satisfatório.

Segundo Freyer, a ideologia seria um instrumento de autoafirmação e luta, uma forma de espírito engajado, aquela capaz de se ajustar a uma determinada situação política, trazendo em seu bojo uma série de verdades a partir de experiências comprovadas e previsões cumpridas. Nesse sentido, as ideologias não flutuam no ar, antes de poder falar e apelar a suas crenças, sempre será necessário perguntar de sua situação política ou social, assim como o sujeito a que pertencem. Julgamos importante observar, antes de mais nada, que apesar de Freyer se encontrar em um ambiente de múltiplas escolhas culturais, naquele momento nenhum modelo ideológico parecia persuadi-lo. Declara Freyer anos depois:

Por isso, quem traz em sua estrutura mental muita teologia recebida de seus pais, mas se tornou apóstata, de modo que seus órgãos religiosos são bastante desenvolvidos, sem dúvida, mas carentes de função, está excelentemente apto a crer em ideologias, a defendê-las como um padre e mesmo a criá-las. As ideologias são, acima de tudo, religião deformada, muito mais do que ciência deformada (FREYER, 1965:112).

Eu diria, que para Freyer, o campo das ideologias só ganha especial relevância, não só para ele, mas para muitos de seus companheiros que passaram a conviver na faculdade junto ao Movimento de Juventude², quando estes pensamentos são formulados por uma geração em

² O Movimento de Juventude Germânico foi um movimento cultural e educativo que floresceu no seio da burguesia alemã instruída na década anterior a Primeira Guerra Mundial. Um movimento de muitas associações juvenis diferentes capaz de proporcionar um senso de propósito compartilhado e significados mais elevados por uma renovação cultural.

curso, dispostas a assumir o acontecimento histórico a partir de sua apreensão e apropriação, de maneira a transformar uma situação dada em uma situação assumida.

Para ele, na medida em que eu assumo a situação do acontecer histórico, que eu entro em contato direto e encaixo as minhas próprias perspectivas, ações e resistências, a história deixa de ser desenrolada a partir do futuro e passa a ser constituída periodicamente no presente, ou seja, de época em época, de ano em ano, de geração em geração.

Portanto, as ideias produzidas no decorrer de uma geração não são determinadas a partir de uma teoria do “fim da história”, aquela em que em algum momento a humanidade atingiria um equilíbrio representado pela igualdade entre todos, e sim tende a ser projetadas em um futuro alicerçado no presente, de modo a combinar tendências e possibilidades, quanto a adaptar-se a determinada situação e conserva-la, ou se necessário domina-la e transforma-la.

Nessa situação, compreendemos que o sistema ideológico apresentado por Freyer tem como eixo central a realidade histórica concreta, em que as ações dos homens estão condicionadas a seu próprio momento. Aqui se trata de situações projetadas em um contínuo projetar-se, ocasião em que cada geração é responsável por enfrentar os problemas originados em sua época a partir de decisões e criações, de forma dar prosseguimento à existência humana e eliminar qualquer ideia por uma história constituída de sentido e direção.

Neste ponto quero dizer que para Freyer, as ideologias surgidas naquele momento, sobretudo as mais modernas, não poderiam permitir a existência de qualquer grau de incerteza. Elaboradas a partir de uma conceituação científica, estariam aptas a afirmar, defender e acentuar a sua verdade, seja internamente entre seus próprios partidários por meio de um sistema educativo, ou a partir de uma ação externa àqueles que se colocavam no campo adversário, atuando de modo a intranquilizar suas consciências através de uma permanente ameaça de agressão.

O fato é que naquele instante, essas ideias e movimentos buscavam por uma renovação dos valores culturais vigentes na Alemanha de Guilherme II, a partir de duras críticas aos denominados modernizadores, ou seja, a burguesia industrial e comercial, onde o acontecer histórico assumira realmente o caráter de progresso automático, um avançar sob a forma de uma reação em cadeia.

Para os integrantes do Movimento de Juventude, a classe burguesa era a responsável pelas recentes transformações na urbanização, na indústria³, na tecnologia, assim como no

³ Entre os anos de 1870 e 1914 a Alemanha havia transformado em um país altamente industrializado, onde a população dos Estados alemães saltou cerca de 42,5 milhões, em 1875, para aproximadamente 68 milhões, em

sistema prussiano da educação secundária que se encontrava naquele momento cerceada a partir de uma educação mecânica, rígida, tradicional, elitista e conservadora.

Em oposição a este ensino rígido e conservador presente em sua época, observamos em Freyer, que o verdadeiro auto-desenvolvimento somente poderia ser conquistado através de uma educação que realmente almejasse a formação dos indivíduos, a partir dos valores pedagógicos, atrelado ao idealismo filosófico, a cultura nacional, a literatura alemã, ou seja, a uma formação cultural, um processo educativo que compreendesse diversas áreas do conhecimento científico e social humano.

Nesse movimento por uma renovação cultural, os caminhos se deram a partir da relação de Freyer com seus mentores acadêmicos na Universidade de Leipzig e na Universidade de Berlim, na promessa de proporcionar uma nova ciência social proveniente de sistemas culturais mais abrangentes, aquela que fosse capaz de discutir os problemas atuais quanto a industrialização alemã e promover uma análise com sobriedade da estrutura social da sociedade industrial que adquiriria naquele momento contornos mais nítidos.

Para além dos estudos filosóficos, Freyer se dedicou aos estudos da economia, psicologia, literatura e história, sendo influenciado dentre outros professores, pelo historiador Karl Lamprecht, fundador do centro de estudos comparativos entre história e culturas universais em Leipzig, departamento do qual Hans Freyer se tornaria chefe no ano de 1933; e o filósofo Georg Simmel, a partir de 1913, momento esse em que Freyer, atraído por seus estudos em filosofia da cultura, acompanha uma série de preleções em Berlim.

Parece claro, portanto, que as pesquisas interdisciplinares que vinham acontecendo em Leipzig entre Lamprecht e o psicólogo e filósofo alemão Wilhelm Wundt⁴ em busca de um substitutivo indutivo da filosofia da história a partir de materiais etnográficos e históricos, atraiu a atenção do jovem Freyer no que diz respeito a compreensão das formações sociais em seu tempo histórico, vindo a frequentar como aluno regular de Leipzig em 1912 o curso de Lamprecht, intitulado: “Introdução ao entendimento histórico cultural do presente”.

Pelo que nos é dado a perceber, a herança da escola histórica alemã de ciências sociais que tinha por afinidade a “filosofia romântica” estava muito viva entre os professores de Hans Freyer em Leipzig. A característica fundamental da doutrina romântica da sociologia estava em procurar se afastar de toda filosofia social inspirada na *Ilustração* e se encontrava em oposição

1915. Em 1882, a indústria pesada alemã empregava 356 mil operários, cerca de 1,12 milhão em 1907 (RINGER, 2000:55).

⁴ Considerado um dos fundadores da psicologia experimental e criador do primeiro laboratório de psicologia no Instituto Experimental de Psicologia na Universidade de Leipzig em 1879. Publicou em 10 volumes entre 1900 e 1920 (Psicologia popular ou cultural).

a todo ideal racional de sociedade, como também contra toda superestimativa da uniformidade e igualdade, do que era comum ao homem universal.

Nesse sentido, entendemos que foi do entusiasmo de um rol de professores no zelo por uma moderna ciência social, que se considerou investigar a relação do presente com o passado de modo que fosse possível auxiliar os homens a se orientarem na história a partir de sua cultura e tradições. Tanto para Lamprecht quanto para Wundt, ao relembrares a alegação da escola histórica de que a unidade final da história era o povo, identificaram na cultura a importância de um sentimento mais amplo de resistência através das crenças, das instituições e seus sistemas econômicos, decorrentes da expressão de um espírito coletivo.

Ao finalizar em 1911 sua tese de doutorado, “História da Filosofia no Século XVIII”, Freyer conclui que a ideia de uma perspectiva racional universalista da história da filosofia de Hegel havia sido superada, do contrário, teríamos uma ameaça às culturas históricas locais das quais os indivíduos derivam um senso de propósito e coesão. Com efeito, ele não tinha a pretensão de buscar uma fundamentação teórica do conhecimento das ciências sociais nas explicações históricas totalizantes de Hegel, mas sim assente por uma vertente neo-hegeliana, ao ser instruído a partir das inúmeras preleções⁵ oferecidas por seu mentor Felix Krueger, aquele que havia passado um bom tempo em Berlim a estudar com Wilhelm Dilthey, e agora se encontrava “empenhado em desenvolver uma psicologia holística e historicista, de acordo com os escritos metodológicos de Dilthey” (MÜLLER, 1987:10).

A crítica de Freyer à suposição de uma razão universal é usada para caracterizar, de modo mais genérico, os seus próprios pressupostos historicistas, assim como o seu respeito pela variedade e diversidade cultural. Para ele, em sua obra “Teoria da época atual”, seria tarefa do historiador produzir feixes de luz que fossem capazes de focar e analisar a estrutura particular dos objetos e acontecimentos históricos no interior de uma série histórica permeada de mudança, fluidez e singularidade. Sendo assim, o pesquisador estaria apto a demonstrar a partir das contradições existentes no interior de uma mesma época, o que realmente pertence a ela como expressão absolutamente válida de seu tempo.

Depois de concluir seu doutorado, Freyer passa a ensinar em um internato localizado nas proximidades de Leipzig, uma escola de comunidade livre a partir de uma educação inovadora que visava o desenvolvimento integral do indivíduo em relação à arte, à ginástica, às ciências naturais. Ficou ali por dois anos a conviver nessa nova experiência de internato para

⁵ As preleções ofertadas por Felix Krueger despertaram futuras preocupações a Hans Freyer, intituladas: “A psicologia e a ética da vida econômica”, “As origens e as principais formas de estrutura social” e “A filosofia da história”.

jovens, comunidades autônomas que tinha por propósito a partir da *Bildung* desenvolver uma nova cultura, bem parecida com o Movimento de Juventude e os *Serakreise*⁶, instituições que havia frequentado no final de sua adolescência e na juventude. Apesar de seu interesse por estes movimentos, compreendia que ao os jovens permanecerem em uma subcultura comunitária reclusos das instituições dominantes, carregavam consigo um problema de relacionamento e adaptação com a sociedade ao seu entorno.

Entretanto, no outono de 1913, Freyer foi para Berlim promover sua escola e começar a trabalhar para a sua habilitação⁷. Berlim, para ele, não passava de um meio para atingir um fim, admirador dos trabalhos de Georg Simmel, em especial pelos estudos realizados em filosofia da cultura, foco da atenção não só por Freyer mas para vários amigos, estudantes, ex-membros dos *Serakreise* que se encontravam na universidade. Sucedeu que frequentou todas as preleções de Simmel, um virtuoso da palavra, produtor de sólidos fundamentos teóricos, que ao sabor da encenação construía o seu pensamento em alta voz.

As ideias sensíveis de Simmel sobre o seu tempo eram muito inovadoras a partir de um desenvolvimento “do positivismo spenceriano ao neokantianismo” (*Ibidem*:46), para ele, a intensidade dos conceitos de “experiência” e “vida” o levaria a certos padrões de pensamento, o que denominaria a metafísica de sua *Lebensphilosophie*, (filosofia da vida), concepção presente nos dois ensaios escritos por Freyer no ano de 1914 e que deixaria a partir daí uma impressão permanente em seus futuros trabalhos, referente à apreensão da realidade social a partir das manifestações dos indivíduos, proveniente na vivência e na vontade dos homens no interior de cada época.

A ideia de Simmel sobre *Leben*, surgiu a partir de uma amizade travada com Henri Bergson, filósofo e ensaísta francês que havia adotado para a fundamentação do seu pensamento a sociologia e a psicologia. Sendo o termo *Leben* associado a um rio que flui, a vida estaria em um constante fluxo de transformação, em parte, naquele momento histórico, pela expansão da industrialização e seus meios produtivos.

Assim sendo, a “filosofia da vida” de Simmel era um fluxo constante da vida que resistia a todo momento às formas objetivadas, ou seja, às criações dos homens que tão logo tornavam-

⁶ Os *Serakreise* surgiram por iniciativa de Eugen Diederichs, proprietário de uma editora que levava o seu nome, sendo um movimento de renovação cultural composto principalmente por estudantes universitários. Diederichs se preocupou em desenvolver autores mais jovens que compartilhavam a uma insatisfação com a Alemanha de sua época, a exemplo: Georg Lukács, Walther Benjamin.

⁷ É uma “segunda tese”, sem a qual a pessoa não pode aspirar a uma nomeação como professor universitário. No sistema universitário alemão tornou-se normal escrever duas teses de doutorado: a tese inaugural (dissertação inaugural), de conclusão de curso; e a tese de habilitação, (*Habilitationsschrift*), que abre o caminho para a cátedra.

se obsoletas, perdiam o seu significado de orientação em meio a uma progressiva e acelerada mudança social.

Nos anos que se seguiram, Simmel se utilizou de várias terminologias para expressar a dialética entre a subjetividade dinâmica e as criações estáticas da objetividade. Vale notar que, em decorrência da crescente divisão do trabalho e a complexa vida moderna, o seu olhar é pessimista ao encarar o desequilíbrio entre a cultura objetiva e a cultura subjetiva, isto é, entre as ações concretas dos homens na vida frente ao mundo das ideologias, intitulando esse momento como “tragédia cultural”.

Para Simmel, toda a cultura começa na vida do indivíduo, desejos pré-rationais que estão contidos em um fluxo constante. A fim de garantir a sua validade e prática, estes desejos são assegurados, delimitados por instituições sociais a partir de um processo contínuo de objetivação das experiências subjetivas, manifestado na cultura e, por conseguinte, na tradição como um meio comum de orientação aos indivíduos.

Foi em razão dos métodos de Simmel e o seu conceito de “filosofia da vida” capturar tão efetivamente a metafísica subjacente do historicismo alemão, no que diz respeito a uma concepção filosófica de que os fenômenos humanos são históricos, que impulsionou Hans Freyer a abraçar com grande interesse esse pensamento.

Ora, se para Simmel a sobrecarga cultural e a perfeição técnica gerou no homem uma desorientação, para Freyer, não se trata de um descaminho ou “tragédia cultural” e sim de tensões do tempo presente. Toda manifestação da realidade, seja no campo das ideias ou nas construções dos homens, é influenciada por um momento particular da cultura histórica em decorrência da vida permanecer intrínseca ao espírito de uma época, portanto restrita ao tempo humano:

Quando uma sociedade existente não atende mais às necessidades do tempo, quando as formas sociais e culturais se tornam vazias, uma ética objetiva exige sua reforma ou a transformação da sociedade pela revolução. (MÜLLER, 1987:53)

O “mal-estar cultural” apontado por Simmel subsequente às mudanças sociais, seria para Freyer solucionado em uma época futura, instante esse quando os novos mitos, as ideias, os sentidos, a consciência, o gosto, são restringidos pelas leis do tempo presente. Mais uma vez instaura a estabilidade respaldada pelas instituições sociais tão necessárias para promover o equilíbrio interno e a ordem duradoura no fluxo da história.

Com efeito, o pensamento reflexivo expresso em um artigo publicado no decorrer da primeira metade do ano de 1914, intitulado “O Problema da Utopia”, sob uma perspectiva

historicista e particularista, defenderia a ideia de que a ordem moral e, portanto, a estabilidade, só estaria garantida dentro de uma comunidade histórica, no povo. Segundo ele, a nossa orientação ou o “nosso senso de propósito vem da participação nas grandes ‘objetivações da cultura’, da participação em um grupo histórico real” (FREYER, 1920:321-345). Nesta conjuntura se instaura o equilíbrio entre a ética social, ou ética do presente e o “espírito do povo”.

Para além dos estudos histórico-sociais, a Grande Guerra foi um elemento decisivo para incutir esse senso de propósito elevado e coletivo tão esperado pelo Movimento de Juventude, que teoricamente, a estabilidade de uma sociedade seria novamente alcançada somente através da valorização cultural de seu povo e do fortalecimento de suas instituições.

Freyer serviu durante os anos de 1912-13 sua obrigação militar na Guarda Real Saxônica de Dresden, pouco antes de retomar seus estudos acadêmicos em Berlim. No entanto, com a eclosão da guerra no ano de 1914, assumiu o posto de vice tenente em seu regimento, uma experiência que o acompanhou o resto de sua vida por ter sido gravemente ferido por duas vezes, de uma delas resultaria a perda parcial de sua audição.

Aparentemente, era dos mais legítimos o caminho percorrido com tanta esperança pelos professores e mentores de Freyer durante os primeiros anos de guerra. Para eles a nação deveria estar em busca de sua própria essência e potencialidades internas, com ênfase na particularidade da cultura nacional. Em busca de uma defesa entusiasta da causa nacional, tanto modernistas quanto ortodoxos estavam empenhados e esperançosos de que o sentimento patriótico fosse capaz de superar o egoísmo dos partidos. Fritz k. Ringer diz:

Em público, porém, os acadêmicos alemães de todas as tendências políticas falavam quase que exclusivamente de seu otimismo e entusiasmo. Na verdade, saudavam a guerra com uma sensação de alívio. As diferenças partidárias e os antagonismos de classe pareciam evaporar-se diante do apelo ao dever nacional. Os sociais-democratas marchavam para o front cantando, na companhia de seus superiores, e os intelectuais mandarins rejubilavam-se com o aparente renascimento do “idealismo” na Alemanha (RINGER, 2000:173).

À primeira vista, é surpreendente que os eventos futuros dariam razão a estas interpretações de época, já que o século XX deveria ser dominado pelas ideias de 1914, ou seja, o surgimento de um novo espírito comunal capaz de integrar todas as forças econômicas e políticas numa totalidade em busca de um novo Estado alemão. Já para os acadêmicos alemães não se tratava de um fenômeno puramente militar e sim de uma guerra cultural, onde as forças mais profundas de sua cultura, de seu espírito e de sua história seriam os reais responsáveis por sustentar a guerra a partir de sua alma.

Se antes da guerra as pessoas eram acometidas por uma austeridade de egoísmo individual e de grupo, agora é preciso considerar que com a declaração de guerra passam a celebrar o triunfo dos objetivos supremos, apolíticos, trazendo ao indivíduo a necessidade da prática do auto sacrifício em nome da nação, “como o catalisador de um processo que transformaria o *ethos* individualista e economicista do *Reich* pré-guerra em uma nova cultura mais coletivista” (MÜLLER, 1987:61).

Nesse sentido, a conduta em relação a uma economia gerenciada pelo Estado, teria por consequência um indivíduo subordinado ao interesse do todo. Não obstante, sem pressentir, a política de poder no papel moral do Estado serviria para equilibrar a ação de uma economia de mercado, assunto que seria recorrente nos escritos políticos de Freyer durante a década de 1920.

Num plano particular, diante da controvérsia iniciada pelos industriais alemães e posteriormente pelos ruralistas sobre os objetivos da guerra durante os anos de 1914/1915, assim como o espantoso número de mutilados e feridos vivenciado pelas diversas classes em diferentes intensidades, fez com que as distinções de classe fossem reforçadas e a tensão entre elas acentuadas, aumentando constantemente de intensidade entre os anos de 1915 a 1918. Verificamos nos estudos apresentados por Marthin Kitchen:

A medida que a situação na linha de frente gradualmente se deteriorava, a sociedade começou a se desintegrar enquanto os conflitos de classes se acentuaram, as disparidades regionais aumentaram e a cidade se opôs ao campo. A renda real das pessoas caiu entre 30% e 40%. O consumo calórico diário caiu de 3.400 em 1913 para 1.000 no inverno de 1917. Havia pouquíssimo dinheiro disponível para prover a subsistência das esposas e das famílias dos soldados. (KITCHEN, 2013:265-266)

Contudo, à frente de um futuro imprevisível em que as decisões das forças políticas poderiam a qualquer momento fugir de uma ética racional, Hans Freyer examinou conscientemente o peso dos acontecimentos, momento em que escreve o seu segundo livro, *Antäus*, durante os anos de 1916-17, a partir de uma série de cartas redigidas nas trincheiras da frente ocidental e encaminhadas a um de seus amigos do *Serakreis*.

Após o manuscrito ser datilografado, foi apresentado a Eugen Diederichs em Leipzig e publicado no outono de 1918 com o título: *Antäus: Fundamentos de uma ética da vida consciente*. Este livro é escrito em forma metafórica, a partir de um irrestrito uso de imagens, onde suas análises são concebidas em estilo poético e teórico, o que favoreceu para a receptividade de um grande público instruído, porém, não atraiu a atenção dos filósofos de

vanguarda. Segundo Hellmuth Falkenfeld⁸ em uma resenha publicada em 1920 sobre a obra *Antäus*, o autor compartilhou de um excessivo expressionismo retórico; “é tão empolgado pelas imagens que os pensamentos que ele originalmente pretendia expressar cai em vazio” (MÜLLER, 1987:66).

Não obstante a crítica, a maioria dos comentaristas considerou o livro um produto oportuno para a época, pois havia despertado um compromisso quanto a preservação da particularidade cultural da Alemanha, trazendo-lhe uma certa notoriedade nos círculos acadêmicos e contribuindo para a sua habilitação junto a George Simmel. Segundo os arquivos da editora Eugen Diederichs Verlag em Colônia, podemos ter um vislumbre quanto a receptividade desta obra:

Pelos padrões da editora Diederichs, *Antäus* era um best seller, e em 1923 sua primeira edição de três mil cópias havia esgotado, exigindo uma segunda impressão. Continuou a vender quase cem cópias por ano ao longo dos anos 1920. (MÜLLER, 1987:71).

Não há dúvida de que o interesse do grande público coincide com as intervenções de Freyer ao reafirmar os pressupostos do historicismo alemão, quanto a uma atitude espiritual diante de uma realidade histórica única, aquela dotada de valor, significado, sentido e finalidade, de caráter dinâmico e composta por uma diversidade de vontades humanas.

É importante observar nesta obra que Freyer também se empenhou, em contraponto à teoria ética do iluminismo (aquela que defende uma moral própria em relação ao Estado), em formular uma nova ética eficaz, organizada a partir da racionalização, da sistematização da vida e suas demandas particulares. Este seria o fundamento real de uma ética, assunto em voga no meio intelectual pré-guerra e agora trazido à tona pelos humanistas acadêmicos no sentido de uma preservação da tradição e da valorização das normas sociais.

Para ele, o traço crucial do retrato de uma sociedade seria a sua pluralidade de tradições criadas pelas socializações dos homens no decorrer do tempo, cada uma das quais eticamente consentida pelo grupo. A insistência quanto a querer encontrar um único padrão de realidade a partir do ideal racionalista se devia à proposição teórica de que todas as tradições históricas particulares eram assimiladas por uma ética universal, “uma desconfiança louca da base do próprio ser, uma confusão arbitrária, uma tentativa de drenar a cor da vida, um desenraizamento de impulsos particulares” (Freyer, 1918 apud MÜLLER, 1987: 67), apostando na ideia de uma humanidade geral.

⁸ Estudou direito e filosofia em Freiburg im Breisgau, Munique e Berlim. Assim como Hans Freyer, se ofereceu em 1914 como voluntário na Primeira Guerra Mundial, destacado para o Ministério da Guerra em Berlim.

A condição de liberdade se encontra afirmada ao pertencimento a uma comunidade e a suas culturas históricas específicas, onde a ordem moral será capaz de promover, a partir das formações sociais, resistência e estabilidade, de maneira a oferecer direção às gerações futuras suscetíveis a mudanças, assim como ocorre com todas as coisas históricas.

Portanto a verdadeira liberdade em Freyer se dá através da ação do homem na Terra, uma renovação constante impulsionada pelos desafios e decisões que surgem no interior de cada época, lançando na criação de um novo “espírito objetivo”, uma manifestação concreta de sua vontade de liberdade, em que “o mundo seria espírito de seu próprio espírito” (FREYER,1965:25), um ser determinado ao seu próprio aperfeiçoamento. Assim, a figura de um solo cultivado para a vida, estaria alicerçado em um poder acumulado e derivado de uma autoridade fundadora, uma herança do passado que se faz presente nas tradições, e que, no entanto, não torna suas ações necessariamente enraizadas nas leis e hábitos morais do passado.

Comprendemos que, ao exaltar a função social da tradição, em nenhum momento Freyer determinou quais aspectos éticos do passado mereceriam compor as demandas morais do presente. Para ele, ao estarmos submetidos às exigências da vida, o pilar central para a formulação de uma nova força moral, as velhas leis seriam reformuladas e vigoradas com o propósito em atender as necessidades do tempo presente.

1.1 Teórico Conservador Radical na República de Weimar

A teoria social de Freyer possui, em muitos aspectos, a centralidade de duas correntes de pensamento que se justificam a partir de uma análise mais comedida da interconexão do conservadorismo radical com a “tradição do pensamento sociológico”⁹. Esse caminho nos acena como a possibilidade de um prosseguimento raramente levado a termo como parte de um mesmo cenário intelectual, com base em um movimento de ideias que se dá entre as teorias sociológicas para além dos muros acadêmicos¹⁰ com as ideologias do nacional socialismo.

Assim sendo, parte deste círculo social era composto por intelectuais conservadores radicais, dentre estes o filósofo político Carl Schmitt, o teórico social Arnold Gehlen, o escritor

⁹ Sobre as influências da tradição do pensamento sociológico, me refiro a “Escola Histórica Alemã” fundada em 1841 por Wilhelm Roscher, mais especificamente a segunda geração denominada “Nova Escola Histórica”, liderada por Gustav Schmoller, principal autor da tradição historicista em economia política; dentre outros tinha por preocupação central, as mudanças sociais provocadas pela industrialização tardia e acelerada da Alemanha.

¹⁰ Aqui não se trata de uma organização institucionalizada com seus papéis definidos, e sim, de um círculo de intelectuais conservadores radicais. Muitos de seus membros colaboradores voluntários ou defensores entusiastas do nacional socialismo não se conheciam pessoalmente, mas eram ligados entre si por uma cadeia de conhecidos próximos que estavam em conformidade por um ideal cultural particularista frente a modernização e os processos de transformação iniciados no final do século XIX em decorrência do advento das máquinas e das massas.

Ernst Jünger, o filósofo Martin Heidegger, assim como pelo próprio Hans Freyer, que vinculados pela amizade, por serem membros das mesmas organizações, leitores dos mesmos periódicos, pelas mesmas afinidades intelectuais e esperanças políticas, se encontravam naquele momento em defesa por um ideal cultural particularista em nome do Nacional-Socialismo.

Considerado em seu campo de realização mais restrito, se por um lado os conservadores recusavam em admitir que a ruptura da história alemã em 1918 pudesse ser reconstruída a partir de uma nova relação entre a antiga liderança nacional e o resto do povo, os fundadores intelectuais do Partido Democrático Alemão acreditavam que a república seria a forma de governo mais conveniente para uma sociedade extremamente industrializada depois de 1918, acrescida de uma gritante desigualdade social acirrada principalmente pela “Grande Guerra”.

Nesse sentido, para o modernista, havia a necessidade de encontrar um meio de salvar os direitos civis privados e um programa político e social moderado, de modo que apaziguasse os antagonismos de classe que conduziu a Revolução de 1918, afim de controlar os movimentos separatistas e as tentativas contra-revolucionárias sobretudo entre os anos de 1918-1924. Já para os conservadores, Weimar era tão corrupta, que somente uma “revolução espiritual” a partir de uma renovação interior poderia salvar o país, um espírito que estivesse acima dos interesses de classe e partido, sendo assim afirmavam: “precisamos de um líder [...] o grande herói popular conquistador” (RINGER, 2000:213).

A vida política da comunidade acadêmica alemã durante o período de Weimar se arranjava entre dois agrupamentos, uma minoria de republicanos associados em grande parte aos democratas e uma maioria ortodoxa que simpatizavam com os nacionalistas. Em geral os modernistas “procuravam atenuar as controvérsias políticas do período de Weimar mediante um questionamento do conteúdo de classe das posições doutrinárias em ambas extremidades do espectro político” (*Ibidem*:195), pois tinha a esperança de atrair os teóricos socialistas para um debate de forma a garantir a estabilidade do novo regime. Nessa atmosfera intelectual, as universidades alemãs tornaram-se antagônicas ao novo regime conforme aponta Ernst Troeltsch:

A classe acadêmica [...] tornou-se cada vez mais conservadora, monarquista e nacionalista. [...]. Uma indignação [...] patriótica com o destino da Alemanha explica em parte isso. Mas [o incentivo patriótico de oposição à república...] ganha força apenas em conjunção com outro motivo, um mais importante. Esse outro elemento [...] é a luta de classes contra o perigo de uma proletarização da sociedade, contra a ameaça das reformas educacionais que destruiriam a educação superior, eliminariam a posição de liderança dos grupos [*Stände*] ocupacionais acadêmicos e fariam do professor primário o governante espiritual e político da Alemanha (RINGER, 2000: 195).

Durante a década de 1920 a comunidade acadêmica estava politicamente dividida, escrever sobre governo, economia ou sociedade era entrar em uma seara de acalorado debate sobre as alternativas políticas daquele momento. Tanto republicanos quanto anti-republicanos viam a era das massas e das máquinas com profunda apreensão, não podendo nesse sentido negar os aspectos dissociativos da vida social moderna, estavam diante de um processo de industrialização que não poderia ser revertido totalmente.

Para o historiador Friedrich Meinecke aqueles momentos de pressão serviriam a favor de um ajuste do organismo político e social às enormes mudanças da vida econômica e do aumento populacional ocorridos nas quatro últimas décadas. Segundo ele, tentar conter as forças deste novo cenário presente na sociedade atual resultaria em explosões revolucionárias e em decadência material, o mais sensato naquele momento estaria em promover uma transformação das instituições políticas e culturais, de modo modificar todas aquelas que se encontravam obsoletas, como também procurar preservar seus aspectos sadios e vitais da antiga situação.

Ainda que o conservadorismo estivesse presente em grande medida nos diversos agrupamentos sociais da sociedade alemã como um predicado a prudência e predisposição à continuidade, o conceito “conservador revolucionário radical”, se apresentou a priori como uma contradição de termos. No entanto, segundo Samuel P. Huntington¹¹, a partir de seu ensaio publicado em 1957, sob o título: “Conservadorismo como uma ideologia”, para ele, “quando os fundamentos da sociedade são ameaçados a ideologia conservadora lembra os homens da necessidade de algumas instituições existentes” (HUNTINGTON, 1964:362), ou seja, quando as situações entram em desordem política todo conservador defende a ordem vigente. Nesse sentido, qual seria a diferença tácita entre um conservador tradicional de um conservador radical?

Muitas das preocupações relacionadas ao conservadorismo convencional têm a ver com a dependência de uma autoridade institucional, com um conjunto de valores que garanta a ideologia de um grupo social particular e a sua continuidade com o passado. Contudo, conforme tem-se observado principalmente no último século, os processos característicos da modernidade têm destruído as tradições e legados do passado que são fontes de resistência e orientação para gerações futuras. Nesse sentido, para além da restauração das instituições a partir do

¹¹ Conhecido por suas investigações acerca dos golpes de estado e, principalmente, por sua polêmica teoria do “choque de civilizações”, em que os principais conflitos após a guerra fria não seriam as tensões ideológicas, mas culturais.

conservadorismo tradicional, quando a reforma no interior das mesmas não é suficiente para atender às contingências atuais, a de se criar organizações fortes que sejam capazes de atender as demandas do presente frente à desmodernização, papel esse concedido segundo Müller ao conservador radical:

Quando os fundamentos da sociedade e das instituições existentes são percebidos como deteriorados além da restauração, a ideologia conservadora radical lembra os homens da conveniência de instituições fortes e da necessidade de novas. (MÜLLER, 1987:19)

Desse modo, para que a continuidade do passado possa permanecer viva na cotidianidade dos indivíduos e da sociedade, o papel da autoridade é fundamental como fonte reguladora. Quando as instituições carecem de autoridade e são incapazes de acordar suas demandas futuras, o melhor caminho segundo o conservadorismo radical é se rebelar e destituir todas as organizações sociais que sejam tolerantes ao *status quo*, para em seguida, geralmente por vias do poder estatal, criar novas instituições que sejam promissoras em reafirmar e preservar as particularidades coletivas de uma nação, ou de um povo; que segundo Wolf Lepenies, “a consolidação do espírito é para Freyer o Estado” (LEPENIES, 1996:335), este seria capaz de fortalecer, garantir e dar proteção às tradições, crenças e costumes dos menos representados.

No início do século XX, a ameaça externa insurgente aos indivíduos pertencentes à Alemanha, segundo os conservadores radicais, advinha das instituições corrosivas das particularidades coletivas de um povo, atravessadas por poderosos Estados estrangeiros sob uma única orientação para o mercado liberal. Fortalecidas por processos econômicos e tecnológicos com finalidade produtivista, seriam capazes de solapar e minar os alicerces de qualquer ideal cultural.

Em consonância à esta linha de raciocínio, a Associação de Política Social, “a mais importante organização dos economistas e cientistas sociais alemães do final do século XIX e começo do século XX” (RINGER, 2000:144-145) liderada por Gustav Schmoller, Adolph Wagner e Lujo Brentano, tendiam fortemente para aos métodos da “escola histórica”, segundo o pensamento de que o estudo da história seria a principal fonte de conhecimento sobre as relações humanas e seus processos produtivos no interior de uma organização social, de modo que os teoremas econômicos ao se relacionarem com a cultura não poderiam ser tidos como universalmente válidos, sendo nesse sentido opositores ao esquema *laissez-faire*, usando normalmente em tom de aprovação os conceitos como social e comunidade em prol do interesse coletivo.

A despeito das pesquisas e orientações realizadas por essa instituição desde o ano de 1872, quanto às questões de ordem política e econômica com vistas à reforma social, o impacto dos quatro anos da Primeira Guerra Mundial se fez sentir na sociedade alemã de modo a promover um estarrecedor sofrimento que afetou sobremaneira os segmentos da classe média. Segundo Kitchen é nesse mesmo período de assombro e decadência moral que os industriais acumulam uma vasta riqueza. Tornando-se cada vez mais isolados da sociedade passam a ser hostilizados.

Assim, essa atenção às radicais sensibilidades conservadoras de Hans Freyer, nos leva a entender seu interesse por uma sociologia histórica tradicional e de sua aproximação com o movimento político da direita radical. Nele, os limites formais estavam em recriar uma comunidade que fosse capaz de se sustentar na partilha do bem comum, na conservação e no fortalecimento sob as condições da sociedade moderna, assegurando assim, que o movimento poderia oferecer soluções plausíveis para os dilemas atuais, a partir do conceito que posteriormente Peter Berger chamaria de “desmodernização”, “um estágio em que o processo libertador da modernidade se torna aquele a partir do qual a libertação é buscada” (MÜLLER, 1987:23).

Nesse sentido, um escrutínio é realizado em seus trabalhos em relação aos custos e limites gerados pela modernidade, assim como a sua possível superação, avançando no estudo dos conceitos ideológicos das ciências sociais acadêmicas e a sua transformação em consequência de sua consolidação a uma sociedade liberal culturalmente pluralista.

Tais questões referentes às particularidades culturais de uma sociedade e seus objetivos comuns foram desenvolvidas com maior afinco entre os anos de sua habilitação, que teve por título, “*A Lei Individual na Ética*”, influenciado por Georg Simmel, até o seu retorno a Leipzig em 1925, decurso em que publicou outros três livros, sendo eles: “*Teoria do Espírito Objetivo: uma introdução à filosofia da cultura, 1923*”; “*Prometheus: ideias sobre a filosofia da cultura, 1923*” e “*O Estado, 1925*”.

Nesse decurso Freyer, concomitante a seus estudos, estava a lidar com o peso da incerteza profissional e por conseguinte financeira, período em que lecionava como *Privatdozent*¹² as disciplinas “A História da Sociologia” e “A Filosofia da História”, remunerado pelas taxas irregulares que seus alunos pagavam ao acompanhar as suas preleções. Foi na Fichte-Hochschule como professor do curso de “Filosofia Alemã”, que conhece Kathe

¹² Título universitário próprio das universidades de língua alemã na Europa. Serve para designar professores que receberam sua habilitação, mas que não receberam a cátedra de ensino ou de pesquisa. Por esta razão, o Privatdozent não recebia nenhuma remuneração por parte do governo.

Lübeck, com quem se casaria em 1923 logo após ser contratado para uma cadeira de filosofia na Universidade de Kiel¹³ aos 36 anos de idade, proporcionando-lhe além de uma segurança econômica, o seu reconhecimento profissional.

Durante os três anos em que permaneceu em Kiel foi capaz de atrair a atenção de um grupo de estudantes através de seus cursos de pesquisa nos campos da filosofia da cultura, filosofia da história e na prática de seminários com temas diversos de seu interesse, assim como na organização de um grupo de estudos informal, que segundo Müller, era destinado para os alunos em um grau avançado em teoria social contemporânea, ocasião em que se encontravam aos domingos pela manhã no escritório de Ferdinand Tönnies, importante teórico da sociologia que fora reconhecido por contribuir na distinção dos dois tipos básicos de organização social, a comunidade e a sociedade, destacando-se também como co-fundador da Sociedade Alemã de Sociologia.

No outono de 1924 Freyer é convidado a assumir a recém-criada cadeira de sociologia na Universidade de Leipzig, retornando somente na primavera de 1925, momento na qual vários de seus alunos lhe acompanham, e entre eles se encontrava Wilhelm Ahlmann, estudante de doutorado em psicologia. Sob a influência de Freyer ele se dedicou a questões políticas até 1933, quando se torna assistente no Ministério da Cultura da Prússia. Outro aluno foi Ernst Mannheim, depois de passar pelas Universidades de Budapeste e Viena cursando matemática e física, chega a Kiel em 1923 para estudar filosofia e se torna amigo de Freyer, segue-o para Leipzig para concluir seus estudos, onde posteriormente em 1928 escreve sua tese de doutorado sob orientação de Hans Freyer e Theodor Litt¹⁴, dirige-se para a Universidade de Londres em 1932 para estudar sociologia e antropologia social, aproximando-se de seu famoso primo Karl Mannheim.

O propósito de Freyer em conduzir as ciências sociais na direção da centralidade da natureza humana, no que se refere à natureza de sua cultura, de sua política e de sua situação contemporânea, está evidente em seus últimos trabalhos, sendo uma análise das estruturas fundamentais do homem, favorecendo nessa perspectiva o desenvolvimento posterior da chamada “antropologia filosófica moderna”, junto a Helmuth Plessner e Arnold Gehlen¹⁵.

¹³ A universidade de Kiel foi fundada sob o nome de Christiana Albertina em 5 de outubro de 1665, sendo uma das primeiras universidades alemãs a obedecer a *Gleichschaltung* em 1933 e concordou em retirar muitos professores e alunos da escola, por exemplo Ferdinand Tönnies.

¹⁴ Desenvolveu uma abordagem independente da filosofia cultural e da antropologia filosófica. Assumiu a cadeira de filosofia e educação na Universidade de Leipzig, reitor de 1931-37, aposentou-se precocemente por não apoiar o regime nacional-socialista.

¹⁵ No Instituto Sociológico da Universidade de Leipzig, Arnold Gehlen tornou-se assistente de Hans Freyer (“Escola de Leipzig”), junto a quem obteve em 1930 a habilitação com o trabalho “Espírito real e irreal” (1931).

Gehlen foi assistente de Freyer em 1930 no instituto de sociologia em Leipzig e desenvolve posteriormente um importante trabalho sobre os problemas de psicologia social na sociedade industrializada.

Para Freyer seria imprescindível um estudo do pensamento social em que estivesse presente uma filosofia política capaz de analisar a formação social na qual a vida econômica se encontrasse subordinada aos fins culturais mais amplos. Nesse sentido seria necessário a estruturação de uma nova ciência social, a partir de uma delimitação coletiva, afim de revelar as regularidades legais no interior da vida comunitária. Para além de descrever os objetivos responsáveis pela união dos indivíduos, seu desejo era compreender os motivos pelos quais um grupo em particular deveria permanecer unido.

Segundo seus apontamentos, o que mais ameaçava o homem seria a possibilidade ilimitada concernente a uma vida subjetiva, ou seja, uma vida sem *consensus*¹⁶ e contratos, uma cultura que muda tão rapidamente resultante de sensibilidades rasas e incapaz de cumprir qualquer função estabilizadora. Todavia, vê nas instituições uma base fundamental no processo de integralização da sociedade, a exemplo na unidade de um Estado forte, engendrado por homens com o propósito de oferecer significado, orientação e demarcação para um sujeito desorientado.

Freyer estava profundamente convencido de que a concepção de uma vida individual imediatista, abundante de energia e vitalidade somente encontraria o seu significado e sentimento de propósito a partir de uma relação associativa capaz de promover zonas fronteiriças por meio do peso e da profundidade das formas culturais.

Assim a cultura objetiva do passado por meio da tradição se tornaria relevante ao encontrar o seu lugar na vida subjetiva do presente, adquirindo nesse sentido um peso histórico e uma melhor estabilidade social, que se daria a partir da resignificação e internalização de seus delimitadores por via de uma educação processual da integralidade do indivíduo aos objetivos comuns de uma comunidade.

Aqui parecem enraizar-se as condições reais e verdadeiras da consciência de um conservador radical, condições estas cuja investigação insiste, por parte de Freyer, em revelar a importância da afirmação dos valores particulares de uma sociedade em busca de um objetivo coletivo maior, aquele capaz de fornecer a seus indivíduos um senso de propósito e significado para a vida.

¹⁶ Segundo Ferdinand Tönnies, deve-se entender por compreensão (*consensus*), sentimentos recíprocos comuns e associados, enquanto vontade própria de uma comunidade. A compreensão representa a força e a simpatia sociais particulares que associam os homens enquanto membros de um todo.

É justamente nesse nexos, nessa unidade por uma sociedade de sentidos, que sua filosofia da história retoma às discussões dos anos 20 entre modernistas e ortodoxos de como uma sociedade moderna se tornou tão aberta a ponto de promover a dissolução e um processo de desintegração social. Segundo o Filósofo da história Alfred Vierkandt, o individualismo atomizado foi capaz de dissolver gradativamente todos os laços comunais que existiam nas formas mais antigas de uma organização social.

Ao Hans Freyer analisar o contexto do final do século XIX e as significativas mudanças ocorridas na sociedade moderna quanto à dissolução das relações sociais, constata que a filosofia da história foi a descendente secular que mais se aproximou da religião, pois somente ela seria capaz de oferecer um entendimento sobre a sociedade atual e o seu desenvolvimento, proporcionando uma visão ampla a partir da auto-compreensão do presente como forma de ordenação do passado.

1.2 Freyer na Universidade de Leipzig - ideologia e ciências sociais.

No decorrer do primeiro semestre de 1933 em consequência da “Sincronização”, um sistema de uniformização que tinha por meta eliminar outras formas de vida social e cultural, marcou toda sociedade alemã a iniciar-se com a dissolução do parlamento em 31 de março, para em seguida, no mês de abril implantar o Governo do Reich, em cada estado, exceto na Prússia.

Com a finalidade de, na prática, instaurar um controle totalitário bem sucedido em toda federação, o Terceiro Reich não poupou os sistemas econômicos, associações comerciais, a cultura e a educação¹⁷, promovendo nesse sentido um impacto direto nas instituições educacionais a partir da aprovação da “lei para restauração de serviço público profissional”¹⁸, de 07 de abril de 1933, momento em que assume a coordenação do serviço público nos níveis estadual e federal para uma posterior disposição em usar do poder para transformar as instituições educacionais à sua própria imagem.

Não é preciso dizer que a sincronização das universidades alemãs, orientada para os objetivos do nacional-socialismo, impactou diretamente a Universidade de Leipzig durante os anos de 1933-34. Em novembro de 1932 uma comissão de professores havia sido convocada a recomendar um sucessor para ocupar a cadeira que Walter Goetz deixaria vaga, atual chefe do

¹⁷ Depois de 1933 os nacionais-socialistas conquistaram o controle total das universidades alemãs, o princípio do *Führer* foi em destruir a autogestão acadêmica. A liberdade de ensino foi oficialmente repudiada, matérias teóricas como a filosofia perderam terreno aos cursos profissionalizantes.

¹⁸ Segundo Martin Kitchen, esta lei expurgou do serviço público os judeus e outras pessoas que o regime considerava indesejáveis. A lei foi usada para livrar as universidades de uma série de intelectuais proeminentes, muitos dos quais posteriormente viriam a contribuir de uma maneira incalculável com os países onde encontraram asilo. História da Alemanha Moderna de 1800 aos dias de hoje. (KITCHEN, 2013:343).

Instituto de História Cultural e Universal, “um dos maiores e mais bem dotados institutos de pesquisa histórica da Alemanha” (MÜLLER, 1987:238), decisão que ao fim foi chancelada pelo Ministério da Educação no ano de 1933 a partir de interesses ideológicos.

Todavia, após a realização de algumas reuniões junto ao conselho de professores, elegeram alguns nomes como provável sucessor para Goetz e encaminhou ao Ministério da Educação. Dentre eles estavam Hermann Aubin, professor de história medieval em Breslau, que tinha por intenção transformar o instituto em um centro de estudos germânicos, sendo recusado pelo ministério. Um outro nome cogitado foi o de Oswald Spengler, talvez um dos intelectuais conservadores mais influentes na década de 1920. Este, no entanto, encontrava-se impossibilitado a assumir tal responsabilidade devido ao seu quadro de saúde. A partir de uma entrevista concedida por Spengler a Hans Freyer, que se encontrava na qualidade de reitor e enviado para negociar com o candidato à vaga, Spengler explicara que ultimamente vinha trabalhando em um regime de isolamento quase total, pois segundo ele, conversas prolongadas resultavam em profundas dores de cabeça.

Uma multiplicidade de requerentes se apresentou com os mais variegados projetos para atender a cátedra profissional, desde devotar o instituto ao desenvolvimento de uma historiografia nacional-socialista até a criação de uma escola científica de liderança para ser conectada ao instituto. No entanto Goetz, membro da comissão para nomear seu sucessor, manifestou-se preocupado ao relatar para a comissão que até aquele momento, nenhum candidato possuía a amplitude necessária para dirigir o centro de pesquisa histórico-cultural.

No outono de 1933 os membros do Ministério da Educação notificaram ao corpo docente o interesse em transformar o objetivo principal do instituto para uma “educação política” e passariam a utilizar do estudo da história como um caminho para uma compreensão mais aprofundada da política contemporânea, nomeando definitivamente Hans Freyer como diretor, momento em que as universidades alemãs sofriam pressões contrárias de várias direções, de baixo, de cima e de dentro do corpo docente devido às recentes mudanças.

As pressões vindas de baixo eram provenientes dos discentes e do conselho estudantil, não mais sujeitos à disciplina dos professores e do governo, promoveram a destruição “de livros de autores considerados inimigos do Reich” (*Ibidem*:228), a interrupção das aulas dos professores críticos ao regime, como também a exigência de serem consultados sobre a nomeação dos novos docentes a título de conferir sua idoneidade ideológica. Estavam prontos a fazer denúncias às autoridades do partido, criando um clima de insegurança e desarticulação das atividades acadêmicas em Leipzig.

Para Freyer e outros intelectuais, a despeito dos efeitos mais drásticos de longo alcance gerado pela lei de habilitação promulgada pelo Ministério do Interior, por pressões vindas de cima, as demissões¹⁹ de muitos de seus colegas professores do serviço público, assim como a proibição de ensinar em virtude de alguma nomeação por uma afiliação política, ou quem sabe, por falta de confiabilidade e descendência não ariana, não foi o bastante para rescindir o seu apoio concernente à criação de uma comunidade de propósito coletivo por meio do poder político que seria capaz de transformar o egoísmo da burguesia em uma comunidade virtuosa²⁰.

De acordo com o protocolo de reunião realizado em setembro de 1933²¹, os últimos acontecimentos na Universidade de Leipzig somente serviram para criar entre o corpo docente uma atmosfera de medo motivado pela preocupação na manutenção de seus empregos e uma real instabilidade financeira:

Começando em abril e continuando até agosto, os professores abriram seus jornais todas as manhãs para descobrir quais de seus colegas haviam sido demitidos pelo governo de acordo com as disposições da Lei para a Restauração do Serviço Civil Profissional. As reuniões do corpo docente começaram com o anúncio de que os últimos colegas foram emeritizados prematuramente e forçados a se aposentar ou tiveram sua permissão para ensinar retirada (MÜLLER, 1987:231).

Segundo Jerry Müller, no final do Outono de 1933, cerca de dezenove professores haviam sido removidos de suas atividades e de seus cargos de ensino, dentre estes Hans Driesch²², por apoiar a professores esquerdistas durante a República de Weimar, assim como Ernst Mannheim, que havia sido aluno e colega de Freyer, de origem judaica e de orientação esquerdista foi compelido a deixar a Alemanha e ir para Londres às vésperas de sua habilitação.

Na tentativa de assumir papéis distintos entre ser um cientista social dentro da academia e ser reconhecido como um proeminente representante ideológico do novo regime, fez de Freyer o centro das atenções nos primeiros anos do Terceiro Reich. Para ele somente através do *Volk* político ou dentro do Reich se poderia reverter o “egoísmo” privado através do sacrifício do

¹⁹ As universidades haviam reduzido o seu quadro de atividades porque um terço dos docentes fora eliminado, ou por serem judeus, ou por serem politicamente indesejáveis. Houve um acentuado decréscimo no número de candidatos aos cargos docentes nas universidades.

²⁰ No contraste de um *Volk* “natural” e um *Volk* “político”, Freyer tomou emprestado o legado de Nicolau Maquiavel, aquele que primeiro fez a distinção entre os povos com *Virtú*, capazes de uma autodefesa coletiva, em oposição daqueles que por falta desta qualidade estaria à mercê dos outros.

²¹ Protocolo da reunião de toda a faculdade de filosofia, 27 de setembro de 1933, Arquivo da Universidade Karl Marx - Universidade Leipzig.

²² Professor de filosofia em Colônia e Leipzig, escreveu diversos ensaios de filosofia e ética, dentre estes, “O Ato Moral” de 1927. Orientou Arnold Gehlen no doutorado sobre o tema: “Sobre a teoria de posicionamento e conhecimento posicional em Driesch”.

homem em prontidão a um processo de regeneração moral coletiva, que se daria por meio da “dominação”²³, em consentimento dos governados.

Freyer já vinha desenvolvendo desde 1931 uma dezena de trabalhos e palestras dirigidas a pedagogos e filósofos da educação concernente à transformação da ordem cultural por meio de uma ação política, entendia que esse movimento seria um primeiro estágio para uma posterior politização da universidade em busca de um novo ideal educacional. Em função desse objetivo, publicou nos primeiros meses do Reich um pequeno livro intitulado, “O Semestre Político”, nada mais do que uma proposta para a reforma da universidade. Segundo ele:

O ideal educativo que vale para nós é o ideal do homem político, que está enraizado em seu *Volkstum*, que se considera historicamente responsável pelo destino de seu estado e que se dedica com soberania espiritual à transformação do futuro (FREYER, 1933 apud MÜLLER, 1987:232).

Portanto a autoridade moral na universidade seria alcançada por meio do processo da educação, deveria ocorrer a partir das diretrizes do “semestre político” com a criação de um currículo educacional de política geral a ser oferecido a todos os alunos do curso normal e profissional no decorrer do primeiro semestre acadêmico.

No instituto, seus planos para uma educação política pleiteavam aulas de teoria obrigatória, um foco disciplinar para a ciência política a partir de uma sociologia embasada nos estudos históricos. A despeito da impressão generalizada entre os professores universitários de que o instituto estivesse sendo reorientado dos propósitos originais de seu fundador, Karl Lamprecht, alguns cursos de história tradicional continuaram a ser ofertados pelo professor assistente Herbert Schönebaum.

Os cursos ministrados pelo próprio Freyer estavam direcionados à história da teoria política, (Platão, Maquiavel, Nietzsche), assim como reflexões de grandes estadistas alemães, (Friedrich, o Grande, o Barão Von Stein e Bismarck), no entanto, metade das ofertas disciplinares eram oriundas do campo sociológico, “entre estas os cursos de história do pensamento sociológico (especialmente na Alemanha) e a estrutura social do *Volk* alemão nos séculos XIX e XX” (*Ibidem*:243).

Através de sua influência Freyer procurou transformar a Universidade de Leipzig em uma escola de elite do estado, “deixou quase toda a estrutura institucional existente da

²³ “Aqui está a ambiguidade política da concepção de *Herrschaft* de Freyer: a estabilidade final de um *Volk* político dependia da aceitação popular da forma de dominação, mas o estrato de liderança que deveria despertar o desejo coletivo de se tornar um *Volk* político não era obrigado a aguardar o consentimento legitimado daqueles que esperava governar.”

universidade intacta, incluindo a especialização disciplinar e o controle do corpo docente” (*Ibidem*:234), para ele a universidade deveria se modificar a partir de dentro.

Só assim, solidamente apoiado pelos estudantes orientados pelo o nacional-socialismo, em contraste a algumas outras propostas contemporâneas, Hans Freyer se torna o centro das atenções em Leipzig em decorrência de suas preleções. Segundo Helmut Schelsky, estas conferências recebiam uma presença irrestrita de professores e alunos, “com um alto número de espectadores a ponto de transbordar o auditório da universidade” (*Ibidem*:235), passou a ser reconhecido por suas ideias em sua própria universidade e no amplo espaço acadêmico alemão.

Ora, é justamente nesse progresso pessoal e nas experiências vividas no decorrer desse processo da “Sincronização”, que Freyer e alguns de seus amigos elevaram suas carreiras acadêmicas para posições de maior influência desde a criação de um programa de “Seminários para a Educação Política” conectado ao Instituto de Sociologia, que tinha por finalidade educar os trabalhadores alemães a encargo de professores que compartilhavam da mesma orientação ideológica, até a posse de professores como Günther Ipsen, ex-aluno habilitado por Felix Krueger, à cadeira na Universidade de Viena e Arnold Gehlen²⁴, nomeado em 1933 como professor substituto temporário de filosofia na Universidade de Frankfurt, aceita em novembro de 1934 substituir temporariamente seu professor sênior Hans Driesch, aposentado prematuramente pelo regime na Universidade de Leipzig, para em seguida quatro anos depois assumir a cadeira de filosofia em Königsberg.

Ao que tudo indica, durante os anos de 1933-34 “muitos cargos governamentais e até partidários relacionados ao controle da academia e das ciências sociais estavam na mão dos amigos, alunos ou admiradores de Freyer” (*Ibidem*:255), isso se deu, pelo fato de ser considerado no mundo acadêmico um cientista social responsável em junção com uma ideologia aceitável pelos representantes do regime. Apoiado nessas considerações, não nos é difícil compreender de sua presença em uma série de cargos honoríficos nos primeiros anos do Terceiro Reich: Presidente da “Sociedade de Sociologia Alemã”; co-editor em um dos mais ilustres periódicos da filosofia acadêmica, o “Jornal de Filosofia Alemã” e da série “Nova Pesquisa Alemã” e por fim “Membro da Academia de Direito Alemão”.

O já mencionado interesse de Hans Freyer por uma nova ordem estável baseada em um senso de propósito coletivo já vinha sendo buscado por ele durante as duas décadas anteriores

²⁴ Após o colapso do regime nacional-socialista, Arnold Gehlen se encontrou no ano de 1945 em um campo de prisioneiros de guerra americano na Áustria, sendo removido de sua cátedra em Viena. Uma tentativa de Helmut Schelsky de levar Gehlen para a Universidade de Münster por meio de um doutorado honorário foi recusado devido a protestos estudantis. Encontrou um novo emprego em 1961 em uma Universidade Técnica em Aachen.

a 1933, nesse sentido, não é surpresa de sua simpatia por um regime que pudesse instaurar uma nova época positiva que fosse alicerçada sobre uma estrutura de dominação reforçada por uma ideologia baseada no conceito do *Volk*.

Em busca de criar uma ciência social que servisse para reforçar a nova ordem política, não mediu esforços a partir de um vigor intelectual e institucional para o fortalecimento de uma ideologia legitimadora para um novo Reich. Segundo Fritz Ringer, “antes de 1933 alguns desses porta-vozes acadêmicos do nacional-socialismo tinham sido nacionalistas culturais extremados” (RINGER, 2000:405). Os mais proeminentes entre aqueles que, colaboraram com o regime de Hitler eram Helmut Berve, Johannes Popitz, Arnold Gehlen, Wilhelm Ahlmann e Carl Schmitt, que filiados ao partido contribuíram para a consolidação do poder interno. Jerry Müller diz:

Para Gehlen, a ascensão Nacional Socialista ao poder representava uma oportunidade política e pessoal. Ao contrário do mais cauteloso Freyer, ele se juntou ao partido em 1933 e foi ativo nele até 1936 como um “líder de célula” e oficial da organização do partido para professores universitários. Sua ascensão profissional foi meteórica. (MÜLLER, 1987: 396)

Na verdade, nem todos estavam dispostos a renunciar aos padrões extremos de uma ortodoxia ideológica mantida pelo regime, na medida que algumas organizações do Nacional Socialismo passaram a ser criticadas por sua falta ou inadequação completa aos dogmas do partido. O processo de “Sincronização” ganhava força dentro das várias organizações nazistas de controle cultural, sendo necessário a muitos intelectuais reajustar a sua retórica, o que não foi diferente para Hans Freyer.

Neste momento, ao que tudo indica, foi de dentro do escritório coordenado por Alfred Rosenberg, órgão oficial do partido nazista de política cultural e vigilância, também conhecido como escritório de vigilância do Reich, que Rosenberg, teórico e ideólogo nazista, emite um relatório sobre as atividades de Freyer, concernente à confiabilidade ideológica de seus escritos.

De acordo com o revisor de sua obra, Freyer concebera a relação do conceito de *Volk* e Raça de uma maneira equivocada, “ênfatisou o papel da continuidade cultural em detrimento de “substância racial” e questionou a importância da filosofia da história nacional-socialista de base biológica” (*Ibidem*:259). Segundo Hans Freyer, o conceito de raça era sociológico em vez de substancial, por conseguinte o seu livro foi rejeitado como uma obra “marxista”.

As ideias de Freyer a partir de sua obra de 1934, sob o título: “Tradição e Revolução na Cosmovisão”, nos instrui sobre as diretrizes de sua sociologia histórica e cultural para a compreensão de uma coletividade no “*Volk* Político” por intermédio da tradição e seu passado

cultural. Para ele a raça deve ser entendida “não no sentido de mera biologia, mas sim com o envolvimento do homem contemporâneo na realidade concreta de seu *Volk*” (FREYER, 1934 apud *Ibidem*:263), depositada a partir de sua existência corporal e psíquica, ou seja, elementos espirituais derivados de uma base natural como definidores primordiais para uma relação social.

Ao que tudo indica no decorrer dos anos subsequentes cada vez mais se torna ativa a vigilância do Departamento Rosenberg referente às publicações, quando Arnold Gehlen em 1940 concluiu a primeira edição de sua obra mais importante, intitulada “O Homem, sua Natureza e sua Posição no Mundo”, referenciou de maneira oportuna a alguns trabalhos do ideólogo nazista Alfred Rosenberg e incluiu várias passagens favoráveis ao regime a fim de garantir permissão para publicar o seu livro. Após a repercussão positiva de sua obra, busca reeditá-la no ano de 1944, contudo remove as passagens mais insinuantes direcionadas ao regime, afinal de contas, este trabalho não compactuava com o racismo nacional-socialista.

Cumpre-nos, aqui, abrir um parêntese para ressaltar a necessidade de, dentro do evoluir do trabalho, ajustarmos paulatinamente as lentes da perspectiva de Freyer, no que diz respeito ao sentido mais complexo quanto ao lugar da tradição e do passado cultural evocada como base normativa na afirmação da cultura particular de um povo, a saber, da possibilidade em definir os elementos concretos da suposta tradição a partir das teorias diltheyana para o entendimento científico do passado histórico em uma filosofia da cultura.

Feitos os esclarecimentos necessários, julgamos oportuno lembrar a sua trajetória como diplomata cultural da “nova Alemanha” no ano de 1934, momento de sua primeira visita a Budapeste como um dos três representantes semi-oficiais do Terceiro Reich, ao participar do “IX Congresso da Associação para a Cooperação Cultural, sob o tema “Tradição e Revolução na Europa Contemporânea”.

Naquela ocasião discursou no congresso com notoriedade a intelectuais, políticos e diplomatas de cerca de quatorze nações, ao enfatizar as virtudes do nacional-socialismo e as possibilidades de novos começos na história em decorrência da vontade e decisão humanas. Seu sucesso naquele evento favoreceu sua decisão de permanecer como professor visitante de história cultural alemã na Universidade de Budapeste entre 1938 e 1944, favorecendo as simpatias alemãs na Hungria.

Ao que se pode observar, sua saída da “nova Alemanha” naquele momento teria sido uma ação premeditada contra as dificuldades esperadas com o Serviço de Segurança do Reich que havia lidado de maneira muito severa com seus últimos escritos político-sociológicos,

assim como seu contato com muitos intelectuais judeus de esquerda em busca de novos universos para se afastar das restrições ideológicas.

1.3 Freyer – evidências de uma desilusão

A partir de 1936 é possível perceber nos escritos de Hans Freyer uma velada crítica ao nacional-socialismo, de maneira que os seus textos refletem uma genuína ambivalência em relação ao regime. No ano de 1938, conforme já mencionamos, cansado das constantes possibilidades de denúncias e críticas realizadas pelos órgãos de controle cultural, decide deixar a Alemanha ele e sua família, indo trabalhar como professor no exterior, embora sob a supervisão do governo alemão.

Entendemos que o início de sua desilusão com o regime de Hitler não pode ser datado com precisão, no entanto, alguns acontecimentos fez Freyer refletir da incapacidade do nacional-socialismo trazer uma nova época positiva de subordinação comum a um propósito coletivo.

O processo de desilusão entre muitos intelectuais alemães antes da derrota em 1945 veio acompanhada de ceticismo, preocupação e antipatia, não o suficiente para promover uma resistência ativa, no entanto, a maioria dos alemães, assim como Hans Freyer, permaneceram em seus postos de trabalho até o fim, desempenhando as funções exigidas pelo regime nacional-socialista.

Sendo assim, a realidade do Terceiro Reich afetou diretamente a Hans Freyer e seu instituto em Leipzig, eventos estes que proporcionaram um contexto de imediata desilusão e insegurança durante o ano de 1937. Vários colegas mais próximos a Freyer foram dispensados de suas obrigações de ensino, encontrando-se em alguns momentos sob ataque pessoal, ocasião em que Theodor Litt um de seus amigos mais respeitado, aquele que compartilhava de muitos de seus interesses intelectuais, é afastado da universidade.

Ao que tudo indica, Freyer estava ciente de que ninguém mais poderia se sentir seguro, quando homens como Félix Krueger, aquele que havia sido seu ex-professor e mentor e que parecia irrepreensível pelos padrões do regime, pudesse em um dia ser nomeado reitor da universidade e no outro proibido de ensinar devido a afirmações heterodoxas pronunciadas no decorrer de suas palestras.

Como podemos perceber, a insegurança prática estava presente em relação à questão dos valores e objetivos do nacional-socialismo. Para Freyer, o seu instituto não estava acima de qualquer suspeita, sendo acusado, de que pelo menos até janeiro de 1933 tivera entre seus

amigos e alunos, judeus e esquerdistas, a exemplo de Ernst Manheim, classificado como um judeu comunista húngaro. Foi também nestas circunstâncias através de um relatório transmitido pelo corpo docente de baixo escalão, que Freyer foi apontado por transmitir a seus alunos mais próximos, a ideia de que a liderança do Terceiro Reich não era unificada, mas composta de vários grupos com graus variáveis de influência, tornando de certa forma para seus alunos um homem deliberadamente ambíguo em sua relação com o regime de Hitler.

Portanto, o caminho traçado por alguns conservadores radicais e membros da *Bildungsbürgertum*, (burguesia educada), diante deste novo cenário, estaria em servir ao exército ou uma atividade no estrangeiro, acreditavam que era possível servir a nação em um trabalho mais amplo, sem seguir aos interesses do nacional-socialismo. Nesta ocasião, Freyer decide aceitar a função de representante cultural do Reich no exterior, assume no ano de 1938 o cargo de professor visitante em história cultural alemã na Universidade de Budapeste, permanece ali até quase o final da Segunda Guerra Mundial.

Durante os anos de 1941 a 1944, Hans Freyer se torna chefe do Instituto Científico Alemão, uma cátedra e um instituto, criados pelo Ministério das Relações Exteriores Alemão, que tinha por intenção conquistar a simpatia intelectual húngara para as finalidades alemãs, quanto a criação de uma hegemonia alemã no leste e sudeste da Europa.

Segundo Jerry Muller, o instituto procurou funcionar como uma forma de propaganda muito sofisticada, através da ciência, erudição e cultura no seu melhor, sendo transmitida uma imagem positiva da cultura alemã pela pessoa de Freyer a partir de seu relacionamento com a elite cultural húngara. Freyer durante este tempo procurou manter contato com várias facções políticas húngaras, servindo como conselheiro não oficial do exército alemão em Budapeste.

Os tempos de Freyer e sua família em Budapeste se encerram ao final de março de 1944, com o seu retorno para Dresden, momento que Hitler ordena a ocupação da Hungria pelas tropas alemãs devido a sua insatisfação com o mínimo de esforço de guerra de seu aliado e a sua relativa demora em lidar com a “questão judaica”. Para Muller, a desilusão de Freyer com a política externa de Hitler havia começado muito antes, quando toma conhecimento da notícia do ataque da Alemanha a União Soviética em junho de 1941.

Durante os anos de ocupação entre o fim da guerra e a fundação da República Federal em 1949, ou seja, a criação de um novo estado democrático liberal na Alemanha Ocidental, fora acompanhado pelo processo de desnazificação, aquele que afetou a todos que apoiaram ou cooperaram estreitamente com o regime nazista. Quando iniciou as primeiras rodadas de desnazificação no outono de 1945, Freyer não estava entre as vítimas. Segundo Muller:

Hans Freyer retomou suas aulas, continuou como chefe do Instituto de História Cultural, e silenciosamente mudou seu título de “professor de sociologia” para “professor de ciência política”. Ele não apenas continuou a participar da habilitação de novos candidatos, mas, na ausência de muitos ex-membros do corpo docente, tornou-se chefe interino de vários institutos menores. (MULLER, 1987:322)

Nesse momento, a posição de Hans Freyer havia sido preservada através do apoio oferecido pelos principais membros do corpo docente e da administração da Universidade de Leipzig, incluindo Hans Georg Gadamer, aquele que escrevera um relatório em junho de 1945, atribuindo que as atividades realizadas por Freyer em Budapeste não deveriam ser avaliadas a partir de uma visão político partidária, e sim, reconhecer os seus esforços como um estudioso e pesquisador.

Tudo indica que para além do apoio oferecido em sua defesa, a preservação do cargo de Freyer se deu em decorrência do instituto se encontrar com um quadro reduzido de professores, pois muitos jovens pesquisadores teriam perdido a sua vida nos anos de guerra, e os estudiosos mais antigos haviam fugido para as zonas ocidentais.

No entanto, segundo Müller, essa decisão em preservar o cargo de Freyer na Universidade de Leipzig foi momentânea, pois seria questão de tempo para que o seu passado fosse revelado a partir de seus compromissos intelectuais, a começar por uma crítica a seus escritos realizada por György Lukács na edição de junho de 1946 do jornal comunista alemão.

Para Lukács, os trabalhos de Freyer possuía uma afinidade com o nacional-socialismo, endossado por um vigoroso papel de dominação, da guerra, da raça e do líder (Führer) na história, circunstâncias em que cita algumas passagens de suas obras, *O Estado* (1925), *A Sociologia como Ciência da Realidade* (1930), *Revolução da Direita* (1931).

Foi a partir do artigo escrito por Lukács que o grande público da Universidade de Leipzig, assim com o chefe da Divisão de Ciência e Pesquisa do Ministério da Educação da Saxônia alertou para os escritos de Freyer, culminando em uma série de comissões para discutir suas obras e descobrir se de fato elas eram “fascistas”. Essa atividade conseguiu atrasar a decisão final do caso de Freyer, quando em fevereiro de 1948, diante de pressões renovadas por uma decisão final do caso, Freyer recebe uma carta demitindo-o de seu cargo em consideração à ideologia transmitida por seus escritos.

Nos anos seguintes ao pós-guerra, Hans Freyer continuou a obter o respeito de muitos de seus colegas dentro do mundo acadêmico alemão, ocasião em que lhe é oferecido através do reitor da Faculdade de Filosofia, Herbert Schöffler, um cargo na cidade universitária de

Göttingen, ao qual respondeu com entusiasmo, para em seguida ser rejeitado pelo Ministério da Educação.

Tudo indica que o seu passado parece ter sido um impedimento para obter uma nova nomeação acadêmica, onde seus esforços se mostravam a cada instante infrutíferos diante de um período de privação econômica e frustração vocacional, sendo contratado para trabalhar no setor privado na editora Brockhaus em Wiesbaden, na produção de uma versão em dois volumes do famoso *Brockhauslexikon*²⁵, atividade esta que demandaria grande parte de seu tempo, sobrando pouca oportunidade para empreendimentos acadêmicos.

Durante o ano de 1949 foi aprovada uma lei pelo parlamento alemão, que determinava a ajudar os refugiados alemães que viviam em regiões não mais sob jurisdição alemã, sendo implementada em 1951 para incluir todos os funcionários públicos removidos dos cargos pelas potências de ocupação ocidentais.

Nessas circunstâncias, em julho de 1953 o governo federal foi obrigado a fornecer recursos para a criação de cátedras temporárias ou eméritas para professores universitários que haviam sido excluídos durante os anos da desnazificação, circunstância em que Freyer retorna a vida acadêmica no final de 1953 como professor visitante na Universidade de Münster²⁶, sendo nomeado professor emérito de sociologia onde lecionou até o ano de 1963.

Podemos identificar a partir dos escritos de Müller, que a respeitabilidade de Hans Freyer continuou a crescer ao longo da década de 1950, sendo premiado com um título honorário na Universidade de Münster em 1957, como também convidado a palestrar no rádio para uma ampla variedade de acadêmicos. Embora fosse aceito e homenageado pelas instituições públicas da nova república liberal e democrática, o seu passado imediato como membro do Estado total o assombrava e o desacreditava perante a geração mais jovem de intelectuais que buscavam por uma renovação no pensamento social da Alemanha Ocidental.

Tudo indica que o conteúdo do pensamento de Freyer e o estilo metafórico de sua escrita promovera um apelo limitado entre os intelectuais que atingiram a maioria nos anos após a guerra, embora é nesse mesmo instante, a partir de sua recém obra publicada Teoria da Época Atual, que se verifica uma maior aceitação e venda em comparação a seus trabalhos anteriores.

Segundo Müller, ao Freyer proclamar a importância da identificação com o passado ao longo de seus estudos, viu-se identificado com um passado que procurara se afastar. Nesse

²⁵ Enciclopédia alemã publicada pela Brockhaus em Leipzig, 1796-1808, sendo ampliada para além de publicações anteriores.

²⁶ É uma universidade pública, instalada em um palácio barroco construído, entre 1767 e 1787, para residência do penúltimo Príncipe-bispo de Münster. Fundada em 1780, atualmente possui 45 mil estudantes, sendo uma das maiores universidades da Alemanha.

sentido compreendemos que a sua identificação com o nacional-socialismo, influenciou negativamente a recepção da obra de Freyer e de outros pensadores conservadores, de maneira a determinar o destino do conservadorismo intelectual alemão até bem depois da morte de Freyer em 1969.

2 O Tema da História

Durante os anos de 1939 a 1945, Hans Freyer trabalhou em seu livro intitulado *História Universal da Europa*, cujo tema central está voltado para a unidade cultural e a continuidade da civilização da Europa cristã, sendo publicado pela primeira vez em 1948. Essa obra marca o abandono de sua crença no papel salvador do Estado e do nacionalismo alemão, aquele que segundo o seu entendimento anterior, surgiria de um movimento popular de massa que abriria o caminho para o “estado total”.

Escrito em grande parte durante os anos de guerra, o seu livro foi transformado em um sutil acerto de contas com conservadorismo radical e o nacional-socialismo, onde grande parte de sua mensagem foi transmitida por alusão esópica²⁷. Ao abandonar os conceitos de nação e de povo como o quadro primordial da identidade coletiva, compreende que a herança apropriada não era mais de procedência alemã e sim europeia, através das referências clássicas da Grécia e do cristianismo.

Ao longo de seu livro, Freyer procura enfatizar o valor da continuidade cultural e institucional, ao descrever o papel das tribos germânicas na preservação do legado cultural da Grécia antiga, assim como do cristianismo. Segundo Freyer, a conquista realizada por estes povos demonstrou que ao longo da história os conquistadores adotaram os valores e a cultura daqueles que conquistaram.

Nesse sentido, Freyer procura sugerir a seu leitor uma decisão ativa em favor da apropriação do legado de um passado capaz de promover uma identidade coletiva a partir de sua história recente, momento em que observa o fim da hegemonia mundial européia diante do surgimento de grandes potências a exemplo dos Estados Unidos.

Para ele, as transformações sociais e políticas marcadas na história da Europa moderna foram capazes de reordenar as nações em sociedades industriais, ou seja, através de um “dogmatismo da razão”, aquele capaz de perder a consciência de seus próprios limites, de modo a deslegitimar e minar culturas e instituições históricas sem fornecer um substituto adequado para elas.

Portanto em *História Universal da Europa*, Freyer começou a desenvolver os contornos de um novo conservadorismo, de maneira a preservar as fontes não racionais, a exemplo dos movimentos migratórios, do cristianismo, das civilizações egípcia, chinesa e indiana, que foram

²⁷ Técnicas de escrita, “nas entrelinhas” utilizadas pelos romancistas e intelectuais acadêmicos dissidentes do terceiro Reich, um estilo caracterizado por uma tendência a observação velada, envolvendo a confiança na sensibilidade do leitor para captar uma alusão literária, uma referência bíblica, ou um paralelo histórico com relevância ao nacional socialismo.

historicamente derivadas de significado e propósito. Segundo ele, é somente através destas “forças de resistências” que se preserva a forma e guarda o legado do passado, oferecendo aos sujeitos uma consciência histórica sob uma luz não mutilada.

Ao analisarmos o relato escrito por Hans Freyer sobre o movimento migratório dos povos, encontramos a advertência de que estes acontecimentos históricos não ocorreram em todas as partes como figuras esquemáticas, mas sim surgiram a partir de “decisões”, para posteriormente sucumbir no tempo com a severidade do irrepetível.

Segundo Freyer, no ano oitavo do reinado de Ramsés III, por volta de 1190 a C., os chamados povos do mar (Núbios, Líbios, Beduínos, etc.) precipitaram em grande força contra o Egito, uma verdadeira campanha de conquista em forma de infiltração e de migrações subterrâneas que se deram ao mesmo tempo por mar e por terra. Esta representação se encontra registrada em grandes relevos na porta do templo de Amón de Medinet-Habu, concernente a vitória completa do Faraó frente às tribos bárbaras; “os que vieram por terra, tiveram por detrás Amón-Rê, que os aniquilou, e aqueles que atacaram pelas bocas do Nilo se prenderam como pássaros nas malhas de uma rede” (FREYER, 1958:19).

A partir de inscrições egípcias transcritas nos hieróglifos conforme aponta Freyer, é possível conhecer a relação dos povos que tomaram parte nos ataques, podendo se tratar de comitivas gigantescas ou campanhas de derradeiros aventureiros em correntes migratórias. O fato que os catálogos egípcios dão a ideia da amplitude e volume dos movimentos de dimensão universal que ganhou impulso em decorrência das expedições dos povos do Norte contra o Egito, grandes rios humanos que se lançaram em uma única direção.

Se por um lado, em um caso singular, as hordas primitivas ou o amplo nomadismo de pastores de cavalos e vacas seguem o ritmo da distribuição natural da terra quanto à pressão demográfica, aos estreitos espaços alimentícios, as pastagens secas, tornando-se uma força motriz histórica oriunda das manifestações condicionadas pela natureza, por outro, as grandes migrações dos povos do mar não são procedentes deste mesmo espírito, nem mesmo uma pura consequência de um nomadismo que sempre estivera em ebulição. Ao contrário, surgem como ser histórico em seu tempo, em uma relação interna da historicidade dos acontecimentos e suas decisões, de forma a engendrar uma nova época.

Assim sendo, Freyer compreende que os impulsos que atuaram no interior de muitos povos e culturas, não condizem com uma busca campesina por terras, nem mesmo com uma disposição natural na procura de melhores pradarias; seus desejos mais profundos foram determinados pelo entrecruzamento de forças incógnitas geradas na própria história, dando

origem ao tema orientador, a saber, o movimento migratório. Para Freyer, compreender a emigração dos povos conforme ao modelo das aves migratórias, aquelas que repetem os seus movimentos de modo rítmico, é estar insensível aos estágios históricos e as suas manifestações culturais.

Aqui é quase válida a frase de que nas migrações dos povos não emigram povos, se não que os povos se formam na migração.... Emigrar assim não é um estado, se não um processo criativo. (FREYER, 1958:66)

Portanto, as migrações que ocorreram na história não foram provenientes de uma única lei, nem muito menos exemplos de um só tipo, em vez disso, o ato de migrar se forma a partir de decisões exclusivas, em sintonia a uma época histórica, de forma a manifestar seus efeitos reais a partir de causas reais. Em Freyer, a positividade da história universal, aquela em que a maioria de suas reflexões está voltada para a uniformidade dos fenômenos, ao abstrair da singularidade da existência e sua forma peculiar, promove um obscurantismo para a compreensão das realidades históricas.

Não obstante, para além da uniformidade, quando buscamos compreender os enquadramentos sociais no presente a partir de sua origem, estamos a enveredar por caminhos capciosos, pois este conceito de pátria original carrega em si um certo romantismo que se preenche com representações de todos os tipos, onde todas se apresentam com o adjetivo “originário”.

Aqui, na verdade, temos um problema legítimo quanto ao “mito da origem”, e somente será possível solucioná-lo se estivermos dispostos unicamente a procurar as raízes comuns, suas conexões, os elementos culturais de uma época unitária no passado, tendo em vista dispensar qualquer conjectura que tenha por objetivo configurar o espírito e fixar a sua nostalgia no tempo presente. Do contrário, se assim realizarmos, ou seja, interpretar as razões e criações de nosso momento atual, à luz dos dispositivos de nossos predecessores, estaremos segundo Hans Freyer a escamotear a história de suas criações livres e de seus processos decisórios.

É somente com muita cautela que nos tornaremos aptos para compreender com maior clareza a potencialidade dos eventos históricos, ou seja, o seu impulso efetivo, que na realidade não se encontra vazio espiritualmente. Segundo Freyer, este impulso é a todo momento condicionado pelo entrecruzamento de forças provenientes de complicadas ramificações estruturais em decorrência de seu constante movimento, de maneira a proporcionar o surgimento de uma nova cultura, aquela capaz de manter, elaborar, realizar e renovar o estilo de uma época.

Ao direcionar o meu olhar para Medinet-Habu e o seu importante complexo templário, dentre outras construções situadas à margem ocidental do rio Nilo, no reinado de Ramsés III, posso visualizar em sua arquitetura, com mais de 7.000 m² de relevos de paredes decoradas, o seu sentido político, ao apregoar a afirmação e decadência de um império. Denominado este momento como fenômenos-limite, aqui verifico as remanescentes criações artísticas egípcias que predominaram durante os últimos dois milênios, uma representação da mobilidade a partir de uma lei estilística da permanência.

Pelo que nos é dado a saber nos escritos de Freyer, a história é colocada em movimento quando duas forças de correntes diferentes colidem, a exemplo: a pressão dos impulsos desencadeados pelos povos estrangeiros frente ao peso da paz de uma tradição egípcia; uma de dentro e outra de fora descortinada por sua fronteira imaginária. O choque de uma sobre a outra produziu um espetáculo capaz de alterar as manifestações dos homens e os seus processos de criação, que só se renovaria se acaso ocorresse novamente um outro encontro excepcional de duas grandezas, fator decisivo para a formação do tema da história.

Segundo Hans Freyer, todas as manifestações dos homens são definidas de antemão pelo tema da história, mas isto não significa que se trate de um esquema ideal capaz de moldar as realidades históricas; em vez disso, mesmo sabendo que o tema está à frente de toda obra, a sua construção prossegue a partir de decisões e atos livres de vontade, com passos essenciais e modificações.

Ao que se pode observar, os acontecimentos históricos não transcorrem em processos contínuos, integrados, a partir de uma teoria da fluidez, e sim se organizam de uma forma diferente e produtiva junto ao tema da história e as circunstâncias insurgentes. Nesse sentido a humanidade é convidada a assumir os seus desafios contemporâneos, de modo a oferecer uma resposta efetiva a partir de suas decisões tão necessárias, tornando-se um ponto de partida para todo acontecer futuro.

Ademais, é bem verdade que em alguns momentos as decisões requeridas impactaram superficialmente os problemas levantados numa época, não surtindo nesse sentido nenhum efeito direto e transformador na história pois, na realidade, não ocorrera efetivamente nenhuma adesão aos acordos firmados nem pelos que decidiram, nem pelos que possivelmente seriam afetados por ela. Este é o momento em que nada acontece na história, considerado por Freyer como uma segunda e mais elevada forma de sedentarismo, na medida em que o homem se afasta de suas obras.

Para Freyer, a história não pode ser concebida sem decisões, procedimentos que precisam ser levados a sério na medida em que a história avança, não devem ser esquecidas ou muito menos reduzidas apenas a uma soma de possibilidades do humano.

Aqui nesta lógica, não se trata de decisões gerais e nem absolutas, porém pontuais e condicionadas, aquelas que impreterivelmente suscitam demandas advindas de determinados espaços sociais, a serem supridas por processos novos de criação, oferecendo ao homem a oportunidade de manifestar uma das mais altas formas de sua existência na cultura, derivada de seu conteúdo, sua realidade e seu valor.

Efetivamente aí se encontra a liberdade dentro do tema da história, momento em que a partir de um ato prodigioso, a existência humana é capaz de determinar uma forma concreta e exclusiva do fazer histórico, de modo que se possa viver de uma maneira e não de outra por um determinado tempo. Freyer diz:

Em todo caso, porém, as realidades históricas, nas quais o espírito existe concretamente na terra; de uma forma tão real, que se poderia falar de seu nascimento, vida e morte; marcadamente diferente uma das outras, uma vez que em cada uma dominam leis diferentes, não só no comportamento, mas também no pensamento e na sensação... (FREYER, 1958:59)

Devemos frisar que o surgimento das culturas se dá em condições distintas, ou seja, a partir de leis e ritmos diversos, tornando-se nesse sentido um fenômeno singular e, portanto, irrepetível. Assim, diante da multiplicidade e da sucessão histórica das culturas, estas passam a ser reconhecidas como realidades momentâneas e únicas.

Quero aqui registrar que esta importante relação que temos destacado nesta pesquisa, entre os campos da Sociologia e da História, apoia-se em um considerável estudo realizado por Hans Freyer no ano de 1930, que resultou na publicação de seu *livro A Sociologia Ciência da Realidade*, sobre as significativas mudanças quanto ao entendimento dos fundamentos lógicos da sociologia formal e o seu contraste fundamental com as ciências da razão²⁸; na visão de que as formações sociais são uma realidade a qual pertencemos com nosso ser e nosso fazer.

Se por um lado a sociologia formal concebe as formações sociais dentro do tempo de uma história geral para pensar suas realidades, para Freyer a sociologia é de natureza histórica, não só no conteúdo como também em sua forma; está, ademais, ligada em sentido absoluto a

²⁸ Segundo Freyer o nome “ciências da razão” que foi utilizado como subtítulo em seu livro *A Sociologia Ciência da Realidade*, não teve por ambição promover uma proposta terminológica, no entanto para ele, é o momento em que a realidade espiritual é tomada por completo como reino de conexões objetivas, ou seja, o mundo do espírito objetivo como forma carregada de sentido, como sentido feito forma.

uma certa situação da sociedade, a saber, essencialmente ligada ao tempo, inseridas no tempo, historicamente relacionada.

Nesse movimento por uma renovação epistemológica no universo da sociologia, a consequência imediata se deu na contemplação do caráter da realidade dos fatos sociais a partir de sua historicização, com vistas a captar as constelações histórico-concretas da vida social para uma subsequente orientação nas questões existenciais do presente.

Segundo Alfred Weber, a sociologia da história se converte em uma ciência existencial na medida em que dá prosseguimento à Filosofia da História de maneira consciente a serviço do presente. Tudo isto não quer dizer que sua empreitada esteja na busca de uma interpretação de sentido enquanto ao conteúdo do curso geral da história da humanidade, todavia, uma teoria geral da estrutura do mundo histórico para compreender a fisionomia da história em certos períodos e círculos culturais.

Tendo em vista o mais moderno historicismo, dissolve o pensamento por uma unidade da história universal na pluralidade das culturas histórico-universais, assim como o conceito idealista de sociedade e história, em que as ideias determinam as transformações da realidade social. Posto isto, já não é possível formular um pensamento a partir de uma fantasia poderosamente intuitiva, segundo categorias sistemáticas metafísico-abstratas, ordenadas por uma lei de formação de ideias em uma hipótese filosófico-histórica.

O equívoco do idealismo filosófico, segundo Freyer, está em pensar que as culturas históricas estão ligadas por “um fino fio vermelho de significados, um processo mental que caminha em direção ao seu objetivo” (FREYER, 1958:81). No entanto, o que podemos observar é que as culturas estão fechadas em seu próprio espaço como um sistema de orientação, de outro modo, culturas inteiras desapareceriam da superfície da terra completamente reduzidas a ruínas.

O pensamento histórico só se faz factível a partir do rompimento com a filosofia racionalista da história, tornando possível compreender objetivamente a individualidade das realidades históricas que só se dão uma vez e, portanto, não se repetem, demonstrando em seus espaços internos aonde o espírito humano tomou forma, uma conexão causal com a história.

Hans Freyer considera que ambos os fenômenos primários juntos, ou seja, a relação dos espaços culturais fechados em que o espírito se conformou, com as conexões causais da história, formam o tema da história, momento em que o espírito permanece por cima de seu tempo “e, com isto, como força efetiva resiste em um mundo completamente renovado, no qual a mudança no modo de sentir não significa nenhuma forma de transitoriedade, senão um meio orgânico de transição (FREYER, 1958:84).

Precisamos compreender que a questão está para além da identificação do tema da história, nesse sentido Freyer faz uma distinção entre o surgimento do tema da história, dos objetos que são criados através da ação humana no interior do próprio tema, “pois quando a história realiza o seu tema, acontece algo muito diferente de quando uma obra de Bach é desenvolvida no tema”, (FREYER, 1958:84), sendo que no primeiro caso, não se trata de uma vontade formal, nem mesmo de uma criação influenciada a serviço do conjunto, senão que é realizada por forças livres, múltiplas, quanto a sua origem e sua substancia. Portanto, como se dá o processo de criação do tema da história na história?

Segundo apontamentos de Freyer, querer compreender um todo desta natureza e exaurilo por meios racionais através de conceitos como obra, plano ou marcha, é algo redutivo, por serem elementos demasiados pequenos para serem empregados na história. Aqui se trata de uma criatura que não poderá ser compreendida nem por sistemas lógicos, nem a partir de uma imagem estética.

Todavia, podemos a partir destes estudos analisar os fatos históricos conjuntamente com suas conexões, de modo a tomar conhecimento do mundo exterior no que se refere a porções de sua realidade histórica.

Naqueles lugares em que entrecruzaram uma maior densidade de acontecimentos e processos históricos, cabe a nós reconhecer a consciência histórica de cada época e buscar em forma de herança o que ainda em sua essência nos pertence, de modo a realizar uma história crítica diante de um presente confuso e conflituoso.

2.1 Consciência Histórica

Típicos ciclos de decadência e renovação marcaram de modo clássico a história chinesa, que segundo Hans Freyer é o resultado de diferentes dinastias que surgiram durante a história antiga e imperial, quando líderes a exemplo do Império Chou, uma das primeiras dinastias que teve seu início no século X a.c., legitimou o seu domínio ao invocar o mandato do céu, sendo nesse sentido, mais que um “sistema de finalidades políticas, é a cópia e repetição da ordem cósmica divina.” (FREYER, 1958:123).

Aqui na história chinesa não se trata de uma dinastia impulsionada pelo espírito do acontecer histórico e nem apenas por um sistema de finalidade política, e sim uma orientação em que as fórmulas do cálculo temporal se deu semelhantemente às ordens praticadas na antiga Índia, conforme estudos apresentados pela historiadora Romila Thapar em seu artigo *Tempo*

*Cíclico e Tempo Linear na Índia Antiga*²⁹, em que as forças estavam organizadas e ordenadas pelas estações naturais, ritos domésticos, calendário lunar e solar, ou seja, a cópia e repetição da ordem cósmica divina.

Portanto, no interior desta sucessão de soberanos, os sinais que determinavam os prazos temporais de cada governo e reinado estavam substancialmente pré-determinados por calendários que eram a mais autêntica expressão daquelas culturas agrícolas, sedentárias, situadas no tempo sob o fundo da permanência, a partir de um padrão cíclico de certas recorrências.

A China em especial as suas dinastias, elegeram sua lei de formação enquanto evento histórico, decorrente de seu espírito de resistência, uma permanência que se colocava continuamente em perigo pela decadência. Segundo Hans Freyer, a elaboração criativa de suas culturas e o seu ser histórico foram norteados pelo tempo cíclico, presente sobretudo em sua cosmologia, como também pelo tempo linear, a partir da antiga tradição chinesa, aquela advinda de uma relação com o passado dos velhos reis fundadores, dos cultos aos mortos, cujas disposições valiam para todos os tempos.

À margem do que foi dito, Freyer ressalta que quando uma época superestima a sua ancestralidade, poderá sofrer de excesso de passado, induzindo uma perda de sua consciência histórica. Nesse pensamento, compreendemos que algumas ocasiões da existência histórica em sentido preciso, que vieram precedidas por elevadas culturas, não foram pensadas, vividas e nem mesmo sabidas na história como história.

Caracterizada pela serenidade, permanência das formas expressivas e rigidez de seus valores estéticos, identificou-se nestes antigos povos, egípcios, chineses e indianos, além de uma arte que se encontrava em harmonia com o universo, uma grande quantidade de documentos literários em forma de crônicas, anais, inscrições reais, protocolos políticos, notas de templos, figuras mitológicas, profecias; de maneira a concordar com Hans Freyer que estes povos não estavam privados de documentos, porém as obras históricas nunca chegaram a estes povos.

Ao tratar desta dinâmica e seus princípios culturais, Freyer não está aventando que estas pessoas não estavam envolvidas com a história ou que não teriam algum sentimento por ela. Naturalmente, existem historicamente e toda a sua cultura surge de alguma consciência e sentimento pela vida.

²⁹ THAPAR, Romila. *Tiempo cíclico y tiempo lineal em la India Antigua*. Museum Internacional, n.127, 2005, p. 16-28.

Segundo Hans Freyer, esta consciência se expressa em distintas obras culturais, e no caso egípcio, se apresenta com uma maior clareza em cada uma de suas artes, porém, não expressa a partir de uma consciência histórica. A estrutura de sua historicidade é tal, que a história não se apresenta neles.

Culturas como as do Egito são fundadas na permanência, são permanências que devem durar e se consideram assim. Mundos como na Europa têm sua fundação em eventos, eles existem historicamente e se entendem como tal (FREYER, 1958:27).

Esta concepção imóvel ou estacionária do tempo está patente em cada uma destas culturas, do dinamismo da vida terrestre dedicada ao cosmos, onde cada dia é uma repetição ativa para a recomposição e reorganização de um tempo imutável que existe desde o começo do mundo, subsequente a sua entrada no Além; um novo e diferente momento fora do tempo em que já não valoriza a sucessão dos acontecimentos em um tempo cíclico, e sim a uma duração eterna. Aqui verificamos uma organização estrutural substancialmente distinta das categorias do tempo: passado, presente e futuro, necessária para a formação de uma consciência histórica.

Desse modo as formações culturais, a exemplo da tradição egípcia, que se manifestou no mundo a partir de suas edificações em pedras, sendo para Freyer um símbolo da permanência e durabilidade, estabeleceu um grande estilo transmitido através de suas escolas e a prática da cantaria, quando as pedras são lavradas ou aparelhadas em forma geométrica para o uso em construções. A história do império egípcio é a história de seu trabalho em pedra, obras que estão a demonstrar em suas manifestações artísticas uma profunda religiosidade, de caráter monumental: as tumbas, templos, relevos e estátuas, notabilizando-se entre estas as pirâmides.

Com isso, estamos diante de uma sociedade inclinada a eliminar toda a ideia de mudança, desde a absorção do simbolismo por uma arquitetura de formação mais sólida, cuja grandeza pressupõe toda a duração do tempo terrestre, até o registro das histórias mais antigas em detrimento da descrição de um passado mais recente. Aqui se trata de uma ordenação social, aquela que teve por intuito manter visível aos olhos dos vivos o que foi tratado no tempo mais remoto, assim, a partir de suas eternas repetições desenvolveu a capacidade de garantir o seu claro sentido ético por toda uma época.

Apesar das pessoas viverem em um espaço cultural dentro de um tempo delimitado e completamente cheio de uma existência própria, sentindo-se a priori absolutamente seguros por suas imensas muralhas, quando ocorre o choque cultural e as invasões penetram o mundo da

permanência, estabelece-se a crise, uma catástrofe vinda de fora que passa a ser descrita em palavras e imagens.

Hans Freyer acreditava que nada saberíamos sobre as migrações dos povos do segundo milênio se as mesmas não tivessem sido registradas em arquivos cuneiformes e hieroglíficos. No entanto somos advertidos de que não se trata ainda de uma ciência histórica e nem mesmo uma historiografia, porém, a história como tema já se fazia presente naqueles documentos. Conforme relatado por Freyer anteriormente, quando dois fenômenos básicos da história se chocam, neste caso o movimento migratório frente as altas culturas permanentes, cria-se um grande espetáculo capaz de promover uma reflexão entre ambos, de maneira a surgir uma consciência primária.

A consciência histórica completa, como tarefa urgente e como um feito do espírito devidamente desenvolvido, isto é, investigação histórica e arte da historiografia, é uma conquista tardia, porém em todo caso uma “conquista para sempre (FREYER, 1958:90)

Devemos considerar agora, a partir de um salto bem consciente, a oposição existente entre as representações realizadas pelas antigas culturas em cada uma de suas artes, conforme já mencionamos até aqui, frente a esta nova forma de registro dos acontecimentos que tem por base a consciência histórica.

Uma das exigências para a realização desta segunda forma de escrita, segundo Freyer, tem a ver, antes de mais nada, com conhecer sobre os fatos a serem registrados pois, conforme mencionou, o que Heródoto soube, escreveu, destacando como prerrogativa, possuir uma lucidez sobre os eventos ocorridos pelas mãos dos homens em suas mais diversas culturas.

A grande paixão de Heródoto de Halicarnaso, como historiador, era compreender grandes feitos realizados tanto por gregos quanto por bárbaros a partir do choque histórico e os seus reais motivos de enfrentamento, para em seguida registrar os acontecimentos afim de que não fossem esquecidos.

Nem sempre é fácil distinguir as concepções destas duas fórmulas de pensamento, mesmo sabendo que existe um mundo de distância entre elas em relação a compreensão dos acontecimentos humanos; na forma mais antiga, a partir de um ordenamento dos tempos mais remotos, e na contemporânea, apoiada em uma historiografia relacionada com a vida.

Se ali no mundo da permanência, nas altas culturas egípcias, chinesas, os feitos mais antigos são transvestidos em valores normativos, ou seja, um regresso ao passado mais antigo em busca de condutas que possam servir de ordenação social, sobretudo em um tempo de crise; aqui no ofício do historiógrafo Heródoto, trata-se de uma clara vontade de história proveniente

de um espírito livre e manifesto na historiografia a partir do que se vê, aquele que está disposto a receber em sua plenitude o variado, o humano, acoplado a uma diversidade cultural.

Para Hans Freyer, Heródoto procurou apreender os eventos por um viés de perspectiva universalista e incondicional, trazendo um olhar incapaz de perscrutar e se entregar aos intentos mais íntimos dos homens no interior de cada cultura. Portanto, se desfez de todo dogmatismo e abstração, manteve-se imparcial e não julgou, esteve próximo e ao mesmo tempo distante dos acontecimentos, o suficiente para não alcançar a concretude do humano em suas fragilidades e virtudes.

Segundo Heródoto, uma realidade plena é aquela que fixa o seu saber e emite as suas opiniões a partir de imagens e cenários, destituído de todo racionalismo e mito, credita no olhar o pressuposto orgânico para a existência da história. Neste momento, nos encontramos diante do falseamento da realidade, aquele tipo não racional que faz de nossas ideias e nosso olhar um verdadeiro a priori, negando a própria veracidade dos fatos.

Como pesquisador, deixo uma questão: Qual filtro tenho utilizado para obter uma visão mais fidedigna da realidade social? Partindo do princípio de nossa inclinação para os diferentes grupos sociais e as suas variadíssimas manifestações na vida, a ética do olhar histórico nos proporcionará um novo entendimento das ações dos homens em seu tempo em detrimento da pura plenitude das possibilidades humanas, aquela experiência não experimentada, vaga e, portanto, sem contornos.

Note-se porém, que o mundo histórico foi feito exclusivamente pelos homens e, portanto, somente o compreenderemos nas modificações de seu próprio espírito, assegurada por uma ciência histórica apta a formular teorias segundo os seus próprios axiomas. Em vista disso, para alguém de uma história que atua com evidências, marcada pela tradição racionalista, encontramos segundo Hans Freyer com o historiador criador, aquele que seduzido pelas imagens, por uma história monumental, as retêm com prazer e reproduz com suas próprias forças aquilo que não foi capaz de perceber através de sua maior sensibilidade em relação ao comportamento humano e as regras de convívio social.

A nossa sensibilidade vital no olhar, e a experiência de nós mesmos, nos faz suscetíveis para a compreensão de determinados extratos da humanidade, no entanto, não são suficientes para imaginá-los em suas particularidades. Na posição de Freyer, os nossos olhos sabem muito bem que as verdadeiras maravilhas não advêm de uma sensação visual produzida pela ausência de luz pela qual somos enganados, e sim provêm das cores da verdadeira realidade. Para ele, o

fato de comprovarmos a existência de um evento histórico, nos dá a possibilidade de compreendê-lo e ao mesmo tempo ficarmos satisfeitos, consolados e encorajados.

Portanto, de nossa humanidade, e precisamente de muitas outras situações não vivenciadas, traremos a arte de compreender o histórico se apenas estivermos ligados aos movimentos da vida e suas conexões mais íntimas de sentido.

2.2 História Monumental

O proeminente filósofo alemão Conde Yorck, amigo e colaborador de Wilhelm Dilthey, aquele que influenciara sobremaneira os trabalhos de filosofia da história de Martin Heidegger, em certa ocasião, ao trocar correspondências com Dilthey, mencionara que Leopold Von Ranke seria um grande observador; a seu ver, seus fundamentos críticos eram de natureza e origem óticas. Para Ranke, as materialidades históricas estariam relacionadas a uma flutuação de forças que se convertera em figuras, de modo que os “seus personagens históricos são, em sentido próprio, pessoas, atores de papéis históricos...” (FREYER, 1958:99).

Sob esta perspectiva, Freyer considera que a investigação histórica, assim como a própria historiografia, se encontra fragilizada ao limitarmos o espírito histórico em detrimento do olhar. Neste caso, por exemplo, como lidaríamos com as abstrações da religiosidade que não se pode ver, estaria ausente de força histórica? E quanto ao estudo do político, nos encontramos em muitas ocasiões diante de uma escassez de material que nos limita o olhar. De qualquer forma, quais as potencialidades oferecidas pelo olhar para a compreensão de uma época?

Se por um lado a filosofia da história a partir de seu esquematismo reducionista abstrato é capaz de negar toda uma vastidão cultural, como também compreender todo processo histórico e seu desenvolvimento a partir de uma perspectiva linear e universalista, por outro lado perigo maior se dá em uma restrita contemplação estética da história, onde se procura nos significados das artes visuais ou nas formações objetivas, as chaves para compreendê-la, sem, contudo, relacioná-la a uma realidade efetiva histórico-social, alicerçada no sentido, na significação e nos valores de uma época.

Conforme Hans Freyer aponta, naqueles primórdios em que se buscou compreender os eventos históricos por meio da prática do exercício intelectual através do olhar, ali se manifestou o primeiro perigo de uma visão humana enganada, no entanto, para ele não se tratou de uma contradição, e sim dos prós e contras que geralmente estão muito próximos nessas ocasiões.

Assim sendo, para além das possíveis vantagens oferecidas pela história monumental, segundo Nietzsche quando as grandes figuras históricas se apresentam e permanecem pela

primeira vez diante do nosso olhar, são capazes de produzir sensações ilusórias e enganosas, tal qual os relicários de um museu; o que aliás, nada que não possamos corrigir com método e crítica.

Encontramo-nos, pois, perante uma base excepcional, onde existe ou está presente duas coisas; algo exterior e algo interior – um significante e o seu significado. Aqui estamos nos referindo a monumentos cristalizados, formas objetivas que em algum momento do acontecer histórico se manifestaram em decorrência de convenções humanas, acordos fugazes ou tradições seculares.

Estas flutuações de forças humanas, compostas da vontade viva dos homens e atrelada a seus processos decisórios, operaram na história em um determinado momento, desapareceram e ressurgiram como figuras, ou seja, consequências de maior consistência e maior visibilidade material, representações de um espírito passado; quando os atos mentais e as obras carregadas de sentido, levam em si o espírito dos homens de cujo mundo viveram.

Com base nestes apontamentos por uma contemplação estética da história, entendemos que a sua inteligibilidade se dará nas bases de um viés historicista, aquele capaz de compreender a vida a partir da própria vida e dar sentido aos acontecimentos e seus agentes. Esta afirmação se mantém válida quando verificamos que as criações humanas deverão ser vivenciadas e compreendidas não em sua simples aparência, mas em suas manifestações vitais, em seus acordos, em suas articulações, trazendo à luz uma realidade plena e não mutilada.

Portanto, como historiadores, devemos estar dispostos a apreender a história pela historiografia como um acontecer em flagrante, ou seja, considerá-la em seu próprio momento de criação a partir de uma relação entre o sujeito e o seu meio. Em Freyer, toda a realidade social não é outra coisa do que a estrutura das relações humanas, os seus movimentos e desejos de época, um conteúdo de vontade dos homens em seu tempo presente.

Assim sendo, somos também o material desta ordem social, sujeitos capazes de pensar e contribuir voluntariamente à sua construção, impulsionando-a historicamente. Se quisermos compreender a história e não a um qualquer outro substituto, devemos buscá-la em seus pontos principais, em sentido específico, nas decisões e nos objetivos traçados; aqueles responsáveis por produzir caminhos decorrente das alternativas pré-existentes, estabelecidas pelas forças do espírito³⁰ que já se encontravam desde longe.

³⁰ “Compreendo por tal espírito as múltiplas formas, nas quais os pontos em comum que existem entre os indivíduos se objetivaram no mundo sensível. Nesse espírito objetivo, o passado é um presente constantemente duradouro para nós. Sua área estende-se desde o estilo de vida e as formas de trânsito até a conexão das finalidades que a sociedade formou para si, os hábitos, o direito, o Estado, a religião, a arte, as ciências e a filosofia” (DILTHEY, 2010:189).

O espaço em que a história se passa não é uma aura que fica ao redor das figuras, mas o terreno real, em que as distâncias são superadas, os limites são mantidos, os embates são disputados. E o tempo em que a história se passa não é o ambiente ameno em que as figuras se formam e se transformam, mas a cadeia de dias reais, que primeiro convidam à decisão, depois toma o fato em suas mãos, então eles transferem de uns para os outros seus efeitos reais (FREYER, 1958:101).

A dinâmica da “nova sociologia” proposta por Freyer possui em toda parte a mesma necessidade: contestar o entendimento da história a partir de uma série de manifestações objetivas, uma estética romântica que se impõe como realidade na vida.

Vejamos, porém, ainda que estejamos rodeados por obras artísticas, documentos oficiais, monumentos públicos, estilos arquitetônicos, o mito, o idioma, a economia e tantas outras singularidades objetivas que de certa forma se apresentam tão perfeitas e fidedignas à representação do espírito de uma época; entendemos que estes reinos de sentidos se encontram em constante mudança de acordo com a influência que os sujeitos sofrem e promovem em seu meio social.

De tal maneira, vejamos, pois, o idioma, um grande patrimônio cultural que se encontra presente em cada um dos membros de uma comunidade idiomática, uma manifestação objetiva que segundo Freyer, “em forma de propriedade pessoal se faz atual em cada momento do falar e do compreender” (FREYER, 1973:133), um símbolo perfeito para toda uma comunidade.

Portanto, todo sentido “espiritual” tem sua origem e duração assegurada no tempo histórico, na vida; influenciando diretamente as criações de cultura dos homens. Assim, Hans Freyer entende que na expressão espiritual de uma época se encontra toda uma realidade social, justamente pelo fato de habitar nas almas dos homens.

Esta estrutura engendrada pelos indivíduos que se apresentam no decorrer da história, dessa sua vontade de liberdade, no que se refere a dar o seu espírito ao mundo que o rodeia, não está aberto a qualquer tipo de manifestação, ou seja, não se trata de algo espontâneo.

Para Freyer, os estilos e formas que vão surgindo no decorrer do tempo sempre serão atingidos por novos entrecruzamentos de forças do acontecer histórico, portanto, não se trata de acontecimentos autônomos e sim criações reelaboradas, regeneradas e realçadas; impostas a cada instante por novas forças, de modo que tenham breves momentos de existência, um brilho efêmero na vida.

O importante, nesse ensaio escrito por Hans Freyer, é que não devemos deixar ludibriar pelas imagens que se manifestam ao nosso olhar, pois quando fechamos e confiamos somente nelas como figuras definidoras para a interpretação e compreensão da própria história,

incorremos em um grande erro ao não admitirmos que este cenário faz parte de um jogo de tensões de forças existentes no interior da própria vida.

Nesse sentido, as formas dos objetos, assim como as formas psicológicas, fenômenos mentais, são históricas e sociais, determinadas por uma mesma seiva vital que subjaz a toda uma realidade. Na verdade, o que Freyer com grande perspicácia nos permite entrever é justamente o sentido desta transformação. Para ele, o momento em que a vida psíquica se converte em espírito objetivado é o mesmo instante em que o espírito de uma época torna-se o substrato que dá sentido e validade às criações de cultura.

Vejamos então, que estes estilos que surgem e possuem dentro de si uma energia do próprio espírito do tempo, não representam nenhum constructo seguro e permanente para a formulação de uma teoria da história, se não levarmos em consideração que a interpretação destes objetos, se encontra fundada na dialética da realidade espiritual de uma época.

Pois bem, uma vez que a luta das forças chega ao seu fim e por efeito surge uma manifestação objetiva de categoria transitória, aquela que ocorre uma única vez por um breve momento, equivocadamente nosso olhar permanece sobre esta formação social, sem nem mesmo darmos o devido valor e atenção para o que realmente deveríamos ver, as forças operantes, justamente aquela lei imanente capaz de modificar o homem em seu foro mais íntimo, de maneira a ressignificar a consciência dos homens na medida em que uma época chega ao seu fim.

Assentimos assim, pela objeção na formulação de uma historiografia a partir do olhar, pois compreendemos que a realidade não é um produto advindo das manifestações objetivas e sim proveniente da vivência e das vontades dos homens no interior de cada época. Os acontecimentos são decorrentes da união entre os sujeitos e as suas criações de culturas, que se encontram ligados por um mesmo espírito que penetra a ambos indistintamente em uma harmoniosa identificação entre o sujeito e o objeto.

Para Freyer surgem algumas questões: como a vida subjetiva pode se apropriar da cultura objetiva do passado, de modo que retenha alguma consciência do significado mais antigo das manifestações da vida? Ou, em que medida a experiência do passado a partir de uma investigação histórica vivida e pensada nas formações sociais, será capaz de promover processos verdadeiros e reais para a sociedade presente?

Sabemos que este desafio, que muitos historiadores têm enfrentado na busca por um proveito deste algo positivo a partir das experiências passadas, assim como a promessa por uma

educação, segundo uma atitude espiritual decorrente de um enriquecimento nas manifestações objetivas e transitória da vida, é algo de que se tem escapado.

Devemos considerar que, se o historiador tem o interesse em compreender cabalmente uma época, não deverá buscar este entendimento nas bases do espírito finito, um enriquecimento o qual se possui só a si mesmo e a sua época, ou seja, uma estreiteza que se encontra entre um passado pleno de recordações a iluminar o seu presente, e um futuro que se estende adiante, com suas esperanças e propósitos.

A voz da história quer nos fazer parar, e lembrar que ela mesma não se refere apenas a questões educativas, mas à realidade, esta que somente será capaz de ser conquistada no campo do espírito que se encontra presente ao longo da história de toda humanidade, em uma dupla relação entre o vivenciar e o compreender.

Hans Freyer, ao comentar sobre a presença das manifestações objetivas em forma de fragmentos, acreditava ser este um meio seguro de sobrepor distâncias e épocas para estar frente ao espírito de um outro tempo. Para ele, nós, seres humanos, somos movidos por sentimentos, agimos com finalidade, vinculamos representações, criamos conceitos, sendo todos estes atributos pertencentes a um contexto psíquico estrutural, decorrente da própria essência de nossa experiência de vida.

Nem sempre será fácil reconstruir engenhosamente os conteúdos psíquicos de uma geração, no entanto, para compreendermos uma humanidade que nos é alheia, será necessário iniciarmos esta caminhada nas manifestações da vida em conexão com a natureza, incluindo nesta prospecção a articulação de um outro elemento comum, a fonte original de toda energia vital que permeia uma época, o espírito do tempo.

De fato, esta atmosfera de comunhão que envolve os indivíduos a partir de um mesmo enunciado é central e determinante para a formação de uma estrutura lógica do pensar, o que já foi determinado por Hans Freyer anteriormente de *o tema da história*. Esse elemento comum se converte em um facilitador para a compreensão do mundo histórico, a despeito da objetivação da vida conter uma multiplicidade de ordens articuladas quanto a distinção entre costumes e crenças, modos de expressão, hábitos de um grupo étnico e demais sistemas de cultura.

Nesse processo de objetivação, todo ser humano está ligado à sua experiência de vida, uma certa realidade histórico-social capaz de imprimir às suas criações de cultura uma formatação plena de sentidos. A fundamentação e decodificação desse saber se dá a partir de um modo próprio de conhecimento em que o seu significado objetivo é construído e orientado socialmente.

Desse modo, o mérito para não deixarmos escapar as realidades históricas, compreendidas aqui como uma riqueza da humanidade, se dará em seu bem equilibrado conceito de compreensão. Para Freyer, o homem é capaz de apropriar-se da consciência de seu ser quando deixa de olhar somente para o seu mundo interior limitado e passa a dedicar-se a uma elaboração dialética com o seu mundo exterior.

É exatamente por esse meio, quando a história de um povo é transmitida a nós, seja verbalmente em discurso ou canção, ou chega a nossas mãos através de restos materiais de uma obra objetivada, que nos encontramos em uma situação em que faz ressurgir em nós o espírito de sua vida passada. Esse entendimento sobre a realidade se dará quando ocorrer um verdadeiro encontro das forças vitais sobre nós, de forma a declarar a validade de um único conteúdo de pensamento e juízo, tanto para aquele que enuncia, quanto para aquele que compreende.

Portanto, interpretação e a compreensão das formas objetivadas do espírito manifesto em múltiplas conexões estruturais, são os métodos que preenchem as ciências humanas, na busca por uma análise epistemológica em relação a um saber histórico. Assim, a objetivação da vida está imersa em uma multiplicidade de ordens articuladas e condicionadas por diferenças do espírito:

As ciências humanas têm a objetivação da vida como o seu dado abrangente. Todavia, na medida em que a objetivação da vida se torna para nós algo compreendido, ela contém, enquanto tal, a todo instante, a relação do exterior com o interior. Assim, essa objetivação sempre relacionada na compreensão com o vivenciar, no qual a unidade da vida revela para si o seu conteúdo próprio e permite a todos os outros interpretá-lo (DILTHEY, 2010:110).

A comunhão projetada pelo nexos estrutural das unidades vitais que existem nas comunidades e demais organizações sociais, nos dá a possibilidade de interpretar o espírito objetivo não apenas e unicamente pelo olhar, mas a partir de uma razão determinada por sua realidade histórica, na medida em que esse mesmo espírito é apartado da fundamentação de uma razão universal, como também de uma construção ideal.

A partir dessa premissa de que as coisas e os valores da vida se estabelecem na condição da expressão dos sentidos humanos, sendo passível de interpretação, verifica-se um aparato de autoanálise do exterior para o interior. É na objetivação do espírito no mundo exterior, que se efetiva a história dos homens e garante um conhecimento do mundo histórico.

Indo mais além, é justamente pelo fato de o espírito exteriorizar-se através das manifestações objetivas dos homens, que seremos capazes de retraduzí-lo interiorizá-lo e

compreendê-lo em nossas pesquisas, sendo um movimento de fora para dentro, uma reflexão onde a exteriorização da vida passa a ser compreendida pelo seu interior.

De certo modo esse método tem por objetivo reviver a vida do outro, onde o intérprete se transpõe para o interior de uma pessoa ou de uma obra artística a partir de uma conexão particular que é existente na vivência do elemento dado.

Desta forma, para compreender ou o interpretar a vida subjetiva dos homens, assim como as suas realizações objetivas, dependerá da reprodução de uma vida passada, ou seja, uma criação na linha do próprio acontecimento. Com isso, a transposição alcança o seu fim exatamente onde o acontecimento é percorrido pela consciência do historiador, sendo registrada em seus escritos para posterior apresentação a quem queira reviver uma conexão de vivências.

Ao que tudo indica, as formas culturais adquirem um significado especial na sociedade presente em virtude de suas múltiplas associações com o passado, onde, por meio do veículo da tradição, o peso histórico é transmitido possibilitando alguma continuidade com o passado, assim como o fortalecimento da sociedade atual.

A teoria da tradição de Freyer é embasada no pressuposto historicista, aquela da “*Filosófico (a) da vida*”, da tradição, em que, a partir de uma vida dinâmica a cultura do passado é a todo momento reapropriada para os designios do presente. Nesse sentido, uma constante reinterpretação parcial e plena de significados para a orientação de determinados grupos, garante a estabilidade e integração para um propósito coletivo.

2.3 História Antiquária

O importante significado da *história antiquária* resulta de um claro entendimento de que o passado está muito mais próximo da vida presente, algo diferente das possibilidades oferecidas pela imagem monumental, cujos modelos são limitados pelo olhar. Trata-se, pois, de uma espécie de história que nos oferece um novo modo de pensar, aquela que procura conservar e respeitar os nossos vínculos com o passado em agradecimento a nossa trajetória e ao nosso presente, ou seja, ao que somos.

Se esta atitude, em certo sentido, resguarda a comunidade quanto à conservação de sua identidade e fidelidade para com o seu passado, de modo a não cair entregue a uma incessante busca cosmopolita por novidades, em outra direção, a potencializa para a compreensão das forças geradoras mais antigas das quais foi originada, uma busca constante por algo novo, oculto e misterioso, e se encontra envolvido em seu próprio ser.

Cria-se assim uma história proveniente de estados de alma, com uma atitude positiva perante a vida. Nesta concepção o espaço e a sua profundidade são libertados, de forma que o conteúdo mais antigo da história juntamente com toda a sua tradição não pereça, ao contrário, encontra-se fundido no tempo presente, de modo a apresentar-se cada vez mais firme na vida cotidiana dos povos.

Com a preocupação em tornar o pensamento compreensível, Hans Freyer nos adverte que este conteúdo ético de orientação fornecido e sentido pela *história antiquária* é absolutamente diferente da consciência adquirida pelas altas culturas que se originaram antes do surgimento dos movimentos históricos.

Para ele, os acontecimentos ocorridos no antigo Egito, conforme já mencionamos anteriormente, não consubstanciam em absoluto de uma orientação procedente na história e sim uma duração do antigo a partir do olhar, da contemplação; uma normatização visível a operar na vida de todos.

É, na verdade, portanto, a essência da história antiquária, um dos fenômenos mais curiosos e compreensíveis, pois se apresenta em nossa vida à semelhança da herança orgânica, aquela que existe em cada um de nós de modo a penetrar e fazer sentir os limites de nossa vida individual, como uma força obrigatória que nos agrega a um grande corpo cujos membros somos nós.

Certamente este conceito de herança orgânica atribuído nos trabalhos de Hans Freyer, especialmente em sua obra *Introdução à Sociologia* de 1931, não se compactua com as formulações iniciais por uma teoria da sociologia biológica, aquela que se alimentou dos estudos da primeira metade do século XIX quando foi apresentado o organismo como uma espécie de unidade de células. No entanto, o filósofo e biólogo Herbert Spencer, transferiu este conhecimento a conceptualização das formações sociais convertendo-a em uma unidade constitutiva.

Se para Spencer, a ideia de que o desenvolvimento das sociedades coincide com a estrutura e o desenvolvimento dos organismos de maneira a conduzir a uma mesma fórmula evolutiva; também encontramos nesta mesma área de estudo o sociólogo alemão Albert Schaeffle, aquele que sentiu um menor apreço pela mentalidade naturalista e se encontrou mais aberto para uma natureza histórica, constatando que o conteúdo espiritual das formações sociais sofria periódicas mudanças no decorrer do tempo.

Para ele, sob a premissa organicista, seus estudos conduziram a um importante resultado, de modo a trazer a compreensão de que a sociedade seria um “organismo de vontade”,

em que a efetividade dos fatores da vida espiritual estaria determinada pela vida social. Nesse sentido, a partir de uma nova visão, foi capaz de relacionar os conceitos de desenvolvimento e decadência social a um conteúdo histórico concreto, sendo no entendimento de Freyer uma mudança importante da sociologia biológica para a sociologia histórica.

Este conjunto de ideias contribuiu para o desenvolvimento do campo da historiografia em outras nações assim como na sociedade alemã. Uma estruturação da cultura em diversos graus de profundidade a partir de uma aguda visão em que a história passa pelos olhos da fé, do respeito e da gratidão, obteve um espontâneo desejo pelo descobrimento de seu passado que até então se encontrava apagado.

Desde esse momento, algo semelhante à ideia de uma “identidade nacional” coloca-se em movimento na Alemanha, um descobrimento do passado através de uma busca contínua de seu perdido império, nas tradições, nas lendas populares, em suas vivências e mitos.

Neste modo de ser, com sua veneração e devoção no descobrimento e preservação do passado, duas gerações de intelectuais são importantes: Ernst Moritz Arndt, Jacob Grimm, Wilhelm Grimm, Savigny, Josef Görres, são alguns dos nomes mais entusiastas daquele momento, que tinham por sagrada missão manter viva a conexão da juventude com os estados primitivos dos povos.

Os Grimm acreditavam encontrar o “espírito do povo” em seu passado mais profundo, na língua, nas crenças e contos populares. De acordo com da Mata, (RÜSEN e JAEGER, 1992:27, apud MATA, 2006:8), “situando-se numa linha de fronteira entre o romantismo e historicismo, a importância dos estudos por eles realizados sem dúvida vai muito além do campo propriamente linguístico-literário”.

Pela primeira vez, as tradições populares são confrontadas com o saber filológico e histórico – disciplinas que, até então, só tinham olhos para a Antiguidade. É na poesia alemã antiga, nas antigas sagas normandas como a “Canção dos Nibelungos” ou o “Edda”, que se deve buscar o que há de fundamental na identidade germânica (MATA; MATA, 2006:5).

Certamente o impulso pelo estudo das raízes na tradição através de seus símbolos e valores os levaram às raízes de seu próprio ser, seja de forma espontânea ou induzida. Aqui não se trata de um jogo ou simplesmente uma superstição, se não uma resistência proveniente da história antiquária.

2.4 As Formações Sociais e sua Força de Resistência

Os valores coletivos vividos no mito, no simbólico e no imaginário dos homens aparece como uma forma real de resistência em seu sentido físico-moral. Contudo, não de resistência oposta ou que se deva opor a uma força, ou seja, de fora para dentro, mas antes, de uma resistência que se mantém essencialmente como tal em face do conjunto, de modo a se manter viva e vigorante uma tensão superficial que permanece invisível até o momento em que se apresenta à compreensão, oferecendo, enfim, consistência às figuras, às ideias, e a tudo aquilo que a constitui.

Nesse sentido, qual a importância que devemos oferecer às forças de resistência que se encontram presentes nas criações objetivas dos homens, assim como em suas formações sociais? Em se tratando de atividades reais e concretas, a resistência exerce a sua função de forma inteiramente sigilosa, podemos observar em cada esteio de armação um sistema previamente calculado e aplicado a uma fórmula mais perfeita, de modo a concretizar uma relação harmônica entre a arquitetura e a estrutura.

Portanto, na arte de construir, metade das criações dos homens não consiste em apenas se tornar visível, apenas uma aparência, mas “também em fixar o jogo de força e resistência, peso e sustentação, arqueação e apoio” (FREYER, 1965:132), sucedendo o verdadeiro equilíbrio daquelas forças que geralmente permanecem simplificadas e encobertas.

Assim sendo, é possível verificar que em muitas ocasiões o olhar se deixa iludir pelas construções humanas, uma construção completa, ou seja, uma ponte, um edifício, uma torre, em seu conjunto, um sistema deste tipo capaz de fazer com que neguemos inteiramente as fórmulas da matemática e da física, dando lugar a tudo aquilo que é visível.

No caso ideal, é como se a cúpula da Basílica de São Pedro, no Vaticano, pairasse suspensa no ar, transferindo-nos impressões pela estética e não pela mecânica, momento em que o jogo das forças se torna inacessível ao nosso olhar, quando não atentamos a todo sistema de resistência que a sustenta. O objetivo é encontrar o fundamento, aquele que com efeito penetra solo adentro às rochas sobre as quais se constrói e repousa, para em seguida encontrar o ponto zero, a base que resiste de forma definitiva.

Portanto, permanece a questão: tal resistência poderá se estabelecer em toda a parte sem nenhuma restrição, de sorte a atuar tanto nas instituições como também na existência das formações sociais? Ao que parece, esta resistência, ou este passado de força imperecível, exigirá uma lei que seja capaz de transpor dos sistemas mecânicos e biológicos para os sistemas sociais, de modo a produzir equações de graus muito mais elevados.

É evidente para Hans Freyer que o fato de um sistema de instituições permanecer ativo, isto é, capaz de ordenar uma vida social, é algo bem distinto do fato de uma construção se manter de pé ou de um ser vivo ser capaz de reproduzir e evoluir. Embora existam semelhanças, devemos ser muito cautelosos em fazer analogias entre os organismos e as formações sociais, pois estas últimas são constituídas por instituições que se aproximam muito mais de elementos materiais do que de um ser vivo.

As similaridades existentes entre os sistemas abordados não são suficientes segundo Hans Freyer para promover uma correspondência entre seus elementos, mesmo admitindo que nos três tipos de sistemas, orgânico, mecânico e social, podemos encontrar em seu interior alguma regularidade válida. Consentimos com Freyer, quando este afirma que será preciso acrescentar alguma coisa à fórmula estrutural das formações sociais, de modo a produzir uma resistência duradoura.

Com isso, entretanto, precisamos lembrar um pouco os conceitos oferecidos pela sociologia teórica, referente ao caráter dos sistemas sociais. Para a sociologia, estes sistemas se formam no círculo de pessoas que vivem e participam juntas de todo um conjunto de interesse, como também, atua de modo a influenciar sobre os seus comportamentos, controlando-os a partir de suas normas, tradições, na lei estabelecida, nas palavras de um jurista ou de um profeta.

De certo modo, isso ocorre quando as formações sociais se fixam na forma de uma ordem legal, uma lei consciente criada e posta em vigor no momento de sua promulgação, que, por fim, após ser reforçada por um controle mais rígido é abrandada e substituída pelos hábitos. Mas isso também pode ocorrer igualmente quando se consolida apenas no costume, aquele que se desenvolve inconscientemente e é obedecido mais espontaneamente porque cresce com lentidão, penetrando nesse sentido a rede total das relações humanas, quando passa a envolver emocionalmente todos os indivíduos.

Em um sentido prático e positivo podemos destacar que o patrimônio cultural tanto material como espiritual permanecem intactos e completos, como propriedade comum em cada um dos diversos membros do grupo. Estas estruturas são determinadas e sustentadas por uma constelação específica das energias humanas, a exemplo da forma social comunitária, aquela que circunda os homens e os reúne em um grupo inteiro.

Este espaço social em que todos vivem e que ao mesmo tempo é vivido por todos, é um espaço que imprime a sua marca a todos aqueles que se acham vinculados ao grupo, por efeito do mundo comum unitário, um ser de natureza própria que possui um caráter de duração e do imperecível.

A partir deste ponto de vista, consideramos que esta mesma lei que estrutura a comunidade também se encontra em alto grau como fenômeno parcial em outras formações sociais, sendo para Freyer “um corpo que se renova constantemente, sem dúvida, na sucessão das gerações, mas que sobrevive uno”, (FREYER, 1973:134), através de toda mudança.

Portanto, esse princípio é válido para toda variedade de formas mais ou menos permanentes da integração social, a exemplo de grupos como a família, o clã, a tribo, a comunidade, a igreja, a seita, o partido político, a burocracia e o Estado, uma união de um certo número de indivíduos, determinados pela reação de um firme conjunto de forças sociais, desde tabus mais rigorosos até costumes mais sólidos, com seu poder de imposição oculto ou aberto, forças que são capazes de produzir resistência e orientação dos indivíduos no tempo.

Nestas discussões consideramos que as formações sociais desenvolvem toda a sua vida coletiva em um duplo sentido, ou seja, na esfera das instituições concretas e na intimidade dos homens. Com isso, Freyer entende que as ordens sociais vigoram e resistem na medida em que o seu conteúdo real se encontra na convivência dos povos de maneira a confirmá-la em suas ações, fazendo deste passado um não-passado, um presente que resiste objetivamente em nós, no ser e, portanto, nos indivíduos da comunidade.

Uma das condições mais importantes para o desenvolvimento da atividade da historiografia é compreender que o passado é uma força imperecível e tem uma dignidade imperecível que se encontra atuante na organização de nossas vidas.

Não são nos sistemas mecânicos, nas construções ou mesmo nas obras monumentais que se encontra o feito inovador, mas sim na propriedade da vida que é a força histórica mais significativa, seja na vivência, nas relações entre os indivíduos e principalmente na busca do seu “espírito popular”, o único capaz de promover a resistência e a permanência do passado no interior dos sistemas sociais. Para Freyer, o espírito do povo é então o objeto da história, um “ser sagrado” em que existimos, capaz de quase suprimir o conceito de tempo.

Pois o que o povo criou e o que nele cresceu não é uma realização ou obra de uma hora ou de um século, soa como uma treliça de linhas vitais traçadas neles e, ao mesmo tempo em nós (FREYER, 1958:111).

Será que os mitos das religiões milenares foram superados? O que existe de importante sobre o mito no contexto da religião, não é apenas saber que se trata de uma estória de ocorrências miraculosas, e sim, a sua capacidade de estabelecer “o precedente efetivo de um passado glorificado para as ações repetitivas no presente”, (MALINOWSKI, 1963:251 apud MAIR, 1969:240). Os nossos costumes passaram porque os territórios desapareceram com o

tempo? A história aqui estabelecida não é temporal, mas sobre coisas terrenas “eternas”, não sobre figuras, eventos, ocorrências transitórias, mas sobre forças que nos orgulham e nos humilham, fundamentos que resistem de forma definitiva, seguro, autoconsciente, ou seja, poderes que atuam em nossa composição.

Por outro lado, diante de todas as vantagens que a história antiquária nos oferece, devemos compreender que ela é capaz de limitar o nosso horizonte, na medida em que o antigo e o passado é respeitado excessivamente em seus costumes e na herança institucional. Esta explicação poderia ser comprovada, talvez com dificuldade, por estudos dos efeitos que uma egoísta satisfação produz, em acreditar que tudo o que existiu um dia permanece como uma edificação bem conservada.

Na verdade, este respeito demasiado para com o passado está diretamente relacionado com a fantasia em querer reconstruí-lo em seus pensamentos, que, como Freyer observa, representa um ponto de insegurança e insatisfação dos indivíduos, uma atitude irresponsável que sufoca toda a decisão e disposição prévia para o agir, e ao mesmo tempo um pretexto para escapar do presente.

A distinção realizada por Freyer, entre a influência desse excessivo passado fantasioso e as forças de permanência, é bem compreensível. Para ele, a história antiquária é dominada pela ideia de que os problemas que se apresentam a uma determinada geração e, portanto, nem todo um passado, são reflexos das demandas mais urgentes para a sociedade atual.

Estas questões levantadas geralmente ressurgem no decorrer da investigação de determinados povos em um período mais antigo, de modo a incitar discussões sobre problemas que continuam válidos e atuais, dirigidos a específicos círculos culturais nos debates públicos da sociedade contemporânea. Portanto, temos aqui uma atemporalidade das manifestações transmitidas a partir do espírito de uma época.

No mesmo contexto, a afirmação de Hans Freyer de que todos os passados estão idealmente no presente, possui uma certa positividade se considerarmos que esta herança vai sendo transmitida de geração em geração, no entanto, se procurarmos aplicar esta teoria na história universal e nas suas promessas de continuidade, surgem algumas questões: Como o espírito pode ir além de sua época? De que forma um espírito que começa de novo, de maneira a produzir um novo tema da história, e traz consigo toda uma vontade própria, será capaz de assumir o espírito anterior de forma a produzir uma continuidade na história? Como pode o passado estar contido em um presente diverso?

Para responder estas questões devemos ter em mente, conforme já analisado, que a pesquisa histórica se encontra em apuros se considerarmos todo o passado como algo sagrado, fonte de nossa veneração. Este momento de alerta, é aquele em que o tempo anterior é convertido em uma substância de caráter natural na qual nada será esquecido, um passado que fundamentalmente cresce de forma livre e espontânea e tem por intuito predestinar nossas ações.

Nesse sentido, será útil observar e decidir quais são as manifestações do passado que permanecem como forma de orientação no presente e de que forma elas transitam no tempo. Ao historiador cabe falar sobre a criação e exposição dos “fios finos, ao longo dos quais os tempos são comunicados” (FREYER, 1958:117), o que ele quer dizer com isso? A dinâmica temporal transmuta-se, nesse caso, por uma fina trama envolvida pelo sentido histórico em torno das coisas e entre os tempos, podendo em muitas ocasiões, segundo Freyer, terminar facilmente na elaboração de um grosseiro materialismo.

Portanto, construir esta manifestação mental em que o passado está contido no presente não só idealmente, mas também de maneira muito concreta em nossas realizações, criações e seus efeitos muito diversos, significa para Freyer aumentar a nossa identificação e orientação a partir de uma herança que primeiro precisa ser aceita por nós, para em seguida ser possuída; caso contrário ela é apagada e desaparece.

Nesse esquema de análise, a história é constituída nas bases do respeito e agradecimento a tudo aquilo que escolheu guardar, proteger e homenagear, sendo surpreendida e apreendida nas decisões, nas situações limites, nos momentos históricos, nos feitos dos “grandes homens”, nos tempos mais antigos de sua realização.

Este talvez seja um caso extremo de responsabilidade que devemos compactuar com nossa geração, em reconhecer os signos que se encontram presente em nossa alma e em nosso corpo, aqueles milhares de conteúdos inesperados trazidos pelas forças históricas como fochos luminosos de cultura a irradiar amplamente nosso tempo, atraindo a si, tudo o que cai ao seu redor, sob pena de não poder ser esquecido e sim recordado sempre.

O mais importante é compreender que todas estas recordações, influências que atuam para além da morte, são as responsáveis por afiançar a continuidade e tornar possível a construção do espaço histórico sob o campo da liberdade. Ademais, aceitar a herança dos antepassados significa fazer de cada ponto um foco consciente ou inconsciente de possíveis decisões, um processo de gratidão e de escolha, de aceitação e resistência, uma herança aceita com plena criticidade.

3 A Herança e o Presente

O tema dominante dos escritos de Hans Freyer durante os anos de 1950 a 1960, sobretudo em sua obra mais importante dos anos do pós-guerra publicada em 1955, *Teoria da Época Atual*, demonstrou a sua preocupação com os processos característicos da modernidade, aqueles que tendiam a destruir as instituições particulares e a continuidade histórica, responsáveis por fomentar a identidade e algum sentido mais elevado de significado aos indivíduos.

Para tanto, as preocupações de Freyer já não estavam mais voltadas para as particularidades das coletividades a partir de uma análise social conservadora e revolucionária, conforme proposto nos anos de 1920. Nesse momento, a sua atenção estava voltada para as ameaças às particularidades dos indivíduos, a partir de um programa de melhoria dos processos característicos da modernidade, onde a democracia liberal e o estado de bem-estar capitalista foram acrescentados em seus estudos.

Segundo seus escritos, o processo de modernização implicou na alienação de uma ordem social mais primária e orgânica, aquela que havia sido central para as estruturas sociais do passado pré-moderno, a qual o indivíduo se encontrava integrado a um complexo sistema de direitos e obrigações, herdados e continuamente reforçados por códigos sociais.

Nesse sentido, Freyer descreve que esta nova época industrial do século XVIII e seus processos estruturais deram lugar ao que denominou de “sistemas secundários”, sendo nada menos do que um contraste com as ordens institucionais abrangentes do passado, onde os indivíduos em busca de uma eficiência produtiva passam a ser considerados a partir de sua função e não de uma pessoa plena.

De fato, verifica-se que os hábitos de consumo antes regulado pela tradição e pelo status social foram erodidos na era industrial, a partir do momento em que reduz os homens a um mínimo consumo necessário para cumprir suas reivindicações através da promoção da padronização, em detrimento da particularidade e da individualidade.

Portanto, os sistemas característicos da sociedade industrial não estavam intrinsicamente ligados a uma história coletiva particular, pois em vez de pertencer a uma única comunidade de propósito coletivo, o indivíduo moderno estaria associado a ações parciais, mutáveis, sem propósito ou compromisso mais profundo. Na verdade, deixa os indivíduos solitários, inseguros e destituídos das autênticas estruturas de resistência, responsáveis por promover ao longo do tempo, em forma de herança, as reais características identitárias presente no interior das formações sociais.

Segundo Freyer, é ofício do historiógrafo lidar com conceitos que são fundamentais para a investigação do acontecimento histórico. No entanto, pouco se tem recorrido a estas abstrações na prática, a exemplo, quanto à efetividade da ideia de “historicidade” no que se refere à compreensão da vida dos homens no interior das formações sociais. Neste tipo de estudo, compreender o conjunto de valores que está contido na história dos indivíduos, a partir de sua tradição e cultura, diz respeito a identificar as autênticas estruturas de resistência do mundo histórico moderno, aquelas que permanecem durante um longo tempo enquanto herança verdadeiramente atuante.

Nesse sentido, verificamos no capítulo anterior referente ao “interesse antiquário”, que os métodos utilizados por Hans Freyer para uma escrita da história, estão fundamentados em uma representação “romântica”, aquela que procurou se afastar de todo ideal de uniformidade e igualdade, para em seguida se valer de uma construção histórica baseada na “historicidade” e sua dinâmica temporal: instante em que transformações ocorrem no interior de uma sociedade, em decorrência das decisões dos homens quanto à aceitar ou não uma herança advinda do passado, de maneira a influenciar e modificar as condutas no tempo presente.

Com esse pensamento, Freyer nos adverte que a vontade por uma “história antiquária” em que o homem é responsável por seu destino, em decorrência de suas decisões e sua liberdade, se apresentou de forma muito mais tímida nas histórias regionais e no folclore, à despeito dos acontecimentos mais importantes serem representados pela filosofia da história, momento em que o homem é destituído de sua autonomia e responsabilidade, na condução dos acontecimentos históricos.

O fato é que de um modo diferente, por meio de uma historiografia emancipatória e escatológica, neste caso, dos povos, estados e impérios, elaborou-se critérios em que uma cadeia de ações e destinos se estendeu por todo um caminho da humanidade, encarando a história fundamentalmente como uma sequência de épocas em sucessão, desde os tempos mais remotos até o presente com vistas a um futuro ideal.

Nesse caso, segundo Freyer esse tipo de história em que a sequência das épocas é colocada de forma quase natural, é semelhante à estratificação do mundo em que vivemos, isto é, equivalente à terra em seu ajuntamento sedimentar, constituída por camadas sobrepostas. Entretanto, procurar formular uma teoria do processo histórico sob a mesma circunstância das formações naturais, é um grande erro no entendimento de Freyer, pois enquanto o mundo material existe na perspectiva da superposição e justaposição e se mantém em um processo de formação rígido e estagnado, na vida espiritual as formações sociais permanecem vivas,

atuantes e válidas, em constante movimentação, ou seja, destituída de uma ordem, ou um posicionamento pré-existente.

Mas na história autêntica, os resultados materiais dos processos que ocorreram não são incorporados como camadas, mas sim fatos que foram feitos, escolhas que foram resolvidas, decisões que ocorreram (FREYER, 1958:127).

Aqui não se trata de uma sequência de épocas em sucessão, e sim de como o passado se manifesta em nós a partir das escolhas dos indivíduos que carregam consigo características identitárias que são necessárias para a transformação e concretização de uma época que está por vir. Assim sendo, diferente dos elementos da natureza que se apresentam a partir de seus fenômenos biológicos, físicos e químicos, em uma condição sedimentar, as formações espirituais como: instituições, hábitos e valores, segundo Freyer, surgem na história, são cultivadas por gerações anteriores, e aceitas de forma organizada na atualidade, de modo a favorecer na construção da historicidade de nossa existência.

Conforme o entendimento de Freyer, esta “historicidade” que se encontra presente no mundo humano, denominada por ele de “resistência”, atua de modo quase invisível, porém perceptível, sendo a única responsável por trazer apoio e fundamento para as estruturas sociais, seja na religião, no direito, na economia, nas classes sociais, ou em qualquer outra ordenação presente na atualidade. Em vista disso, a “historicidade” é incluída na vida atual como uma “microestrutura do material de que são feitas todas as formações sociais” (FREYER, 1965:155), sendo, portanto, fruto da geração atual.

É importante observar que o pensamento reafirmado até aqui estabelece uma relação com o final do capítulo anterior, e que tais questões compõem um quadro para prosseguir e abordar daqui em diante o conceito de herança³¹, tema largamente discutido por Hans Freyer, justamente para explicar com que extensão e profundidade a herança histórica imputa aos homens a responsabilidade e autonomia por sua situação atual, na medida em que o legado é aceito e interiorizado em suas vivências.

Nesse sentido, uma incoerência se faz presente não apenas para o estudioso da história, mas também para qualquer outro pesquisador ligado às humanidades, à medida que estes empregam de maneira equivocada o conceito de “herança”, como uma posse, ou um repositório de esperança que desloca do presente para o passado, em busca de valores e ordenações totais,

³¹ A história como herança segundo Hans Freyer, é a presença do passado fundamentalmente elusiva no presente, não para mudá-la, mas apenas para aceitá-la em seu peso e dignidade.

aquelas que sejam capazes de orientar a sociedade atual de forma a usufruir das disposições do passado em sua integralidade, tal como foi. Por via desse falso entendimento, muitos pesquisadores são incapazes de promover uma análise estrutural de sua própria época.

Todavia, a partir dos escritos de Freyer, entende-se que este legado foi constituído e certamente originado no passado, circunstancia em que foi acumulado e alcançado quando ainda não era uma herança, e sim uma conquista recente e atuante a se expressar em sua máxima vivacidade. Algum tempo depois, começa a operar no presente na medida em que os valores e ideias de um passado são transmitidos, recebidos e acatados com todo o seu peso e sua força pela geração atual, de modo a desempenhar uma ação transformadora junto às formações sociais, como também favorecer ao desempenho e desenvolvimento do processo histórico.

Evidentemente há dificuldades para traçar linhas rigorosas entre as etapas quanto a receber, assumir e conservar uma herança, mas somos advertidos por Freyer que aqui não se trata de uma atitude desinteressada e de indiferença em que o herdeiro simplesmente é condescendente com a herança. A este respeito fica evidente que ela é apropriada por ele, recolhida para dentro de si, e ajustada segundo as suas necessidades e desafios.

Portanto, Freyer entende que algumas heranças são legitimadas quando se apresentam diante de nós, não como uma posse, algo externo a nós, e sim como parte integrante de nós mesmos. Estes mecanismos explicados por Hans Freyer, no tópico *A Herança da História*, de seu livro *Teoria da Época Atual*, exigem desde o início uma grande complicação conceitual, ao revelar que os conteúdos herdados ao se tornarem não apenas nossos, mas constitutivos a nós, ao abstrairmos deles estaremos a anular a nossa própria existência.

Se faz necessário, antes de continuarmos com esse tema, deixar claro que existem várias maneiras de presença do passado no presente, portanto, ao tratar da “historicidade” da existência, compreendemos que a história não se apresenta tal como foi, e sim, sofre interferências e modificações face à situação em que ela é recebida pela geração atual, ou seja, pelo seu herdeiro.

Nesse sentido, Freyer apresenta a visão de uma sociedade plural, onde a realidade dos herdeiros é formada por um conjunto diverso de combinações em decorrência da estratificação do próprio ser. Desde o cultivo por um excesso de antiguidade, até o desejo de sua aniquilação completa, desde a valoração do espírito de uma época, até o reconhecimento deste mesmo espírito como algo ilusório e irreal.

Se por um lado, o fenômeno identitário representado por uma interação social, política ou econômica, é um poderoso reagente a interferir nos modos de recebimento da herança

histórica, por outro, Freyer deixa evidente que existem mais dois elementos que se posicionam entre o indivíduo e a herança, e que de modo algum poderia deixá-los no anonimato. São eles: o “domínio” e a “circunstância”.

O “domínio” para Freyer, é o local onde a herança é recebida, seja nos “diferentes domínios da cultura, entre as camadas da sociedade, entre o dia-a-dia e o feriado, entre os domínios da vida pública e da esfera privada” (FREYER, 1965:156), entre diferentes idades, seja na velhice ou na mais tenra mocidade. No “domínio” dos indivíduos, a herança será subjetivamente influenciada em relação à necessidade de conservá-la com maior ou menor intensidade.

E por fim, se tratando da “circunstância”, a herança se apresenta aos indivíduos em seus vários aspectos e formas, conforme as diferentes situações, oportunidades e ensejos em que o sujeito se encontra. Portanto, para Freyer, pelo fato da herança histórica se realizar em nós em diversas ocasiões e a partir de diferentes localidades, faz dela onipresente e indestrutível.

Contudo, para além do entendimento desta relação subjetiva entre o herdeiro e o seu legado, através da interferência de seu “ser”, seu “domínio” e sua “circunstância”, é importante compreendermos que também a herança se manifesta a partir de uma variedade de formas, desde a permanência como um material inerte em um determinado lugar, até a sua aparição como uma herança ideológica, aquela em que algum momento se fez atuante no passado, e agora ao ser aceita, retorna reformulada para atender as demandas no tempo presente.

Nesse sentido, Freyer salienta que para além de uma herança material formada por elementos palpáveis e concretos, a exemplo das obras de arte e igrejas monumentais, a herança atua com maior eficácia na vida dos indivíduos de modo interno e formativo, sendo capaz de estruturar e conceder as bases válidas para toda uma época do acontecer histórico, ou seja, a própria historicidade, um conjunto de fatores responsáveis por condicionar o acontecimento histórico, tornando nesse sentido, semelhante ao “leito previamente formado e que recebe a torrente, como cobertura que apara a queda, como andaime ou armação que facilita a construção” (FREYER, 1965:157). Portanto, a verdadeira “historicidade” de uma época, é aquela que resiste e atua de maneira invisível a modificar o interior das formações sociais.

Então, afim de compreendermos uma determinada “realidade social” e a sua diferença em relação às outras épocas, será necessário antes de mais nada relacionarmos quais heranças históricas foram lembradas e cultivadas por um povo, para em seguida questionarmos com que extensão e profundidade estas heranças foram capazes de influenciar as ações dos homens em um determinado tempo.

Para Freyer, distinguir o grau de presença e integridade de uma herança, nas ideologias, nas ações do dia a dia, nas demais criações dos homens, é tão importante quanto identificar quais heranças que de alguma forma foram esquecidas, colocadas de lado, ou mesmo bloqueadas integralmente no interior dos sistemas organizacionais.

3.1 Os Sistemas Secundários e a Herança

Os estudos sobre as condições sociológicas, econômicas e culturais, realizados tanto por historiadores, sociólogos, antropólogos e educadores das mais diversas áreas do conhecimento, e que tiveram por validade as áreas urbanas, os campos, a sociedade e o Estado, até o limiar da era industrial, identificaram uma sociedade extremamente rica em construções sociais.

Mesmo diante de uma vigorosa industrialização, responsável por impulsionar múltiplas e profundas transformações no que se refere às estruturas econômicas e políticas, quanto ao desenvolvimento de novas organizações, à proliferação de construções inovadoras e à expansão da comunicação, fica evidente o quanto se conservou do período anterior frente a esta nova época.

Segundo Hans Freyer, toda esta nova riqueza produzida na era industrial, não foi suficiente para aniquilar as formações objetivas edificadas sob o prisma do espírito anterior, por exemplo, os edifícios e seus estilos, que apesar de serem incompreendidos historicamente e negada a sua preservação, continuaram a ser habitados. Da mesma forma que as habitações permaneceram, Freyer relata que muitas instituições com suas ideologias, resistiram em meio a vida desse novo tempo, ocasião em que foram abaladas ou muitas vezes incompreendidas pela geração contemporânea, e no entanto nunca foram esquecidas. Sobre esse período de mudanças Freyer nos diz:

As velhas relações no campo ainda estavam em vigor, mesmo que disputados, entre domínios imensos. Regulamentos de cultivos e codificações da Idade Média ainda regulavam a situação econômica dos proprietários rurais (FREYER, 1965:76).

Nesse momento uma observação deve ser feita: mesmo diante de uma visível interconexão entre mudanças e permanências, aqui ocorre uma transposição de época que difere uma da outra, quanto à estrutura e ao seu tempo histórico. No entanto, o que existe de comum entre a transformação operada pelo capitalismo na existência humana, com os resquícios de uma época anterior, manifesto por regulamentos, códigos e relações da mais antiga tradição, é a “racionalidade”.

Alfred Weber relata em seu livro: *História Sociológica da Cultura*, que a bastante tempo que instituições muito antigas, deixaram de caçar animais e ajuntar plantas e passaram a cuidar de suas coisas através da administração de campos e rebanhos. Por exemplo as tribos nômadas criadoras de gado que apareceram por volta do ano 3.500 no Turquestão Ocidental já demonstravam uma criteriosa organização no exercício da atividade campesina. Segundo Weber, “decidem colocar-se sobre os povos rurais que até aí se haviam dedicado à agricultura, com uma camada capaz de organização racional e que imediatamente forma um estado” (WEBER, 1950:47), e assim, posteriormente através do domínio estatal, organizam e canalizam os deltas do Nilo, do Eufrates e do Tigre.

Desse modo, podemos observar que a “racionalização” das atividades e o ímpeto pela “possibilidade de fazer coisas”, sempre esteve presente no espírito dos homens ao longo dos séculos. Weber nos diz, que naquele momento a “racionalização”, ou seja, o espírito transformador, abriu espaços para uma crescente dissecação das mencionadas regiões, conduzindo a duas altas culturas com incrível rapidez, a egípcia e a babilônica.

Hoje, a mesma atividade campesina que um dia foi praticada no passado é destinada a combater ervas daninhas, selecionar espécies e melhorar as plantas, “tudo isso pode ser feito segundo as experiências e a habilidade herdada ou de acordo com sistemas racionais de análise de solos, seleção de sementes e utilização de implementos agrícolas” (FREYER, 1965:14), sendo assim, escolhidas e aprimoradas pelas recentes transformações modernas.

O aparecimento de um outro universo simbólico, representado pelas ostensivas transformações advindas da Revolução Industrial, constituiu uma ameaça porque a sua simples existência demonstrou empiricamente que a transformação foi inevitável. No entanto, Freyer compreende que todas as construções racionais, em especial as mais duradouras e atuantes, se baseiam e prendem seus fundamentos em dispositivos sociais preexistentes, “pois tudo aquilo que alguma vez foi agarrado com toda a alma, agarra também o que o agarrou e o transforma” (FREYER, 1965:8), nesse sentido não criam, simplesmente herdam e aprimoram.

Aqui Freyer reafirma mais uma vez, que todas as recentes formações sociais, seja uma instituição ou qualquer outra organização moderna, foram criadas sobre as bases estabelecidas por seus antepassados, residindo aí sua estabilidade e sua legitimidade na liberdade de promover uma condição interna, aquela capaz de apreender, confirmar ou limitar o seu ordenamento a partir da harmonização e integração entre o herdeiro e a sua herança.

A herança é acima de tudo esta atmosfera espiritual que permeia uma época, em “que o seu início se encontra quatro ou cinco gerações antes de nós” (FREYER, 1965:10), tendências

que segundo Freyer, estão em movimento, não como um direito outorgado de cima, mas como algo que precisa ser reclamado, defendido e preservado. Com relação a este ponto, as ordens racionais seriam escolhidas e construídas em cima de bases já formadas, estendendo a pátina da história.

Depois de mais de um século e meio de desenvolvimento industrial, em que as instituições feudal-camponesas perderam sua urgência e sua época chegou ao fim, ordens sociais de novos tipos se estendem sobre diferentes países e englobam quase toda a vida social nos dias atuais.

Já em seu tempo, Hans Freyer apercebeu como as estruturas modernas foram capazes de apreender e modificar o homem “em seu foro íntimo, até mesmo em suas necessidades morais e em suas ligações pessoais, em sua vontade de viver, e em seus sonhos e neuroses” (FREYER, 1965:9), classificando aquele momento como um sistema de ordem industrial dos mais complicados que já existiu na história social da humanidade, construído de uma forma inteiramente nova.

De qualquer modo, esse novo momento descrito por Hans Freyer será significativo para compreendermos como que os sistemas secundários³², ou seja, as organizações sociais modernas, rejeitaram a transmissão dos sólidos fundamentos históricos tradicionais, aceitos e assimilados pela sociedade. Nesse sentido, tornaram-se responsáveis por bloquear e controlar integralmente a herança dos homens de acordo com os seus próprios interesses ideológicos. Sobre esta extrema “racionalidade” Freyer comenta:

Aqui se conta com um homem que nada mais pode fazer senão dirigir-se ao sistema, e isso não é apenas uma teoria, e sim algo inteiramente real: o homem é efetivamente reduzido ao mínimo que se espera dele. Com isso se torna bastante provável que ele se movimente segundo as linhas do modelo. (FREYER, 1965:79).

Nesta forma de organização observada por Hans Freyer, o “sistema secundário” por intermédio do seu ordenamento social, foi capaz de projetar e modificar o interior da vida humana, de maneira a criar um novo comportamento que estivesse alinhado às necessidades impostas e, portanto, desejável para aquele momento. Para Freyer, esta “racionalidade” levada até as últimas consequências, a exemplo do “sistema totalitário”, fez do homem um ser dócil, na medida em que passou a viver em função de outros valores que não os seus.

³² Segundo Hans Freyer, são sistemas de ordens sociais que interferem no interior do sujeito humano, a partir da redução do indivíduo conforme a sua necessidade, de modo a produzir e definir o homem segundo sua função no sistema.

Naquilo que tange aos aspectos do “sistema secundário”, muito embora tenha alimentado os homens de conteúdos e impulsos tão necessários para a orientação e aprimoramento da vida societária, ele também foi capaz de produzir uma geração de alienados, por meio da redução do ser humano. Segundo Freyer, esta ação racional construída para garantir alguma segurança e estabilidade, a partir de um fundamento artificial, é incondicional, pois no mesmo instante em que as condições são arbitrariamente apresentadas, a herança também é recusada, com a intensão de não apenas superá-la, mas também liquidá-la.

É importante ter em mente que os “sistemas secundários” se apresentam em suas formas mais ou menos totalitárias, tencionando contra os fundamentos históricos na obsessão de construir-se a si mesmos até os últimos elementos. No entanto, a herança jamais foi eliminada por completo, qualquer atividade humana manifesta a partir da idealização dos sujeitos, estará amparada na herança histórica ou mesmo no próprio “sistema secundário”, a partir de uma herança artificial.

De qualquer maneira, embora os “sistemas secundários” procurem a todo momento eliminar a herança antiga dos indivíduos, e tenham “a vontade de estabelecer uma ruptura total com o passado e começar tudo a partir do zero” (FREYER, 1965:159), encontram-se em um grande dilema, pois para impactar o interior de seus movimentos e justificar os seus programas teóricos, necessitam ser legitimados pelas figuras do passado.

Desse modo, essa época de profundas transformações parecia desarticular-se cada vez mais. Para Freyer, o sintoma deste momento se deu na medida em que a própria história passou a ser utilizada para fins diversos, de maneira a deturpar por completo o significado das figuras históricas.

Shakespeare é levado a todos os palcos, Bach está na moda e Beethoven certamente jamais foi executado de modo mais perfeito. Os grandes estilos, na medida em que possam ser administrados como em museus e reproduzidos de forma condensada, são universalmente considerados como de alto valor. Constrói-se em estilo clássico com colunas, gótico com torres e barroco com escadarias (FREYER, 1965:160).

Por mais que nesse momento a cultura histórica torna-se difusa a partir de sua ampla divulgação, e chega a quase todos os lugares, é, porém, retirada de seu contexto e transformada a mercê da vontade dos ideais humanitários. Freyer observa que “toda problemática dos conceitos de cultura e ilustrações se revela aqui”, (FREYER, 1965:160), na medida em que a exploração formal da herança histórica é seguida de um vazio e uma desordem que conduz a resultados segundo ele, assustadores.

Em sua atuação, a herança histórica é remodelada pelos “sistemas secundários” a ponto de receber uma segunda vida. Para Freyer, converte-se em um agente desorientador, um protagonista a representar em perspectiva uma herança artificial, aquela capaz de oferecer no tempo presente os valores necessários às instituições, com vistas a validar os seus propósitos sem que implique qualquer obrigação.

Ainda tratando deste mesmo assunto, Freyer foi mais além em seus pensamentos, ao se delongar em um raciocínio hipotético representado a partir de uma criação imaginária, em que a herança histórica é totalmente apagada. Com isso, a história não chega à consciência dos indivíduos, de modo que o passado perde toda a sua validade e potência, fazendo do sujeito um ser alienado, desorientado e dependente em relação ao destino de sua própria história, ou seja, aquele que não é capaz de enfrentar com autonomia e liberdade os desafios produzidos em sua época.

Nesse mesmo sentido, Freyer se inspira na clássica obra literária de Georg Orwell, *1984*, ao escrever sobre o Estado futuro, momento em que todas as fontes históricas são constantemente reescritas por uma pequena repartição do “Ministério da Verdade”, e administrada por um cérebro orientador, “aquele que coordenava todo o trabalho e fixava diretrizes, mandando conservar este ou aquele fragmento do passado, falsificar outro, e eliminar completamente aquele outro” (ORWELL, 1983:43), com a intenção de aniquilar a herança histórica.

O envolvimento dos “sistemas secundários” na organização de um Estado, onde os documentos corrigidos são guardados e os originais destruídos, conforme descrito por Orwell a partir de uma sofisticada elaboração, tem por missão básica não reconstruir o passado, mas fornecer aos cidadãos instruções, entretenimento, literatura, música, teatro e toda sorte de divertimentos tanto às necessidades do partido quanto ao proletariado.

Conforme aponta Freyer, a obra escrita por Orwell, imaginou um passado inexistente, aquele que não foi capaz de oferecer qualquer força, qualquer obstáculo, ou mesmo qualquer resistência aos indivíduos, devido as exortações advindas pela herança serem eliminadas no mesmo instante em que uma nova história em curso era criada.

Aqui se trata para Hans Freyer de um sistema que tem por objetivo promover a fragmentação e o desfibramento da história, uma sociedade destituída de sua “historicidade”, um não reconhecimento de suas raízes, seus valores, ou seja, de sua própria identidade. Sob a forma ficcional, Orwell nos apresenta um agrupamento de indivíduos em que a sua existência

consiste apenas no presente e no futuro, uma vida fantasiosa, falsificada e liberta de todo e qualquer conhecimento histórico.

Se por um lado o “sistema secundário” é capaz de oferecer aos indivíduos uma interiorização de submundos institucionais que já não tem a ver com a sua herança histórica, quando através de “um grupo dominante monopoliza para si partes do patrimônio cultural, de forma que se rompe o mundo homogêneo da comunidade (FREYER, 1973:138), provocando uma transformação real de sua realidade doméstica, por outro, em circunstâncias mais seguras, ao indivíduo se encontrar envolto pela socialização primária, a exemplo da família ou qualquer outro movimento originário, as interiorizações somente ocorrerão se existir uma identificação.

Com efeito, a família, aquela que nunca permanece estacionária, mas muda radicalmente na medida que a sociedade se transforma de uma condição para outra, é o seio onde o indivíduo nasce, “a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, em virtude da qual torna-se membro da sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1976:175), uma estrutura social objetiva, responsável por oferecer signos e significados a partir de uma relação com o passado, interiorizando-o e tornando seu.

Este processo típico que acabamos de esboçar, quanto à interiorização cultural dos indivíduos em sua infância, se dá de diversas formas, a partir de seu mundo social objetivo e de sua localização na estrutura social. Segundo Freyer, esta transmissão fica estampada como herança em seus corpos, “na lembrança, no respeito, na educação, e nas ligações humanas entre as gerações” (FREYER, 1965:162), ou seja, um verdadeiro genoma social a circunscrever a vida dos indivíduos.

Independente das significativas mudanças que estas relações parentais vêm sofrendo no último século, continuam sendo o espaço social onde a herança se prolonga. Assim como no núcleo familiar, existem outras ligações e associações comunitárias que ao surgirem por iniciativa própria no interior da vida social, atuam de forma penetrante e direta na consciência dos indivíduos. Na medida em que se organizam e resistem às atitudes totalizantes advindas dos “sistemas secundários”, as instituições tradicionais a partir de suas ideologias de vida, procuram resistir frente ao apagamento das várias formas de vivências existentes em nossa sociedade.

Para Hans Freyer, estes sistemas totalitários procuram a todo instante identificar e modificar a tudo aquilo que lhes opõe resistência, de modo a promover ataques sutis à família, ao matrimônio, à educação, como também a tantos outros tipos de organizações não

governamentais (ONGs), classificando a todos estes agrupamentos como superados e, portanto, suscetíveis de reforma.

Os ataques mais perigosos são os que pretendem passar por “reforma”. Apresentam, então, como pretexto o interesse próprio daquilo que deve ser reformado, e utilizam expressões sempre poderosas como “transformações oportunas” de “formas há muito tempo superadas” de um conteúdo que, entretanto, em sua “essência” deve ser conservado (FREYER, 1965:162).

Ações dessa natureza, são construídas e fundamentadas em argumentos de ordem econômica, política e social, de modo a justificar e legitimar socialmente as mudanças desejadas para certos agrupamentos sociais. A partir de uma superficial argumentação de que as reformas servirão para aprimorar e fortalecer às relações humanas, procuram deslegitimar todos os valores tradicionais confirmados na vida comunitária.

Nesse sentido, entendo que a maioria das reformas orientadas pelos “sistemas secundários” nos dias atuais, tem por finalidade dar cabo às organizações populares, tais como movimentos associativistas voltados para uma “economia solidária”, movimentos dos trabalhadores do campo e tantas outras formações sociais responsáveis por resistir e preservar a herança histórica na consciência dos indivíduos.

Assim, aquilo que um dia presumimos como um reinício, na tentativa de estabelecer um fundamento em que a ordem mais antiga foi colocada de lado pelas instituições modernas, se apresenta como uma decisão irreversível, na medida em que um conjunto de descontinuidades associado ao período moderno, fez produzir modos de vidas desvincilhadas de todos os tipos tradicionais de uma ordem social.

Em termos intencionais, as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos, para Freyer, é vista como o impulso de uma época, em decorrência da crença no progresso e a disposição em alterar algumas das mais íntimas características de nossa existência cotidiana. No entanto, Freyer observa que obviamente existem continuidades entre o tradicional e o moderno, onde nenhum foi capaz de suplantá-lo em sua totalidade, mas que um diminuto período do tempo histórico foi suficiente para impactar na limitação de nosso conhecimento de períodos precedentes, dificultando a sua interpretação e transição para o tempo presente.

Analisar a atualidade e identificar as descontinuidades promovidas pelas instituições sociais modernas, frente às ordens sociais tradicionais, fará com que cheguemos a compreensão, segundo Freyer, de que “a longo prazo é vitalmente perigoso demolir ou obstruir o fundamento histórico, e de que já é mais do que tempo de reconstruí-lo nos pontos em que sofreu danos”

(FREYER, 1965:166), ou seja, naqueles lugares em que foram orientados segundo princípios completamente diferentes dos que se estabeleceram em períodos anteriores.

É notório que o desenvolvimento dos “sistemas secundários” e a sua extrema “racionalização” em escala mundial, criou oportunidade para os seres humanos usufruírem de uma existência diferente de todo tipo de sistema pré-moderno. Se por um lado isso trouxe uma certa segurança proveniente de um desenvolvimento técnico, por outro também apresentou seu lado obscuro, aquele capaz de produzir preocupações de ordem destrutiva não só à nossa herança histórica, mas também ao meio ambiente material.

Com efeito, Hans Freyer levanta uma questão antiga ao analisar o uso arbitrário do poder, neste caso, a partir dos “sistemas secundários”, onde procura avaliar “se esses processos são reversíveis, se essas colocações podem ser retiradas, ou, de forma ainda mais geral, à saber o que é possível fazer e que não é, o que é possível querer e o que não é” (FREYER, 1965:166), em prol a uma ação que seja equilibrada entre uma atitude conservadora e ao mesmo tempo transformadora e libertadora da sociedade civil.

3.2 A Herança e o valor de começar de novo

Como deveríamos procurar analisar o aspecto ameaçador do mundo contemporâneo exposto por Hans Freyer? A categoria do ambiente criado pelo “sistema secundário” é evidente, na medida em que cortou a sua ligação com o fundamento histórico e passou a operar de modo inteiramente artificial quando decidiu a “não honrar e conservar o seu passado, senão a destruí-lo e dissolvê-lo para poder seguir vivendo” (FREYER, 1958:122), com a intensão de oferecer um passado diferente e a chance de começar de novo.

É indiscutível que a mudança está presente em várias fases do desenvolvimento histórico, no entanto, a época atual foi impulsionada por uma máxima organização racionalizada das atividades humanas em diferentes áreas do globo, promovendo ondas de transformação a partir de alguns sistemas de organização, tais como o industrialismo, aquele que segundo Anthony Giddens, “se torna o eixo principal da interação dos seres humanos com a natureza em condições de modernidade”(GIDDENS, 1990:66), nesse sentido um ambiente novo, que foi transformado, criado e sujeito à coordenação e controle das instituições.

Certamente, a conexão de vários sistemas modernos tais como o capitalismo, o estado-nação e o industrialismo, entrelaçados historicamente em seu desenvolvimento mútuo, não só foram capazes de remodelar o interior dos indivíduos, de modo a reduzi-lo a condição de

elemento a partir de uma racionalidade burocrática em que todo o seu tempo está envolvido em tarefas ou trabalhos, mas como também nos trouxe alguns impactos ambientais.

Nesse sentido, a história recente nos apresenta: a ocorrência de catástrofes naturais, poluição dos mares; efeito estufa, derivado dos poluentes atmosféricos que atacam a camada de ozônio; os acidentes industriais, a exemplo do acidente nuclear de Chernobyl ocorrido em 1986, e por fim, as condições de vida da sociedade, quanto à desigualdade, pobreza, exclusão social e qualidade de vida.

O desenvolvimento de riscos ambientais institucionalizados e as suas consequências são apontados por Hans Freyer, na medida em que o homem em decorrência do domínio da natureza começou a abrir clareiras em florestas virgens em busca de madeira e terras agricultáveis, de modo a provocar “transformações no solo e em sua irrigação, nas condições de tempo e clima, transformações essas que atingem o próprio coração da região (FREYER, 1965:169), uma desordem em consequência da destruição de todas as “resistências” oferecidas pelo meio ambiente. Segundo Freyer:

Nos países em que a catástrofe já se consumou, uma vez que o equilíbrio das forças naturais foi destruído até as suas raízes, foi dado o sinal de alarma. Na verdade, o perigo era iminente. Uma comissão americana tornou público, no início da década de 1930, que no Centro-Oeste a destruição do solo fértil atingia dezenas de milhares de quilômetros quadrados, ao passo que centenas de milhares estavam grandemente danificados. Talvez essa região, que, por sua própria natureza, se inclina a transformar-se em deserto, não seja de forma alguma própria ao povoamento e ao cultivo, pelo menos não desse modo (FREYER, 1965:171).

Pode-se falar que este tipo de ocorrência se deu em várias outras regiões onde o homem interveio intensamente, através do cultivo e da excessiva “racionalização”, perturbando nesse sentido o equilíbrio das forças naturais. Para Hans Freyer, vivemos um tempo em que as conexões dessa racionalidade fracassada estão perfeitamente compreendidas, e mais do que nunca é o momento de procurarmos pontos de apoio e saída para escaparmos desta devastação.

No decorrer das últimas décadas, planos de contenção foram estabelecidos pelas nações com o intuito de minimizar os riscos e suas potenciais consequências, onde o homem de forma precária procurou atender aos acordos ambientais fixados em torno de temas referentes à preservação da natureza e ao desenvolvimento sustentável tais como: restauração e reflorestamento de áreas desmatadas, aumento do uso de fontes de energia limpa, baixa emissão de carbono, além de outras coisas.

Nesse sentido, Freyer entende que numa era técnica será necessário defender o valor do objeto técnico, a favor do “direito natural”, aquele que poderá assegurar a liberdade, a segurança

e a equidade dos indivíduos. Segundo seu entendimento, os efeitos da técnica são ambivalentes, pois se por um lado nos trouxe um lado sombrio e perigoso, por outro, somente a atividade humana sob sua forma técnica terá condições de oferecer as qualidades necessárias a reproduzir um novo equilíbrio que venha substituir o antigo.

A atividade industrial modificou a superfície de nosso planeta muito mais do que qualquer outra força, basta olharmos para os grandes centros urbanos onde a natureza foi substituída pelo artificial. No entanto, uma questão colocada por Hans Freyer em sua época é bem atual para os nossos dias, quanto “a possibilidade de que os processos de destruição provocados pela atividade cultural do homem sejam tornados reversíveis por meio da reconstituição de pontos isolados” (FREYER, 1965:172), a exemplo nos dias atuais, sobre o alerta de perigos graves e iminentes a serem enfrentados pela humanidade, conforme último relatório divulgado em 2021 pelo *Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas*³³ acerca dos caminhos e ações para limitar o aquecimento global a 1,5° C. Freyer, ao relatar os desastres ambientais em sua época, nos diz:

Quando se trata de equilíbrios próprios da natureza, de solo, em particular, é a natureza que tem a última palavra, e sua resposta pode vir através de caminhos sinuosos e de um ponto muito diferente daquele que se espera (FREYER, 1965:172).

Diante dos desafios, no que se refere às questões climáticas, não nos resta outra opção do que planejar e esperar. As profundas mudanças comportamentais e tecnológicas que a humanidade terá que desenvolver para as próximas décadas, referente a uma nova matriz energética, eficiência na produção de alimentos, transporte sustentável e outras, são caminhos de autonomia que demonstram o quanto o homem foi responsável pela situação em que nos encontramos, e que somente ele constrói o seu mundo.

Para além das questões ambientais e os seus desafios, Freyer entende que a humanidade se encontra diante de um novo momento, aquele relativo ao reestabelecimento do equilíbrio que foi desfeito, da reconstituição do fundamento que foi abalado nesses últimos dois séculos pelos “sistemas secundários” e seus processos produtivos. Com efeito, o abuso praticado na modernidade e os seus resultados estão diante de nossos olhos, podemos senti-los em nosso ser, e provavelmente continuarão por um longo tempo em nossa vida.

Segundo Freyer, procurar compreender os efeitos da modernidade em sua totalidade talvez seja cedo demais, pois “alguns efeitos provavelmente só se manifestam depois de longo

³³ O Painel Intergovernamental sobre mudanças climáticas, mais conhecido pelo acrônimo IPCC é uma organização científico-política criada em 1988 no âmbito das Nações Unidas pela iniciativa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e da Organização Meteorológica.

tempo, e é difícil acompanhar o entrelace de conexões causais em todas as suas ramificações” (FREYER, 1965:175). Para ele, estas dificuldades poderão ser superadas por meio de “processos decisórios”, ocasionando a variação das condições atuais, de modo a freá-las ou mesmo dirigi-las para outros caminhos.

Diante desta situação, é necessário compreendermos que estamos a lidar com estruturas sociais, agrupamentos de indivíduos que se encontram unidos por um sistema de direitos e deveres, construído ao longo do tempo. Nesse sentido, Freyer entende que toda e qualquer intervenção não será de imediato aceita e transmitida, mas antes acompanhada por uma pergunta, a saber, até que ponto estarão dispostos a serem modificados, ou mesmo intimidados e violentados em suas culturas.

Ainda que saibamos das dificuldades para a realização de uma intervenção social baseada no respeito e na liberdade dos povos, na medida em que nos deparamos com os efeitos da modernidade e os seus resultados sóciopsicológicos, mais se confirma a nossa convicção da necessidade e urgência em assegurar uma nova ordem humana, ou mesmo reconstruir e fortalecer aquela que foi destruída. A exemplo disso, Arnold Gehlen em seu *livro A Alma na era da Técnica*³⁴, nos diz sobre o ajustamento do homem a uma forma de comportamento, acompanhado de sua perda de experiência.

Nesse caso, Freyer compreende que este cenário nos conduzirá a um “paradoxo da herança”, pois se apenas promovermos uma simples manutenção da estrutura existente cometeremos um grande erro, no entanto, realizar uma ação ativa quanto à conservação e reforma nos proporcionará um novo tipo de equilíbrio, a partir de uma estrutura artificialmente criada pelos “sistemas secundários”.

Vale lembrar que as relações de confiança do homem moderno com “os sistemas secundários”, aconteceram no instante em que os seus vínculos de “atividade” e “segurança” foram transferidos de uma base organizacional comunitária para as instituições que hoje se encontram estabelecidas na sociedade. Segundo os estudos de Giddens, o homem destinou suas necessidades e seguranças às instituições modernas e seus sistemas abstratos, a partir de uma ampla relação de confiança com o conhecimento gerado pela ciência através de sua capacidade técnica.

O que nos parece indiscutível é que todo este conhecimento e habilidades técnicas praticadas pelo ser humano através dessa sua vontade de liberdade em fazer coisas, atingiu uma

³⁴ GEHLEN, Arnold. *A alma na era da técnica*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Livros do Brasil, 1966.

alta racionalidade, algo não encontrado nas gerações anteriores. Segundo Hans Freyer, o homem adquiriu a capacidade da “superação da natureza não somente mediante a elaboração de formas, mas na fabricação sintética de novos materiais” (FREYER, 1965:26), e, portanto, por meio de dispositivos adequados estará apto a promover a manutenção ou reconstituição de sua época.

Toda e qualquer atuação dentro do sistema organizacional moderno é planejado a partir de uma criteriosa organização de seus departamentos, de forma que o direcionamento das tarefas tenham um mesmo objetivo. No entanto cabe ressaltar que durante o ciclo das atividades, são criadas normas de segurança para conter qualquer irregularidade, de modo que as operações não fujam ao seu controle.

Esta lógica de organização e planejamento das ações exercidas pelos gerentes é a única coisa em que confiam, buscam em ocasiões oportunas na medida em que atuam em um determinado macroambiente, promover as devidas adaptações ao ambiente externo, aquele sob os quais não possui controle, como: o clima, políticas ambientais, legislação, crises econômicas, taxa de juros entre outros. Nesse mesmo espírito Freyer compreende que as estruturas humanas que se pretende conservar, serão organizadas pelo homem a partir de seu empenho e conhecimento adquirido no mundo organizacional, ao assumir a responsabilidade de identificar, intervir e eliminar tudo aquilo que promove o desequilíbrio e a insegurança social.

Por todas estas razões, escolher o que conservar é tão importante quanto compreender como que estas heranças serão ressignificadas no tempo atual, ou seja, modificadas segundo a sua utilidade com vistas a recuperar o equilíbrio social. Como já havíamos apontado anteriormente, para Freyer, este sintoma de desarticulação e desorientação da herança se dá na medida em que a própria história passa a ser utilizada para fins diversos, ao ser aceita e manipulada segundo interesses particulares, torna-se extremamente perigosa.

Portanto para lidar com a herança histórica é preciso negar a prática revolucionária, aquela que procura a todo instante libertar-se radicalmente de seu passado, transformando-o em um evento fantasmagórico. Segundo Hans Freyer, é no presente que nos posicionamos cuidadosamente frente a herança, momento em que ela ressurgem com seus princípios em forma de ideias e ações práticas, cabendo somente a nós aceitá-las ou negá-las a partir de nosso julgamento, em que todo o direito de julgar deverá sempre vir acompanhado de uma justificativa.

Aqui cabe mais uma vez salientar que no momento em que herdamos algo de nossos antepassados, mesmo existindo algum tipo de estranhamento, passam a ser parte de nós e assim

“o são só porque nosso ser, com o sim que diz a sua própria existência, os envolveu e os trouxe para a sua própria vontade de viver” (FREYER, 1958:129), uma herança fixada através de nossa liberdade de escolha e aceitação. No entanto em Freyer compreendemos que ao admitimos uma herança nos tornamos responsáveis pelo nosso presente, pois a história da nossa existência, a historicidade própria, advém precisamente do passado e, portanto, devemos perguntar a que passado nos obriga.

Segundo Hans Freyer, uma das dificuldades centrais neste debate não diz respeito a um presente que se põe como norma a partir de seus sistemas de orientação, e sim, se dirige a um presente que se encontra em crise, aquele que procurou justificar os seus julgamentos e ações a partir de um passado inventivo, ou seja, falseado, abreviado ou embelezado. Nesse sentido quando a herança reclamada se apresentou corrompida e, portanto, não se ajustou com as demandas mais urgentes de sua geração, necessário foi buscar com todo zelo aquele passado que a priori fez parte de nossa essência, sendo, portanto, o nosso. Assim, Freyer pergunta:

Qual o passado que obriga? Porém esta questão é a vez, ou antes que nada, uma pergunta dirigida ao presente, pois é idêntica com esta outra: o que realmente existe em nós como extrato profundo e o que nós, enquanto corrupção, podemos eliminar e apagar (FREYER, 1958:125).

Esses diversos passados que resistem de forma estratificada em nossas recordações se apresentam a nós em decorrência da transmissão geracional, ocasião em que os seus conteúdos são escolhidos e reformulados a partir de nossos feitos e realizações. Para Freyer, assemelhar o processo de transferência de uma autêntica história aos mecanismos de incorporação praticados nas ciências geológicas, é praticamente inconcebível, pois enquanto na geologia os minerais estão incorporados em uma relação mecânica de camada superior e inferior, na história as transferências advêm de decisões.

Aqui mais uma vez devemos reconhecer o caráter dialético da liberdade em aceitar ou não uma herança não por processo orgânicos e sim por decisões formais, em que “o seu conteúdo e contribuição não se conserva segundo o princípio da hereditariedade, não transplanta como um movimento material, como um germe orgânico” (FREYER, 1958:130), mas sim se apresenta na consciência dos indivíduos em um novo chamado através de realidades duras, únicas e decisivas para o seu tempo.

Desse modo Freyer entende que o respeito pelo passado está acompanhado de uma ação prática no que se refere a escolha de nossa verdadeira herança, uma existência que nos chama a decidir sobre aqueles passados que permanecem em nós como estados de consciência a

reclamar por problemas que não foram resolvidos e, portanto, perduram abertos e intranquilos em nossas vidas, a exigir e perguntar se o tomaremos sob nossa responsabilidade ou não.

Entretanto não importa o quão bem um sistema é planejado nem quão eficiente são as respostas dos homens frente aos problemas atuais, pois além da atividade humana em geral não poder ser inteiramente prevista, o mundo social na modernidade nunca poderá formar um meio ambiente estável em sua perenidade, afinal novos conhecimentos a todo momento alteram a sua natureza, projetando a sociedade em novas direções.

O impacto deste fenômeno de constante desencana e a busca pela estabilidade social está intimamente relacionado com a concepção que Hans Freyer nos oferece ao compreender que todo passado é uma herança, por conseguinte, um presente na medida em que a herança é aceita e adquirida. Dessa maneira, os desafios da vida moderna através de sua constante produção e reprodução das ações humanas é para Freyer uma relação existencial, dado que ao herdeiro aceitar a história a partir de decisões sempre novas e no presente, de novo e a todo momento, assume a responsabilidade quanto a ocupar-se da história e de si mesmo através de um presente contínuo.

Vale lembrar que as realidades passadas têm o seu contorno definitivo e não estão sujeitas a mudanças, a única atitude que podemos intencionar em seu favor será em averiguar e comprová-la. Assim sendo o meu passado, aquele que decaiu e já não mais existe é uma realidade imodificável, diferente daquele outro que existe como parte constitutiva de meu próprio ser, ou seja, uma parte essencial de meu destino que resiste, sendo, portanto, suscetível a mudanças em decorrência das minhas decisões.

Em vista disso em que medida o passado com seus dons, suas forças e seus costumes operam em nós com sua existência? Ao respondermos esta questão temos que considerar que a herança corresponde de modo essencial ao seu herdeiro e nesse sentido precisa ser aceita para que não venha deixar de existir. Em sentido literal não somos obrigados a nenhum passado, ele somente se converterá em uma verdade moral plenamente concreta quando os indivíduos em sua geração, ou seja, no presente estiverem dispostos a recomeçar, pois segundo Freyer, “aceitar quer dizer realmente fazer um novo começo a partir do lugar dado, começar a partir dele e lançar-se até adiante” (FREYER, 1958:129).

O passado que nos obriga e, portanto, pertence a nós, é aquele que traz para a nossa existência uma preocupação, sendo nesse sentido um reflexo da crise do presente. Todavia segundo Hans Freyer, devemos encarar o presente não como fim ou síntese, mas sim torná-lo

um caminho que se quer seguir sendo o responsável, na medida em que a situação de crise é convertida em um lugar de decisões oportunas para marchar adiante.

3.3 O Quiliasmo como uma aureola da realidade

As questões sobre orientação cultural na sociedade moderna tem sido um dos grandes desafios enfrentados pelos sujeitos, pois ao mesmo tempo em que são a todo momento compelidos a tomar uma decisão, conjuntamente se encontram diante de múltiplas opções, recorrendo nesse sentido ao individualismo ou ao pluralismo, como um sistema de valores e padrões morais proveniente de suas práticas sociais, sendo nesse sentido aqueles que irão influenciar e orientar o caminho a ser percorrido.

O fato é que no decorrer da história da humanidade nem sempre foi assim, pois o homem ocupou muito mais “com objetos que transcendiam o âmbito de sua existência do que com os que lhe eram imanentes, e, a despeito disso, as formas reais e concretas da vida social foram assentadas em estados mentais ideológicos, incongruentes com a realidade”. (MANNHEIM, 1956:179), portanto, desorientadores.

Segundo Karl Mannheim, uma orientação incongruente é aquela que transcende a realidade e ao mesmo tempo rompe os limites da ordem existente, ou seja, um estado mental ideológico que não condiz com o estado da realidade dentro do qual se encontra. Aqui entendo que esta incongruência se revela a partir do momento em que tal estado em sua experiência, pensamento e prática se volta para objetos inexistentes da vida real.

Dessa forma, no momento em que certos grupos sociais incorporam algumas imagens irreais e, portanto, inexistentes, criadas a partir de desejos e vontades a semelhança do pensamento futurista, aquele que segundo Hans Freyer, está voltado para o futuro com um de seus olhos e a partir do futuro interpreta o passado e o presente, certamente se encontram orientados por uma ordem social que existe apenas em sua imaginação, uma convicção que não se faz presente na realidade.

Para Karl Löwith em seu livro *História Universal e História Sagrada*, “quando os gregos se ocupavam da história não pensavam de forma alguma no futuro” (LÖWITH, 1953 apud FREYER, 1965:181), segundo ele é o pensamento histórico moderno que é inteiramente futurista, de modo a perguntar para onde a história quer ir, lançando nesse sentido uma luz desfocada e inteiramente nova sobre o passado.

Nesse sentido, procurar compreender o homem em sua existência é considerar que ele se constitui primordialmente na história e na sociedade, pois não se trata de uma “existência em

si”, e sim uma vida que é dedicada e orientada a partir de seu contexto histórico social. Agir segundo o modelo de um pensamento futurista, para Freyer, é fazer do presente uma indicação para o que está por vir, de maneira a se preparar para o futuro a partir de uma promessa, na qual o pesquisador passa a interpretar o passado e o presente pelo viés de uma profecia retrospectiva, embasada em um pensamento histórico futurista.

Porém foi somente com a tradição judaico-cristã que definitivamente difundiu a ideia de uma História universal no pensamento histórico através da revelação esquemática entre o princípio, o meio e o fim da história, a partir do conceito de pecado original, salvação e juízo final. Freyer aponta que nesse momento “permanece traçado um esquema de acontecimentos absolutos, fixados em determinados pontos do tempo” (FREYER, 1954:27), onde toda ocorrência histórica recebe um lugar próprio e uma significação inconfundível no destino total traçado para a humanidade.

Nessa perspectiva escatológica cristã, “os grandes impérios da terra já não são uma justaposição, se não uma sucessão na qual cada um cumpre sua tarefa precisa, positiva ou negativa, para a realização do reino de Deus” (FREYER, 1954:28). Vale a pena destacar que para Freyer nesse instante o futuro se torna o verdadeiro foco da história, de maneira a evidenciar através do sistema escatológico não apenas ao fim da história como também à sua finalidade, convertendo o transcurso temporal em uma ordem de acontecimentos.

Se por um lado o messianismo judaico e a escatologia cristã procuraram investigar os fatos históricos passados com vista a justificar o futuro profético por meio de uma construção lógica dos acontecimentos temporais em um permanente fluxo, por outro lado, Hans Freyer questiona: “Quando o presente investiga o passado, no qual se situam suas origens ou do qual espera apreender alguma coisa, que tem isso a ver com o futuro?” (FREYER, 1965:181). Para ele o pensamento futurista não é elaborado a partir de uma história concreta, mas se irradia da transcendência à temporalidade, de modo a romper com a compreensão da época atual e suas origens.

Somente quando as coisas derradeiras, o juízo final e o reino futuro da salvação se apoderam da consciência de tal forma que tudo o que é humano, presente ou pertencente à história, cai sob o domínio dessa luz, somente então é rompido o anel forte e seguro de si mesmo que liga a época atual com suas origens e que é conservado na memória graças ao sentido histórico (FREYER, 1965:182).

Esse futuro que irrompe na história em que todos os acontecimentos estão indicados para um determinado fim na esperança de que as previsões sejam cumpridas, ao ser apropriado pela história profana produz uma grande mudança, ocasião em que o futuro permanece aberto

convertendo-se em uma marcha que se realiza no tempo através do transcurso histórico não mais transcendente e sim terrestre.

Segundo Hans Freyer a modernidade europeia veio acompanhada por uma “decomposição interna da igreja medieval e de seu sistema metafísico” (FREYER, 1954:29), surgindo conjuntamente os Estados Europeus atrelado a suas transformações sociais, aquelas que mediante a este “espírito” iriam propagar uma consciência do valor próprio e da regularidade da vida.

Consequentemente, essa nova época acompanhada por uma constante atividade terrestre em que as leis naturais seriam aplicadas segundo a vontade humana a partir de seu conhecimento empírico, faria com que o homem saísse de seu estado natural em direção aos ideais que constituem a consciência espiritual do iluminismo, na busca pela autonomia da razão e da felicidade humana. Aqui para Hans Freyer a secularização se resume na troca de todos os símbolos, em decorrência da dissolução completa da evolução humana a um objetivo transcendente.

Seja como for, as relações sociais a partir de suas manifestações procuraram seguir adiante em busca de uma ordenação total do plano terrestre de acordo com a razão, onde “a vontade de Deus relativa à salvação dos homens e a história da civilização humana foram simplesmente projetadas uma sobre a outra” (FREYER, 1965:183), circunstância em que a providência desvanece e a civilização se estende a todos os povos, Estados e culturas, sendo assim uma transcendência recolhida ao futuro terreno.

Em relação a essa nova realidade em que os processos sociais alcançam uma dada situação estrutural, para Mannheim não se trata de sonhos nem mesmo “imperativos imaginários baixados de alguma esfera absoluta”, (MANNHEIM, 1956:224), tem antes uma vida concreta própria e uma função definida no processo total a partir de um caminho histórico, aquele que segundo Freyer, é direcionado a um futuro fantasioso na medida em que “a ideia de progresso serve de base e esquema geral tanto ao pensamento histórico cristão, como ao pensamento humanístico ilustrado” (FREYER, 1954:39).

Deve-se acrescentar ainda que a convicção progressista colaborou sobremaneira na constituição da nova imagem de história, na medida que o esquema conceitual do tempo é a todo momento impulsionado para frente, de modo a pensar a história universal como um processo singular e irreversível.

Segundo Reinhart Koselleck, nesse momento a história passa a ser concebida em um processo contínuo através de um crescente aperfeiçoamento, quando “os fins continuam a ser

estabelecidos de geração em geração, e os efeitos previstos no plano ou no prognóstico se transformam em elementos de legitimação da ação política” (KOSELLECK, 2006:317). Nesse sentido a história é orientada para um determinado fim, onde as épocas históricas se convergem em etapas que segundo tal pensamento forma um caminho para o qual a humanidade deverá transitar necessariamente nesta ordem.

Uma das preocupações do homem moderno está em saber para onde a história pretende dirigir-se, pois é somente através de alguma ordem estável, aquela responsável por oferecer de maneira geral, segurança, felicidade e condição humana, que fará com que o homem não se oriente por algo superior e transcendental, tornando-se a história possível. Para Freyer, isso não passa de uma teologia da história secularizada, quando “o quiliamo³⁵ não é confessado abertamente, mas com grande frequência é descrito até os mínimos detalhes como uma humanidade bem eletrificada, seguramente satisfeita, cuidadosamente cultivada e socialmente uniformizada” (FREYER, 1965:186), onde o tempo se transforma imperceptivelmente num sentido de evolução.

Em tais condições o sentido quiliástico como uma auréola dessa realidade, se apresenta a partir de uma transformação contínua resultante do movimento de reação iniciado pelo racionalismo. Segundo Mannheim, é através de seu encanto que o quiliismo foi capaz de aprisionar toda uma realidade e mantê-la em movimento associada a uma ideia liberal-humanitária, quando o elemento utópico passa a ter um lugar definido no processo histórico de modo a estabelecer uma relação entre a existência e a sua promessa, ou seja, estar situada no futuro como uma meta significativa.

Seguramente quando o finalismo é incluído na história, o presente passa a exercer uma influência insignificante, momento em que todas as épocas são desvalorizadas sob o encanto do quiliismo, aquele que “olha de soslaio no que se refere a realidade histórica” (FREYER, 1965:190). Para Freyer, todo aquele que é possuído pelo “além” a exemplo do quiliasta, possui um grande rancor pela história real, de maneira a deturpá-la produzindo alienação e desumanização.

Nesse sentido, o quiliismo em sua forma terrena representa para o pensamento histórico um perigo, na medida em que é capaz de impedir o acesso direto às épocas passadas da história e a própria historicidade do homem, de modo a ofuscar, volatilizar e até mesmo destruí-la. Em

³⁵ O quiliamo é a doutrina segundo a qual os predestinados, depois do julgamento final, ficariam ainda mil anos na Terra, no gozo de todos os prazeres; milenarismo.

Freyer, o mais prudente para o homem moderno está em considerar a história destituída de sentido e, portanto, afastada de qualquer tipo de filosofia da história.

Segundo o pensamento do filósofo alemão Odo Marquard quanto a sua atitude cética para com a filosofia da história, verifica-se em seus escritos que ao abordar o tema da “tese da autonomia”, aquela em que “o próprio ser humano faz o seu mundo”, (MARQUARD, 2007:80), demonstraria que para além da teodiceia tradicional, a que procurou defender e justificar a suprema bondade de Deus em face da presença do mal no mundo, foi na teodiceia idealista que comprovaria a irracionalidade da filosofia da história.

Para Marquard, quando a moderna filosofia da história em nome da emancipação propõe solucionar o problema da teodiceia de modo a eleger o homem como o autor e construtor de seu mundo, é também nesse mesmo momento que encontra no ser humano uma carência de vontade para assumir a condução de uma história desfavorável, ocasião em que “vão de forma compulsiva em busca de outro ator”, (MARQUARD, 2007:85).

A escolha desse “outro autor” tem por finalidade exercer a função de um álibi na tentativa de justificar o fracasso humano diante do destino do mundo, a se apresentar em “alguém ou algo, como o espírito universal, as classes sociais”, (MATA, 2008:113), de modo a demonstrar em Marquard, a irracionalidade da filosofia da história através desta simultânea tese entre a autonomia e a heteronomia do ser humano, ou seja, “um retorno deformado do Deus reprimido, (MARQUARD, 2007:89), onde a atribuição da ação divina é substituída pela força do adversário.

Se a crise de orientação histórica e a distorção da realidade atual se dá em consequência de conceber o presente a partir de uma grosseira ideologia futurista que tem por finalidade um objetivo comum e universal, assim como a isenção do homem de toda e qualquer responsabilidade pelos acontecimentos históricos, para Freyer a solução se dá “na medida em que a história se constitui apenas de presentes”, (FREYER, 1965:187), ocasião em que o movimento histórico em seu transcurso se faz inteligível, quando suas tendências e possibilidades são assumidas, apropriadas e dominadas de maneira a conservá-las ou transformá-las pela ação dos indivíduos em seus processos decisórios.

É importante observar que toda situação em que a história apresenta como presente está aberta para o futuro ou mesmo aponta para ele, no entanto, diferente da busca pelo sentido histórico e seu fim último, aqui Freyer está a mencionar um futuro que pertence à figura fundamental do acontecer histórico, aquela que está sempre ao alcance da vista, ou seja, de um futuro dado conjuntamente com o presente. Assim o conceito de futuro existe “sob a forma da

possibilidade, da tarefa, do problema que foi colocado e da decisão por tomar”, (FREYER, 1965:189), quanto a conhecer e assumir os problemas reais de uma época.

Portanto, em relação ao quiliasso, a questão mais importante para Freyer é saber que o encanto pode ser quebrado. Segundo seu entendimento ocorreram significativas mudanças referente ao utopismo técnico de meados do século XIX para com os projetos de engenharia realizados em sua época, ou quem sabe sobre os utopismos sociais na busca por uma redenção da humanidade para com a clara vontade dos homens em se organizar e cuidar de um futuro próximo a partir de políticas públicas no que se refere à organização econômica e social.

Assim sendo, a busca por um sentido para o curso da humanidade a partir de valores universais cada vez se apresenta mais em ruínas, “aquilo que era uma trena sem a qual a humanidade considerava a história destituída de sentido se transformou em ideologia política” (FREYER, 1965:191), de forma que ao se desfazer possibilitou uma maior aproximação com a vida real.

Conclusão

Podemos observar, que segundo a convicção progressista a história é realizada através de critérios e necessidades humanas, onde o objetivo final é tão certo como antes o era a palavra de Deus. Agora a providência deixa de ser organizada e passa a ser materializada, “é aí que reside o fato de que o homem destituiu a providência e tomou seu destino em suas próprias mãos” (FREYER, 1965:185).

Em tais sociedades essa construção cresce a olhos vistos, quando o homem começou a construir “sistemas secundários” em grande escala sob o ideal de uma terra submetida totalmente a uma ordem racional, principalmente após a instauração da época industrial de modo a assumir um caráter de progresso automático.

Assim sendo, verificamos que os sistemas secundários interferem diretamente no interior do sujeito humano a partir da redução do indivíduo, quando a transmissão dos sólidos fundamentos históricos tradicionais é rejeitado pela sociedade moderna de maneira a bloquear e controlar integralmente a herança dos homens de acordo com os seus próprios interesses.

Vivemos segundo Freyer orientados por um sistema secundário não mais guiado sob o ponto de vista de uma utopia que em seu tempo foi capaz de transcender completamente a história, e que, no entanto, ao passar por modificações funcionais e substanciais na medida em que toca mais perto a realidade histórica, ressurgiu como um instrumento de domínio da situação atual.

Construída para garantir alguma segurança e estabilidade, o sistema secundário atua a partir de um fundamento artificial e incondicional, pois na mesma medida em que as condições são arbitrariamente apresentadas, a herança é também recusada, de maneira a produzir uma geração de alienados por meio da redução do ser humano.

No entanto para Freyer, por detrás deste grande movimento da história em marcha, percebe-se a presença regular dos povos particulares e suas culturas, de modo a verificar que “em lugar de uma cultura que progride continuamente, uma pluralidade de culturas históricas; em lugar de uma história universal, uma pluralidade de ciclos culturais conclusos, (FREYER, 1954:44), onde os povos e as culturas já não são simples etapas do processo, mas que carregam consigo princípios e valores em forma de herança, que foram e são criados no decorrer do decurso histórico.

Nesse sentido, verificamos ao longo do texto que os métodos utilizados por Hans Freyer para a compreensão da realidade do tempo presente e do momento histórico de uma época atual estão fundamentados na ideia de “historicidade”, no que se refere a compreensão da vida dos homens no interior das formações sociais.

Para ele, a herança está relacionada com um conjunto de valores que está contido na vida dos indivíduos a partir de sua tradição e cultura, de modo a identificar as autênticas estruturas do mundo moderno enquanto herança verdadeiramente atuante nas manifestações dos indivíduos, através de suas vivências e na vontade dos homens no interior de sua época.

Portanto, as verdadeiras forças de resistência a princípio se manifestam através dos valores coletivos vividos no mito, no simbólico e no imaginário dos homens, uma resistência que se mantêm viva e vigorante, aquela que permanece invisível até o momento em que se apresenta à compreensão dos homens através de figuras objetivas, ideias e tudo aquilo que a constitui.

Conforme observamos em Freyer, se tratam de flutuações de forças humanas atrelada à vontade viva dos homens e seus processos decisórios, que em algum momento agem na história e desaparecem para em seguida ressurgir como figuras, ou seja, representações de um espírito passado que carrega consigo o espírito dos homens de cujo mundo viveram.

Na verdade, este espaço social em que todos vivem é possível destacar um patrimônio cultural tanto material como espiritual, se trata de um espaço em que imprime a sua marca a todos aqueles que se acham vinculados ao grupo, sendo estruturas que são determinadas e sustentadas por uma forma social comunitária, um corpo que se renova constantemente, produzindo resistência e orientação aos indivíduos ao longo do tempo.

Nesse esquema de análise, será útil observar e decidir quais são as manifestações do passado que permanecem como forma de orientação no presente e de que forma elas transitam no tempo.

Para tanto, Freyer compreende que para construir esta manifestação mental em que o passado está contido no presente de maneira ideal e concreta a partir de nossas realizações e criações, será necessário aumentar a nossa identificação e orientação a partir da herança dos antepassados, aquela que precisou primeiro ser aceita para em seguida ser possuída, contribuindo para a construção da historicidade de nossa existência.

É importante observar que a herança histórica imputa aos homens a autonomia por sua situação atual na medida que este legado é aceito e interiorizado, circunstância em que começa a operar no presente na medida em que os valores e ideias de um passado são transmitidos de modo a desempenhar uma ação transformadora junto às formações sociais.

Para Freyer, a compreensão da realidade social se dará no momento em que relacionarmos quais heranças históricas foram lembradas e cultivadas por um povo e com que profundidade e extensão estas heranças foram capazes de influenciar as ações dos homens em um determinado tempo, assim como, identificar quais heranças foram esquecidas e colocadas de lado no interior dos sistemas organizacionais.

No entanto sempre será necessário estarmos conscientes de nossa época atual e, portanto, de nossos interesses para que estejamos em posição de indagar sobre as possibilidades da situação presente. O verdadeiro obstáculo enfrentado por cada indivíduo está em compreender a sua historicidade no interior das formações sociais, ou seja, dentro dos sistemas de relações estabelecidas que em grande parte orientam a sua vontade.

Segundo Hans Freyer, esta inteligibilidade das formações sociais onde as criações humanas serão vivenciadas e compreendidas se dará nas bases de um viés historicista, instante em que o espírito de uma época torna-se o substrato que dá sentido e validade as formas dos objetos, assim como as formas psicológicas, de modo a declarar a validade de um único conteúdo de pensamento e juízo, tanto para aquele que enuncia, quanto para aquele que compreende.

Nessa situação, quando os pensamentos são formulados por uma geração em curso, em que os indivíduos estão dispostos a assumir o acontecimento histórico a partir de sua apreensão e apropriação, de maneira a transformar uma situação dada em uma situação assumida, a história deixa de desenrolar a partir do futuro e passa a ser constituída periodicamente.

Portanto como já havia dito, a verdadeira liberdade para Freyer se dá através da ação do homem na Terra, uma constante renovação decorrente dos desafios e decisões que surgem no interior de cada época, onde velhas leis são reformuladas e vigoradas de acordo com o propósito e as reais necessidades do tempo presente.

Efetivamente a história não pode ser concebida sem decisões, portanto o que se deve fazer é se afastar de todas as fontes de dificuldades de modo a revelar os desafios mais urgentes pertencentes ao seu tempo, pondo-se assim realmente em condições de escolha, pois só assim as decisões procederão verdadeiramente e de maneira responsável no decorrer do decurso histórico.

Referências Bibliográficas

DILTHEY, W. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. Tradução: Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

_____. *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREYER, H. *Comunidade e sociedade como estruturas histórico-sociais*. In: FERNANDES, F. *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

_____. *Das Problem der Utopie. Deutsche Rundschau*. Vol. 183, 1920.

_____. *História Universal de Europa*. Tradução: Antonio Tovar. Madrid: Guadarrama, 1958.

_____. *Introducción a la Sociología*. Tradução: Felipe Gonzalez Vicen. Madrid: Aguilar, 1973

_____. *La Sociología Ciencia de la Realidad. Fundamentación lógica del sistema de la sociología*. Tradução: Francisco Ayala. Buenos Aires: Losada, S. A., 1930.

_____. *Los Sistemas de la Historia Universal*. In: GOETZ, Walter. *História Universal – El Despertar de la Humanidad: las culturas de los tiempos primitivos. Asia oriental y oriente mediterráneo*. Tomo 1. Tradução: Manuel Garcia Morente. Madrid, 1954.

_____. *Teoria da Época Atual*. Tradução: F. Guimarães. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1965.

_____. *Teoria del Espíritu Objetivo*. Tradução: Rafael Gutiérrez Girardot. Buenos Aires: SUR, S. A., 1973.

GEHLEN, Arnold. *A alma na era da técnica*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Livros do Brasil, 1966.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo. Editora UNESP, 1991.

HUNTINGTON, Samuel. “*Conservatism as an Ideology*”. In *Political Thought since World War II*, ed. W. J. Stankiewicz. New York, 1964.

KITCHEN, Martin. *História da Alemanha moderna de 1800 aos dias de hoje*. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEPENIES, W. *As Três Culturas*. São Paulo: Tradução: Maria Clara Cescato. Universidade de São Paulo, 1996.

LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter. *A construção social da realidade*. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1976.

MAIR, Lucy. *Introdução à antropologia social*. Tradução: Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Introdução à sociologia do conhecimento. Tradução: Emilio Willems. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia Sistemática: Uma introdução ao estudo da sociologia*. Tradução: Marialice Mencarini Foracchi. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1962.

MARQUARD, Odo. *Dificultades con la Filosofía de la Historia – Ensayos*. Tradução: Enrique Ocaña. Valência: Pré-Textos, 2007.

MATA, S. DA., MATA, G. V. DA. *Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, v. 3, n. 2, 24 abril/ maio/ junho de 2006.

MATA, Sérgio da. Resenha de MARQUARD, Odo. Las dificultades con la filosofía de la historia. Valencia: Pre-Textos., *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 108-114, 2009. DOI: 10.15848/hh.v0i1.28. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/28>. Acesso em: 17 set. 2021.

MULLER, Jerry Z. *The Other God That Failed. Hans Freyer and the deradialization of German conservatism*. New Jersey: Princeton University Press, 1987.

ORWELL, George. *1984*. Tradução: Wilson Velloso. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins Alemães: A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890-1933*. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SCHELSKY, Helmut. *Situação da sociologia alemã*. Tradução: Otto Rudolf e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1971.

THAPAR, Romila. *Tiempo cíclico y tiempo lineal em la India Antigua*. *Museum Internacional*, n.127, 2005, p. 16-28.

TÖNNIES, F. *Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais*. In: FERNANDES, F. *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

WEBER, Alfred. *História sociológica da cultura*. Tradução: Maria Eduarda Costa da Fonseca e Maria Manuela Duarte Siqueira. Rio de Janeiro: Editora Arcádia, 1950.